

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

BRUNA ALVARES LUNARDELLI

**MELANCOLIA E TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA:
ENTRE LIGAÇÃO E DES-LIGAÇÃO**

Maringá
2012

BRUNA ALVARES LUNARDELLI

**MELANCOLIA E TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA:
ENTRE LIGAÇÃO E DES-LIGAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Linha de Pesquisa: Psicanálise e Civilização.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto.

Maringá
2012

Ficha Catalográfica

L961m Lunardelli, Bruna Alvares.

Melancolia e teoria da sedução generalizada: entre ligação e desligação /Bruna Alvares Lunardelli. – Maringá, 2012.
vi, 91 f.; 30cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá-
UEM, Programa de Pós-graduação em Psicologia, 2012.

Orientador: Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto.

Bibliografia: f. 88-91.

1. Melancolia - Tese. 2. Mania - Tese. 3. Psicanálise - Tese. 4.
Teoria da sedução generalizada - Tese. I. Mello Neto, Gustavo Adolfo
Ramos. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências
Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Psicologia.
III. Título.

CDU: 159.964.2

Bibliotecária responsável: Terezinha Batista de Souza - CRB 359/9

FOLHA DE APROVAÇÃO

BRUNA ALVARES LUNARDELLI

**MELANCOLIA E TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA:
ENTRE LIGAÇÃO E DES-LIGAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto
PPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)

Profa. Dra. Viviana Carola Velasco Martinez
PPI/Universidade Estadual de Maringá

Profa. Dra. Maria Teresa de Melo Carvalho
Universidade Federal de Minas Gerais

Aprovada em: 16 de abril de 2012.

Local da defesa: Sala 06, do bloco 118, no *Campus* Sede da Universidade Estadual de Maringá.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto, pela orientação competente deste trabalho, pelo apoio e incentivo ao longo da trajetória do mestrado, e por acreditar que eu sempre podia avançar mais;

À Profa. Dra. Viviana Carola Velasco Martinez, que, por ocasião da coordenação do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Civilização, da Universidade Estadual de Maringá, e da participação na banca de qualificação, acompanhou de perto o desenvolvimento do meu trabalho, contribuindo com valiosas sugestões e direcionamentos na elaboração desta pesquisa;

À Profa. Dra. Maria Teresa de Melo Carvalho, pelos ricos apontamentos e indicações de leitura fornecidos no exame de qualificação deste trabalho, que muito colaboraram para a melhoria dos meus escritos;

A vocês, Prof. Gustavo, Profa. Viviana e Profa. Maria Tereza, meus sinceros agradecimentos, ainda, por terem sido os primeiros a me apresentarem a Teoria da Sedução Generalizada, com as significativas inovações que esta teoria trouxe ao meu entendimento da psicanálise;

Aos meus colegas do mestrado, pelas interlocuções instigantes e enriquecedoras, por todo o apoio e por compartilharem comigo as angústias e o amadurecimento que só um mestrado proporciona;

À Verônica Merlin Viana Rosa, pela cuidadosa revisão e normatização desse trabalho;

À minha família, pelo apoio irrestrito, pelo incentivo constante e por ser, sempre, meu porto seguro, e a todas as pessoas que de algum modo me acompanharam nessa jornada e colaboraram para a realização dessa dissertação, o meu muito obrigada.

MELANCOLIA E TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA: ENTRE LIGAÇÃO E DES-LIGAÇÃO

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa essencialmente teórica, no âmbito da Psicanálise, cujo objetivo principal constituiu-se em empreender, sob o enfoque da teoria psicanalítica – em especial, da Teoria da Sedução Generalizada, de Jean Laplanche – uma leitura do quadro psicopatológico da melancolia. Para isso, retomou-se o pensamento encontrado na psicanálise a respeito da melancolia, sendo considerada, neste trabalho, a obra de Sigmund Freud, porém apenas os textos que apresentavam relação estreita com o assunto estudado. Essa revisão se propôs a servir de base para, a partir disso, realizar-se uma leitura laplancheana dessa patologia. Em decorrência, entra em cena a Teoria da Sedução Generalizada, de Laplanche, a qual, com o seu característico descentramento do sujeito, e as noções de situação antropológica fundamental, mensagem enigmática e recalçamento originário, permitiu situar a melancolia frente a outras posições e questionamentos. Assim, chegamos à hipótese de que há, nessa patologia, uma falha do recalçamento secundário, que, ao não firmar o recalçamento originário, o faz ceder e lança o psiquismo do melancólico em uma luta entre a ligação e a desligação pulsional, na qual o superego tem papel de destaque, promovendo um ataque interno da alteridade excessiva que ele veicula. Tal ataque leva as instâncias egoicas a um recuo de suas fronteiras, ficando o indivíduo sob o domínio da sexualidade desligada. A mobilidade das fronteiras das instâncias psíquicas de acordo com a maior ou menor desligação pulsional explica, portanto, de maneira geral, os estados melancólicos, maníacos e os intervalos livres observados nessa patologia, bem como a característica alternância entre eles.

Palavras-chave: Melancolia. Mania. Psicanálise. Teoria da Sedução Generalizada.

MELANCHOLY AND THEORY OF GENERALIZED SEDUCTION: BETWEEN CONNECTION AND DIS-CONNECTION

ABSTRACT

This is an essentially theoretical research in the context of psychoanalysis, whose main objective consisted in undertaking, from the standpoint of psychoanalytic theory – in particular, the Theory of Generalized Seduction, of Jean Laplanche – a reading frame of psychopathological melancholy. For this, resumed the thought found in psychoanalysis about the melancholy, being considered in this research, the work of Sigmund Freud, but only the texts that had close relationship with the subject studied. This review proposes to provide a basis for, from this, perform a laplanchean reading of this pathology. As a result, comes in the Theory of Generalized Seduction of Laplanche, which is characteristic displacement of the subject, and the notions of fundamental anthropological situation, cryptic message and original repression allowed melancholy place compared to other positions and questions. So we come up with the hypothesis that there is, in this pathology, a failure of secondary repression, that by not signing the original repression, it does give in and throws the psyche of the melancholy in a fight between the connection and disconnection drive, in which the superego has an important role, promoting an internal attack of otherness excessive that it conveys. Such an attack leads to a decrease instances ego its borders, leaving the individual in the area of sexuality off. The mobility of the boundaries of psychic instances in accordance with the greater or lesser disconnecting said drive therefore, in general, melancholic states, manic and free intervals observed in this pathology, as well as the switching characteristic between them.

Keywords: Melancholy. Mania. Psychoanalysis. Theory of Generalized Seduction.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 A MELANCOLIA NA PSICANÁLISE FREUDIANA	17
2.1 O Luto e a Melancolia.....	17
2.2 A Perda do Melancólico	19
2.3 Mecanismo de Defesa: A Sombra do Objeto no Ego	23
2.4 O Superego e o Suicídio.....	27
2.5 A Mania	34
3 UMA LEITURA DA MELANCOLIA A PARTIR DA TSG.....	40
3.1 Breve Apresentação da Teoria da Sedução Generalizada	40
3.2 Ponto de Partida: o Descentramento do Sujeito e a Desconstrução da Teoria Freudiana?	46
3.3 Mensagem enigmática, Tradução e Recalque na Melancolia.....	55
3.4 Por um Tempo Auto ou Narcisismo?.....	60
3.5 A Constituição Tópica do Psiquismo e o Superego.....	64
3.6 Outros Fenômenos da Melancolia: Mania e Suicídio	73
4 A MELANCOLIA E SUA RELAÇÃO COM O OBJETO: EM BUSCA DE UMA SÍNTESE.....	78
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS.....	88

1 INTRODUÇÃO

*“E agora é só melancolia
Pois nunca mais amanheceu
Pra nossa vida tão vazia
Escureceu”
(Martinho da Vila – Melancolia).*

A proposta deste trabalho diz respeito a uma abordagem do quadro psicopatológico de melancolia sob uma ótica psicanalítica; mais particularmente, trata-se de empreender uma leitura desta patologia a partir da Teoria da Sedução Generalizada, de Jean Laplanche.

A opção pelo aporte teórico da Teoria da Sedução Generalizada (TSG) faz parte da inserção desse estudo em um grupo de pesquisa mais amplo, o Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Civilização, da Universidade Estadual de Maringá, cujos pesquisadores atualmente têm se proposto a estudar temas variados a partir dessa teoria.

O interesse pelo tema surgiu da minha prática profissional como psicóloga do Centro de Atenção Psicossocial “Conviver”/ CAPS-III¹, de Londrina-PR, em que a busca de uma maior compreensão da melancolia, sobretudo pelo enfoque psicanalítico, impôs-se a mim como uma tarefa importante.

O estudo desse tema representa, ainda, uma continuidade dos meus estudos iniciados em monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica Psicanalítica, da Universidade Estadual de Londrina. Esses estudos foram a respeito da melancolia sob uma perspectiva histórica psiquiátrica e, principalmente, psicanalítica freudiana, e me proporcionaram uma primeira aproximação teórica ao tema.

Ao acompanhar pacientes melancólicos (alguns em quadros apenas melancólicos, outros maníacos, outros com alternância desses dois estados) e seus familiares, deparamo-nos com intenso sofrimento e desespero, tanto por parte dos pacientes e de suas famílias, quanto da equipe técnica que os atende; sofrimento e desespero nosso inclusive, como psicólogos. Tais situações são aflitivas, extenuantes, mobilizam emoções intensas e levam todos os envolvidos ao limite de suas forças.

Julia Kristeva (1989), em sua obra a respeito da depressão e melancolia, caracteriza esses quadros como um “sol negro”, em que o “abismo de tristeza, dor incomunicável” que absorve o melancólico, o faz “perder o gosto por qualquer palavra, qualquer ato, o próprio gosto pela vida” (p. 11). Segundo a autora, qualquer golpe, derrota ou dificuldade sofrida pelo

¹ Serviço de saúde mental do SUS, referência no atendimento de pessoas com transtornos psiquiátricos severos e persistentes: quadros neuróticos graves e psicóticos. Dispõe de funcionamento 24 horas e de leitos para acolhimento dos pacientes em situação de crise por até sete dias, de maneira geral.

melancólico funciona como um gatilho que dispara a melancolia e, com isso, uma vida impossível de ser vivida, carregada de aflições, desespero e temores, às vezes incolor e vazia também. Tais acontecimentos são, geralmente, desproporcionais à catástrofe interna que provocam, o que nos remete à incapacidade desses pacientes de lidar com perdas, à impossibilidade de um ego frágil de realizar o trabalho de luto e de se dissociar do objeto perdido.

Tanto na fase melancólica, de inibição, abatimento e falta de simbolização, conforme Kristeva (1989), quanto na fase maníaca, de exaltação, que caracterizam essa psicopatologia, o que parece estar em jogo nesses indivíduos é a dificuldade de elaboração das perdas, com as quais nos deparamos durante toda nossa vida, inúmeras vezes. Portanto, tais pessoas sofrem e fazem sofrer em todas as esferas de relacionamento, tanto social, familiar e amoroso, quanto profissional. Diante disso, justifica-se um estudo a respeito da melancolia pela enorme destruição que essa patologia causa, pelo sofrimento que acarreta, e pelo grande número de pessoas que atendemos em nossas clínicas e, em maior ou menor grau, apresentam características melancólicas de funcionamento psíquico. Ainda, faz-se necessário apontar, como justificativa, a pequena quantidade de estudos relativos ao tema.

Os estudos iniciais em psicanálise a respeito da melancolia foram realizados por Freud desde 1895 até a parte final de suas teorizações, porém, tal estudo foi realizado de maneira mais pormenorizada por volta de 1915, em *Luto e Melancolia*. Karl Abraham e Melanie Klein também se dedicaram a estudar, após Freud, aprofundadamente a melancolia, até por volta do ano de 1940. No entanto, pesquisas realizadas no PsycInfo, base de dados na área de Psicologia da American Psychological Association (APA), mostram que, após esses autores, a produção científica psicanalítica a respeito da melancolia e da mania até os dias atuais é pequena comparada a outros quadros psicopatológicos, como a histeria e a neurose obsessiva. O estudo da mania e da melancolia por meio do referencial da Teoria da Sedução Generalizada é, sobretudo, inexistente segundo as buscas realizadas no PsycInfo, justificando a relevância de pesquisas nessa área, principalmente em relação à abordagem da TSG.

Temos, portanto, por objetivo geral, analisar a melancolia a partir do referencial teórico da Teoria da Sedução Generalizada. Para isso, destacamos mais especificamente, como objetivos deste trabalho, realizar uma revisão bibliográfica dos textos de Freud a respeito da melancolia, construindo as bases para, a partir disso, discutir uma possível leitura dessa patologia sob o enfoque da TSG.

Antes de tudo, porém, é preciso falar algo acerca das diferentes terminologias utilizadas para o fenômeno da melancolia, tanto pela psiquiatria como pela psicanálise, ao

longo da história dessas duas disciplinas. Muitos são os nomes: desde os mais antigos, como melancolia e mania, a conhecida psicose maníaco-depressiva, até o mais atual, transtorno de humor bipolar. No entanto, fazemos a opção de manter nesse trabalho a expressão tradicional *melancolia*, que é utilizada por Freud em suas obras e correntemente empregada no meio psicanalítico em referência a essa patologia. Tal expressão engloba em seu significado tanto os quadros puros de melancolia, quanto os quadros em que o estado melancólico se alterna com a mania – que também é levada em conta aqui, uma vez que seu estudo possibilita alguma compreensão da melancolia, sendo uma a face oposta da outra em uma mesma moeda, a moeda do complexo melancólico, como podemos observar na clínica desses pacientes.

Além desse problema de diversidade de nomenclaturas para uma mesma patologia, cabe salientar também que existem divergências quanto à definição diagnóstica da melancolia e da mania, até mesmo no terreno da psicanálise.

Em *Luto e Melancolia* (1917/1996), Freud afirma que não reivindica uma compreensão da patologia com validade geral a todos os casos de melancolia, uma vez que esta é uma patologia cuja definição varia até mesmo na psiquiatria descritiva, pois apresenta formas clínicas variadas, chegando até mesmo a considerar que alguns desses tipos de melancolia possuem somente causa orgânica e não psíquica, sendo apenas um reduzido número de casos de melancolia desencadeado por fatores incontestavelmente psicológicos. Diz Freud (1917/1996):

devemos começar por fazer uma confissão, como advertência contra qualquer superestimação do valor de nossas conclusões. A melancolia, cuja definição varia inclusive na psiquiatria descritiva, assume várias formas clínicas, cujo agrupamento numa única unidade não parece ter sido estabelecido com certeza, sendo que algumas dessas formas sugerem afecções antes somáticas do que psicogênicas. Nosso material, independentemente de tais impressões acessíveis a todo observador, limita-se a um pequeno número de casos de natureza psicogênica indiscutível. Desde o início, portanto, abandonaremos toda e qualquer reivindicação à validade geral de nossas conclusões, e nos consolaremos com a reflexão de que, com os meios de pesquisa à nossa disposição hoje em dia, dificilmente descobriríamos alguma coisa que não fosse

típica, se não de toda uma classe de perturbações, pelo menos de um pequeno grupo delas. (p. 249).

Portanto, seus estudos reuniram apenas os casos classificados como sendo de natureza psicogênica, cujas explicações deviam servir estritamente a esses casos. No entanto, Freud complementa mais a frente (p. 258), – ampliando o alcance de suas considerações e desfazendo os rígidos limites que estabeleceu anteriormente entre o orgânico e o psíquico –, dizendo que seríamos tentados a considerar muitos dos casos de melancolia cíclicas (em que a melancolia se alterna com a mania e com períodos de remissão ou intervalos livres, isto é, período sem sintomas marcadamente maníacos ou melancólicos, e assim se repetem ciclicamente ao longo do tempo) como sendo de causa orgânica ou somática, não fosse o fato de que o método psicanalítico, de acordo com sua experiência, conseguiu chegar a uma solução e efetuar uma melhoria terapêutica em vários casos precisamente dessa espécie.

A melancolia para Freud à época dos seus rascunhos enviados a Fliess, quando iniciou seus estudos psicológicos a respeito dessa patologia, seria o produto de um acúmulo de tensão sexual psíquica, com características de apatia, inibição, com sintomas somáticos de pressão intracraniana, dispepsia e insônia. Em 1895, no *Rascunho G* dedicado à melancolia, Freud a define, já em termos mais psicanalíticos, como um luto por perda da libido, cujos efeitos seriam inibição psíquica, empobrecimento pulsional, provocado pela “hemorragia interna” da libido que a melancolia ocasiona como se fosse uma “ferida” psíquica, e o respectivo sofrimento que a perda desta acarreta. Existiam, em seu pensamento nessa época, três formas de melancolia: uma forma típica e extremada de melancolia, chamada de grave comum, que parece ser a forma periódica ou cíclica; a forma neurastênica; e, por fim, a melancolia de angústia.

Em *Luto e Melancolia* (1917/1996), Freud explica a melancolia como produzida, ao modo do luto, por uma reação à perda de um ente querido ou de alguma abstração (país, liberdade, ideal). Tal patologia, em termos sintomáticos, consiste em um sentimento de desânimo, com perda de interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda e qualquer atividade e uma diminuição da autoestima, que leva a autorrecriminações e uma expectativa delirante de punição. Em concomitância, estão presentes os sintomas de anorexia, insônia e um intenso sentimento de culpa, bem como a possibilidade de suicídio. A característica mais expressiva da melancolia, para Freud, no entanto, é sua propensão a transformar-se em mania. Por mania, ele caracteriza a fase em que estão presentes sentimentos de alegria, triunfo ou exultação, de autossatisfação, maior disposição para

qualquer tipo de ação devido à maior quantidade de energia, desinibição, humor jocoso, aumento da busca por novas catexias objetivas que se traduz em maior sociabilidade, perda de autocrítica, de sentimentos de consideração pelos outros e de autocensuras. Além disso, são três as precondições que Freud considera essenciais ao surgimento de um quadro de melancolia (incluindo aí a mania) e estão sempre presentes neste: perda de objeto, ambivalência e narcisismo.

É a esta última caracterização da mania e da melancolia, que Freud expõe em *Luto e Melancolia*, que adotamos neste trabalho e por meio da qual entendemos tal quadro patológico.

Em relação à classificação diagnóstica da melancolia, notamos que Freud, ao longo de sua obra, alternou sua visão a respeito dessa doença, caracterizando-a em um primeiro momento, de acordo com Simanke (2009), próxima ao campo das neuroses atuais, para depois aproximá-la das psiconeuroses de defesa, por meio de uma relação com a paranoia. Em um segundo momento, com o anúncio da teoria do narcisismo, situou-a em uma subdivisão das psiconeuroses de defesa, na categoria das neuroses narcísicas, juntamente com a paranoia, esquizofrenia e a confusão alucinatória ou *amentia*, em oposição ao subgrupo das neuroses de transferência, que inclui histeria de conversão, de angústia e neurose obsessiva. Por fim, com a formulação da segunda tópica, Freud irá finalmente, na visão de Simanke, dar início a uma distinção nosográfica entre neurose e psicose (substituindo a categorização anterior: neurose de transferência versus neurose narcísica), deixando a categoria de neurose narcísica para a melancolia, que a partir desse momento, constitui-se como sua única representante.

Segundo Laplanche e Pontalis (1967/2001), a expressão neurose narcísica tende a entrar em desuso, e hoje, no pós-Freud, aceita-se a melancolia como uma psicose, a maníaco-depressiva, juntamente com a paranoia e a esquizofrenia. Contudo, são observados movimentos contrários na psicanálise, que cada vez mais têm resgatado a especificidade da melancolia como uma neurose narcísica, diferenciando-a da psicose, e até mesmo da doença maníaco-depressiva, a exemplo dos trabalhos de Marie-Claude Lambotte, na França².

Existe, ainda, o problema da diferenciação entre depressão e melancolia. Sabemos que a depressão pode ser encontrada em várias estruturas psíquicas, bem como em diversas

² Marie-Claude Lambotte (1997) estuda há várias décadas a melancolia, sendo atualmente uma das maiores especialistas francesas no assunto. Para ela, a melancolia seria diferente da psicose maníaco-depressiva, e considerar a melancolia também como uma psicose, sem levar em conta as múltiplas formas sintomáticas que ela pode assumir, não contribui para uma maior compreensão do tema. A autora insere a melancolia, então, como uma estrutura inteiramente à parte – nem nas neuroses, nem nas psicoses – nas neuroses narcísicas, em que é necessário tentar construir conceitos metapsicológicos para um entendimento da melancolia, além dos mecanismos psíquicos da renegação ou forclusão encontrados na psicose.

patologias, sem que constitua em si uma verdadeira estrutura psíquica, enquanto que a melancolia, ela própria, constitui uma forma de estrutura psíquica e de patologia bem específica. Para Freud (1926/1996), havia vários estados de depressão, sendo a melancolia o mais grave deles. Porém, em suas obras, observa-se um Freud cauteloso em definir e especificar a melancolia, diferenciá-la da depressão ou em apontar sua etiologia.

Em relação a isso, Laplanche (1980/1993) faz uma análise do texto freudiano *Luto e Melancolia*, de 1917. Grosso modo, diz que Freud está abordando o campo das depressões, mas o texto concentra-se em um caso particular de depressão, a depressão melancólica. Explicita o fato de que estudiosos não chegaram ainda a um consenso a respeito das depressões, no entanto, cita a existência de depressões de aspecto normal, justificadas, neuróticas e melancólicas.

Para Laplanche (1980/1993), a posição de Freud em relação à problemática das depressões é, simultaneamente, de unidade e diversidade: “a cada tipo de depressão parece acrescentar-se um elemento suplementar, em relação à depressão mais simples, mais próxima da normal que lhe serve de base.” (p. 293). Laplanche distingue no pensamento de Freud três níveis diferentes de tipos de depressão. Por meio da conhecida analogia que faz do luto com a melancolia, o primeiro desses níveis seria o luto propriamente dito; em um segundo nível estaria situado o luto patológico (tipo de depressão, para Laplanche, que Freud relaciona com a neurose obsessiva, sendo, portanto, uma depressão neurótica); e, por fim, a melancolia, que na opinião de Laplanche seria uma psicose.

Maria Rita Kehl (2009), em livro dedicado ao estudo das depressões, aprofunda essa discussão ao ressaltar que a depressão está mais para a clínica das neuroses do que das psicoses, participando, portanto, das estruturas neuróticas, mas possuindo, todavia, uma singularidade em relação a estas. Segundo a autora, existe uma posição subjetiva do depressivo, que difere da posição subjetiva do histérico e do obsessivo, apesar destes últimos também apresentarem momentos depressivos em suas vidas. Explica a autora que as depressões,

não se confundem com estados de ânimo tais como tristeza, abatimento, desânimo, inapetência para a vida, embora todos estes participem também do sofrimento do depressivo. Por outro lado, também não se confundem com as ocorrências depressivas esporádicas a que todo neurótico está sujeito em razão de perdas, fracassos ou lutos mal-elaborados. (p. 14).

A depressão seria, então, o único modo de viver, ser e estar no mundo que os depressivos são capazes de experimentar e caracterizam-se por sentimentos de vazio, abatimento, lentidão mental e corporal, em uma posição subjetiva de castrados e impotentes a que se refugiam frente à possibilidade de derrotas e perdas, em situações de rivalidade com a qual nos deparamos todos ao longo da vida (Kehl, 2009).

Já a melancolia é colocada pela autora como sendo muito diferente da depressão, apesar da expressão sintomática das duas patologias serem, por vezes, semelhante. Kehl (2009) critica o entendimento dessa diferença apenas como variação de grau, em que a melancolia seria uma forma mais grave de depressão, mesmo localizando a melancolia mais próxima das estruturas psicóticas do que das neuróticas, ou seja, em um quadro mais grave. A autora identifica a posição subjetiva dessa patologia com um sentimento de desesperança, desvalia absoluta do eu e dor moral, sentimentos que o melancólico tenta justificar por meio de autoacusações e produções delirantes, vendo-se preso em um tempo morto, como alguém sem futuro, que não existe nem para si, nem para os outros, desde a sua construção subjetiva mais precoce. E é também como psicose, com suas características de grave afastamento da realidade externa, narcisismo e sintomatologia delirante, que pode levar ao suicídio, a qual entendemos a melancolia nesse trabalho.

Feitas tais distinções, ressaltamos que se trata aqui, metodologicamente, de uma pesquisa teórica com base na psicanálise, privilegiando-se a Teoria da Sedução Generalizada de Laplanche.

Estabelecemos como critério de seleção abordar na revisão bibliográfica apenas os textos de destaque de Sigmund Freud que tratam mais especificamente da melancolia e da mania. Essa escolha deveu-se ao fato de que Freud introduziu uma nova forma de pensar essa psicopatologia, de maneira rica e bem fundamentada.

Os textos iniciais tiveram como propósito fornecer material para sustentar as discussões posteriores de acordo com a teoria de Laplanche, uma vez que o foco deste trabalho não é uma revisão de toda a literatura psicanalítica a respeito da melancolia, mas sim propiciar uma leitura com as contribuições de outro ramo teórico da psicanálise, a TSG de Laplanche, porém, sem desconsiderar o que foi escrito anteriormente.

A apresentação e o exame do pensamento de Freud a respeito da melancolia foram realizados em meio a uma tentativa de organização do material analisado, sistematizando-o em categorias que do nosso ponto de vista englobam os principais aspectos da melancolia, são eles: a relação dessa patologia com as perdas e o luto, os mecanismos psíquicos e a tópica

psíquica que lhe caracterizam, bem como os fenômenos que podem acompanhá-la, isto é, o perigo do suicídio e a transformação em mania.

Nos passos seguintes deste estudo, discutimos uma possibilidade de leitura da melancolia a partir da Teoria da Sedução Generalizada, por meio da obra de Laplanche entre outros autores. Para tanto, fez-se necessário uma apresentação sucinta das linhas gerais da TSG para situar o leitor na discussão que se segue. Tal discussão está estruturada também em categorias temáticas na tentativa de dar conta de um fenômeno complexo como este em seus variados aspectos. Assim sendo, as categorias escolhidas foram: mensagem enigmática, tradução e recalque na melancolia; autoerotismo e narcisismo; a constituição tópica do psiquismo melancólico e o papel do superego; e, por fim, a questão do suicídio e da mania.

Caminhando para a finalização deste trabalho, optamos por delimitar um conceito psicanalítico de relevância para a discussão da melancolia, o conceito de objeto, com o intuito de trilhar por meio dele, algumas considerações e questionamentos a respeito da melancolia e suas especificidades, com o apoio da Teoria da Sedução Generalizada.

Sabemos que a questão do método na pesquisa teórica psicanalítica é complexa. Contamos apenas com referências esparsas a esse respeito, e uma dessas referências é o próprio método que Laplanche desenvolveu para estudar Freud. Laplanche propõe um “retorno sobre Freud”, para “fazer trabalhar” o texto freudiano, e assim poder estudar de maneira profunda a sua obra, problematizando-a e tomando-a sem desconsiderar sua historicidade, para articulá-la internamente com ela mesma e com produções de outros autores e, assim, reconhecer contradições e sobreposições, transportando-as para outro nível de entendimento.

Nas palavras de Laplanche (1992c, p1), temos o dever, na pesquisa em psicanálise, de “questionar, de argüir, de problematizar a partir de um tema de aparência clássica na psicanálise freudiana. Problematiza é abalar, pôr à prova, até os fundamentos”. Com isso, nos propusemos nessa pesquisa a nos orientarmos por essas diretrizes metodológicas de Laplanche ao trabalhar os textos utilizados e articulá-los, com o objetivo de discuti-los apontando impasses, pontos não suficientemente explorados e problemas deixados em aberto na tentativa de avançar no entendimento da melancolia.

Quanto à estrutura formal, esta dissertação está organizada em capítulos. Neste primeiro capítulo de introdução é apresentado o tema geral, a justificativa pela sua escolha, e, também, a organização deste estudo. No segundo, há um levantamento teórico inicial do trabalho, com base nas teorizações de Sigmund Freud. No terceiro capítulo é introduzido o referencial teórico de Laplanche, que será analisado e discutido em subitens, tendo como

recorte a melancolia. No capítulo seguinte, segue-se a discussão das relações da melancolia com seu objeto. Por fim, são apresentados os comentários conclusivos a respeito da pesquisa, seguindo-se a lista das fontes de informação utilizadas na elaboração do trabalho.

Vamos, então, a uma revisão da melancolia em Freud.

2 A MELANCOLIA NA PSICANÁLISE FREUDIANA

Escolhemos como fio condutor desta revisão o texto *Luto e Melancolia* (1917/1996) de Freud. Tal texto foi uma tentativa mais concentrada deste autor em lançar luz ao entendimento da melancolia, tentativa iniciada ainda em 1895, no *Rascunho G*, e que se seguiu também em textos posteriores, como, por exemplo, *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*, de 1921, e em *O Ego e o Id*, de 1923, porém de maneira menos específica e mais pulverizada.

Nos anos 1970-73, Laplanche (1980/1993), ao abordar a angústia moral, em suas *Problématiques* – cursos públicos proferidos por ele na universidade, nos quais expunha um método interpretativo e de levantamento de problemas ao longo de certos eixos principais da teoria psicanalítica –, retomou *Luto e Melancolia* de Freud, fornecendo-nos explicações esclarecedoras a respeito do texto. É, portanto, em torno de *Luto e Melancolia* e dos comentários de Laplanche, em sua faceta exegeta e problematizadora da teoria freudiana, que começaremos aqui a pensar a melancolia.

2.1 O Luto e a Melancolia

"O luto tem uma missão psíquica definida, que consiste em estabelecer uma separação entre, de um lado, os mortos, e de outro, as lembranças e as esperanças dos sobreviventes."
(Sigmund Freud – *Totem e Tabu*).

Com a finalidade de alcançar alguma compreensão a respeito da melancolia, Freud inicia sua investigação em *Luto e Melancolia* (1917/1996) comparando essa patologia com o afeto normal do luto. Para o autor, a comparação se justifica, pois tanto o enlutado quanto o melancólico apresentam características razoavelmente semelhantes em relação ao quadro geral em que se encontram e às causas que desencadeiam tal quadro. Diz Freud (1917/1996):

o luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. Em algumas pessoas, as mesmas influências produzem melancolia em vez de luto; por conseguinte, suspeitamos de que essas pessoas

possuem uma disposição patológica. Também vale a pena notar que, embora o luto envolva graves afastamentos daquilo que constitui a atitude normal para com a vida, jamais nos ocorre considerá-lo como sendo uma condição patológica e submetê-lo a tratamento médico. Confiamos em que seja superado após certo lapso de tempo, e julgamos inútil ou mesmo prejudicial qualquer interferência em relação a ele. (p. 249).

Além de todo sofrimento que acomete o enlutado, nota-se nele, segundo Freud (1917/1996) uma perda temporária de interesse pelo mundo externo e pela execução de suas atividades cotidianas, desde as mais corriqueiras até as mais prazerosas, como o lazer, assim como a perda do interesse em buscar novos objetos de amor. Nesse momento doloroso, o psiquismo do enlutado parece só conseguir se ocupar do seu objeto: seja a propósito de sua perda, seja na tentativa de mantê-lo vivo em suas lembranças e recordações.

Esta inibição observada em quem se encontra em estado de luto, bem como a diminuição na realização de suas atividades normais, demonstra que o ego do enlutado está envolvido em um trabalho psíquico de apreensão e compreensão dessa perda, com o qual se envolverá por um determinado tempo, sem sobrar energia a outros objetivos e interesses. É a essa tentativa do psiquismo de dar conta da perda, com a correspondente sintomatologia que acabamos de descrever, que Freud vai nomear de “trabalho do luto”.

O trabalho psíquico realizado no luto ocorre por meio do teste da realidade, em que o enlutado, ao confrontar-se com esta, não pode escapar à percepção de que o objeto amado não existe mais, e que terá que retirar toda a libido que havia destinado às relações com este objeto. Tal retirada provoca veementes oposições no psiquismo. Isso se deve ao fato, percebido por Freud (1917/1996), de que nunca abandonamos de maneira tranquila e não dolorosa uma posição libidinal conquistada ou um objeto por nós investido libidinalmente, nem mesmo quando já possuímos outro objeto ou posição em vista.

Essa oposição propicia que o enlutado se envolva em um desvio ou negação da realidade – da realidade da perda do seu objeto amado –, e que se apegue a ele como se não houvesse desaparecido, seja lá qual for a causa dessa perda: morte, término de uma relação, etc. Este apego ao objeto, a despeito de sua perda, caracteriza uma transitória “psicose alucinatória carregada de desejo” (Freud, 1917/1996, p. 250), em que pelo menos, momentaneamente, o sujeito pode alucinar que não perdeu seu objeto, mantendo-o vivo e presente em seu psiquismo. Porém, segundo Freud, a realidade prevalece no final do processo e o enlutado é obrigado, pelo contato com o mundo externo, a reconhecer sua perda. O

reconhecimento é realizado vagarosa e lentamente, com alto gasto de energia, prolongando ainda nesse processo a existência do objeto amado no psiquismo. Isso ocorre da seguinte forma, nas palavras de Freud (1917/1996):

cada uma das lembranças e expectativas isoladas através das quais a libido está vinculada ao objeto é evocada e hipercatexizada, e o desligamento da libido se realiza em relação a cada uma delas. Por que essa transigência, pela qual o domínio da realidade se faz fragmentariamente, deve ser tão extraordinariamente penosa, de forma alguma é coisa fácil de explicar em termos de economia. É notável que esse penoso desprazer seja aceito por nós como algo natural. Contudo, o fato é que, quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido. (pp. 250-251).

Se ao fim desse trabalho o enlutado supera o processo do luto, bem como a perda sofrida, e pode investir em outros objetos novamente, retornando à sua vida normal, consideramos tal processo como um luto normal, com um desfecho saudável e esperado. Já a melancolia, cujo quadro assemelha-se ao do luto, e, mais ainda, cujas causas desencadeantes coincidem, ou seja, partem de uma perda, é tomada como condição patológica. Por quais razões ela se torna patológica e o luto não? Quais seriam então suas diferenças com o luto e de qual perda ela trata?

2.2 A Perda do Melancólico

*“Não posso senão estar triste; e tão pesadamente triste
Que, embora ao pensar não pense nenhum pensamento,
Isto me faz, com o pesado nada, desfalecer e sucumbir.”
(William Shakespeare – King Richard II, Ato III, Cena I).*

Segundo Freud (1917/1996), o melancólico apresenta, para além das características do enlutado, alterações notórias na sua autoestima, sendo esta a diferença com o estado do luto da qual o autor parte para pensar a melancolia, avançando na sua teorização a respeito desta patologia. A melancolia se apresenta, de acordo com Freud (1917/1996), como

um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma

diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. (p. 250).

Nota-se, nesta descrição, que as características da melancolia coincidem com as do estado de luto, com exceção da perturbação da autoestima, que é característica essencial da melancolia. Vemos Freud se perguntar como a perda do objeto amado pode resultar em uma perda da autoestima, ou seja, uma perda referente ao ego e seu valor, e conduzir sua pesquisa na busca de uma compreensão da melancolia em torno da diferença desta patologia com o luto normal.

Desde o *Rascunho G*, de 1895, Freud já estabelece como paralelos o afeto normal do luto e a patologia melancólica, sendo que nesta última a perda se referia a uma perda na vida pulsional, em uma espécie de luto pela perda de libido. Em outros textos, como o *Rascunho N*, de 1897, e *Contribuições para uma Discussão acerca do Suicídio*, de 1910, Freud também ressalta a proximidade dos estados normais de luto com o estado patológico da melancolia. No primeiro texto, o autor (1897/1996) discorre a respeito dos impulsos hostis dirigidos aos pais, presentes em alguns indivíduos, que aparecem como o desejo de que eles morram. No entanto, em ocasiões em que há possibilidade de que esse desejo se concretize, como, por exemplo, na ocorrência de doença ou na situação de possibilidade real de morte dos pais, esses impulsos hostis são recalçados. Tais acontecimentos provavelmente desencadeiam nessas pessoas, durante o processo de luto, culpas e autoacusações pela morte de seus pais, compondo-se, então, a melancolia³.

No texto de 1910, Freud tenta explicar o suicídio, mas ainda não consegue elucidar seu problema, segundo ele mesmo, a não ser por tomar como ponto de partida novamente a comparação dos processos afetivos do luto e da melancolia, assinalando que ele ainda não chegou também a uma compreensão psicanalítica a respeito dessas duas condições, mas estabelece uma relação do suicídio com a melancolia, cujo desfecho de fato chega a ser, não raramente, colocar fim à própria vida.

³ Esse trecho de Freud nos remete a estudo mais recente, um artigo de Martínez (2004) intitulado “*As Malvadas Mães*” e o *Ciclo de Nirvana: a Melancolia de Segantini*. Nesse estudo, a autora aponta alguns aspectos da melancolia a partir da análise do pintor Segantini feita por Abraham, e coloca a melancolia como dois lutos impossíveis: pela perda precoce da mãe e pelo assassinato do pai, assassinato este cometido pelo próprio filho em suas fantasias de realização desse desejo infantil. Diz Martínez: “o pai morto deixa Segantini no total abandono e desamparo, legando ao filho parte de si mesmo, uma herança identificatória, de autonomia, grandeza, mas também de morte” (p. 72), com a qual o artista se identifica. Essa dupla identificação de grandeza e morte “possa talvez ser situada dentro do que Berlinck (1999) afirma caracterizar a melancolia, isto é, o triunfo pela morte do pai e a tristeza pela saudade e arrependimento.” (p. 72).

Sabemos, ainda, por meio de nota de rodapé escrita por Freud em *Luto e Melancolia*, que Abraham também partiu da comparação entre melancolia e luto para estudar a condição psíquica da melancolia. De que perda se trata, então, que é capaz de levar o indivíduo a um estado patológico de perda da autoestima e autodestruição, que não está presente no luto?

Para Freud (1917/1996), a perda na melancolia difere do luto pelo fato de que tal perda é de natureza muito mais ideal que a morte real no luto, por exemplo. Talvez, o objeto do melancólico não tenha morrido, mas foi perdido enquanto objeto de amor por ter causado grande decepção ao indivíduo, ou houve uma perda que não pode ser situada em algum fato concreto. Mesmo assim, segundo Freud, pode-se justificar que ela tenha ocorrido pelo estado em que se encontra a pessoa, com as características do trabalho de luto, somadas às encontradas na melancolia. Se não podemos distinguir na realidade o que o melancólico perdeu, é porque, supõe Freud, o paciente também não é capaz de distinguir conscientemente o que perdeu. Trata-se de uma perda inconsciente, no sentido descritivo do termo⁴.

De acordo com Freud (1917/1996),

isso, realmente, talvez ocorra dessa forma, mesmo que o paciente esteja cômico da perda que deu origem à sua melancolia, mas apenas no sentido de que sabe *quem* ele perdeu, mas não o *que* perdeu nesse alguém. Isso sugeriria que a melancolia está de alguma forma relacionada a uma perda objetual retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda. (p. 251).

Tal perda gera no ego um trabalho interno semelhante ao do luto, do qual decorre a inibição melancólica observada. O que nos parece mais enigmático na melancolia do que no luto é não ver o que está absorvendo o ego com tanto pesar, e que este pesar acompanha uma diminuição significativa da sua autoestima e um esvaziamento da instância egoica. Para Freud (1917/1996),

⁴ Para Freud, a perda no luto seria consciente, enquanto na melancolia tratar-se-ia de uma perda inconsciente. Tal consideração de Freud nos faz questionar se o luto seria realmente consciente. Para Laplanche (1980/1993), o trabalho do luto abrange uma parte inconsciente, “uma parte escondida, submersa” (p.295), em que há um trabalho de desligamento paulatino dos vínculos do indivíduo para com o objeto perdido. Sabemos, no entanto, que esses vínculos com o objeto não são totalmente conscientes em nenhuma relação interpessoal. Assim, pensamos que tanto no luto como na melancolia, a perda comporta uma dimensão inconsciente que Laplanche, na mesma obra, vai situar no tipo de vínculo que o indivíduo estabelece com o objeto da perda, sendo que na melancolia, especificamente, o aspecto inconsciente está centrado no vínculo ambivalente e narcísico que o indivíduo estabelece com seu objeto.

no luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego. O paciente representa seu ego para nós como sendo desprovido de valor, incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível; ele se repreende e se envilece, esperando ser expulso e punido. Degrada-se perante todos, e sente comiseração por seus próprios parentes por estarem ligados a uma pessoa tão desprezível. Não acha que uma mudança se tenha processado nele, mas estende sua autocrítica até o passado, declarando que nunca foi melhor. Esse quadro de um delírio de inferioridade (principalmente moral) é complementado pela insônia e pela recusa a se alimentar, e – o que é psicologicamente notável – por uma superação do instinto que compele todo ser vivo a se apegar à vida. (pp. 251-252).

Freud (1917/1996) nota, porém, que o melancólico não demonstra remorso ou vergonha em relação às recriminações que se impõe, mas se comporta como alguém que encontra satisfação em desmoralizar-se, expondo suas fraquezas e maldades. Além disso, seria esperado de uma pessoa como essa, que se considera tão ruim e desmerecedora de tudo, que assumisse uma atitude mais humilde e uma postura de sujeição diante do outro. No entanto, os melancólicos assumem, pelo contrário, uma postura revoltosa, de quem se sente desconsiderado ou injustiçado.

Por meio da escuta meticulosa dessas autorrecriminações dos melancólicos, Freud (1917/1996) percebe que elas parecem ser endereçadas ao objeto amado e perdido, que, contudo, foram deslocadas para o próprio ego. Diz Freud (1917/1996): “É assim que encontramos a chave do quadro clínico: percebemos que as auto-recriminações são recriminações feitas a um objeto amado, que foram deslocadas desse objeto para o ego do próprio paciente.” (p. 254).

Freud (1917/1996) deduz, em decorrência disso, que ao ter ocorrido o deslocamento das acusações e da revolta dirigida ao objeto para dentro do ego, produz-se uma diferenciação egoica e uma conseqüente separação das partes do ego, em que “uma parte do ego se coloca contra a outra, julga-a criticamente, e, por assim dizer, toma-a como seu objeto.” (p. 253). Freud se refere, nesse escrito, à instância do ego que se separou e posicionou-se contra ele próprio como “agente crítico”. Afirma, ainda, que a compreensão da melancolia ao elucidar essa diferenciação no seio do ego, entre o ego e suas funções por um lado, e o agente crítico

que dele se separa por outro, fornece elementos para a compreensão da constituição do ego humano de modo geral, além do aspecto da patologia melancólica, uma vez que ele já desconfiava que esse agente crítico torna-se independente do ego em todas as pessoas, durante a constituição normal do psiquismo.

Como se dá, então, o processo em que o ódio dirigido ao objeto, por meio das acusações e recriminações, é transposto para o ego, tornando-se um conflito dentro do ego separado em duas partes? E por que o indivíduo passou, depois desse processo, de “uma constelação mental de revolta” em relação ao objeto, como definiu Freud (1917/1996), para “o estado esmagado de melancolia” (p. 254)?

2.3 Mecanismo de Defesa: A Sombra do Objeto no Ego

O processo em que a raiva dirigida ao objeto perdido é redirecionada contra o ego do melancólico consiste na substituição do investimento libidinal no objeto pela identificação do ego com este objeto. Assim explica Freud (1917/1996):

não é difícil reconstruir esse processo. Existem, num dado momento, uma escolha objetal, uma ligação da libido a uma pessoa particular; então, devido a uma real desconsideração ou desapontamento proveniente da pessoa amada, a relação objetal foi destroçada. O resultado não foi o normal – uma retirada da libido desse objeto e um deslocamento da mesma para um novo –, mas algo diferente, para cuja ocorrência várias condições parecem ser necessárias. A catexia objetal provou ter pouco poder de resistência e foi liquidada. Mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto; foi retirada para o ego. Ali, contudo, não foi empregada de maneira não especificada, mas serviu para estabelecer uma *identificação* do ego com o objeto abandonado. (p. 254).

A identificação do ego com o objeto perdido, e a conseqüente introjeção deste no ego, constitui, segundo nosso ponto de vista, o principal mecanismo de defesa utilizado pelo psiquismo do melancólico para lidar com essa perda que o acomete. Esse mecanismo é descrito e exemplificado de maneira interessante nesta frase de Freud (1917/1996) que se tornou tão célebre: “assim a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pôde, daí por diante, ser

julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado”. (pp. 254-255).

Podemos afirmar, então, que são dois movimentos concomitantes que estão implicados no mecanismo de identificação: o retorno da libido ao ego e a transformação do ego pela sua divisão em duas partes. O primeiro desses movimentos, qual seja o recolhimento da libido destinada ao objeto e seu retorno ao ego, para ser posteriormente utilizada na identificação deste com o objeto perdido, é possibilitado, de acordo com Freud (1917/1996), pelo fato de que tal escolha objetal fora efetuada com base em uma escolha narcísica de objeto.

A escolha objetal de base narcísica tem por característica recuar ao narcisismo e à identificação narcísica com o objeto quando se depara com algum problema na relação com este objeto. Na melancolia, o problema com o qual a libido objetal se depara é a perda do objeto, que acontece por vários motivos como vimos, e, em decorrência disso, com a relação objetal arruinada, há uma substituição da catexia erótica objetal pela identificação narcísica, havendo, desse modo, uma continuação da relação com esse objeto. Contudo, a relação foi agora internalizada e se mantém somente aí, a despeito dos conflitos reais com o objeto e da perda deste.

Vale ressaltar que quando ocorre esse tipo de identificação narcisista a catexia objetal é totalmente abandonada, já que possui baixo poder de resistência devido ao narcisismo aumentado do indivíduo, tornando frágeis e instáveis suas relações objetais. Essa libido retirada do objeto será voltada ao interior do psiquismo mediante a introjeção deste objeto abandonado, a fim de que esta relação não seja definitivamente terminada em uma negação da perda dolorida. O retorno da libido é possibilitado por uma regressão da pulsão, que volta ao estado narcísico elegendo seu próprio ego como objeto (Freud, 1917/1996).

Tal situação constitui-se, com base em Freud (1917/1996), em “uma *regressão* de um tipo de escolha objetal [mesmo que seja narcísica] para o narcisismo original” (p. 255). Segundo Freud, então, tem-se que “a melancolia, portanto, toma emprestado do luto alguns dos seus traços e, do processo de regressão, desde a escolha objetal narcisista para o narcisismo, os outros.” (p. 256).

Para Freud (1917/1996), é comum observarmos nas afecções narcísicas esse mecanismo regressivo em que há a troca do amor objetal pela identificação narcisista com o objeto, sendo que esta, no curso normal do desenvolvimento infantil, é uma etapa anterior à escolha objetal. Por ser um esboço de escolha objetal, ocorre em período precoce do desenvolvimento psíquico, no âmbito do modo de relação da fase oral, e que é, portanto, a

organização libidinal correspondente ao período do narcisismo ao qual o indivíduo é remetido durante o processo de regressão. Porém essa escolha é permeada por intensa ambivalência.

A ambivalência, juntamente com a perda do objeto e a regressão da libido ao ego, compõe, de acordo com Freud (1917/1996), a base para que se desenvolva em um indivíduo a melancolia. Se a perda do objeto decorre de fatores externos, e a regressão da libido ao ego, do narcisismo aumentado do indivíduo, a ambivalência parece estar presente de forma marcante na relação do melancólico com seu objeto, antes mesmo que ele se tornasse objeto perdido. Tal estado caracteriza-se pela presença concomitante de sentimentos de amor e ódio dirigidos a um mesmo objeto, e pode ter sua origem na relação específica que o indivíduo estabelece com um objeto em particular – relação que é marcada por experiências traumáticas com esse objeto ou que envolvem constantemente a ameaça de sua perda -, ou pode ser da ordem do constitucional, em que é da constituição desse indivíduo relacionar-se com todos seus objetos de maneira ambivalente.

Acrescenta-se a isso o lembrete de Freud (1917/1996), de que a perda de um objeto amoroso revela-se como situação mais notória e evidente ainda de favorecimento da ambivalência nessas relações, uma vez que a perda implica, também, um abandono do indivíduo pelo objeto, provocando ódio e raiva por conta desse abandono.

Ainda, a ambivalência é característica da fase oral à qual pertencem o narcisismo e a identificação narcísica. Sendo assim, a ambivalência é expressa no modo pelo qual ocorre a identificação com o objeto perdido e a introjeção deste no ego, uma vez que “o ego deseja incorporar a si esse objeto, e, em conformidade com a fase oral ou canibalista do desenvolvimento libidinal em que se acha, deseja fazer isso devorando-o.” (p. 255).

Com os meios que dispõe de relação com o objeto da fase oral, o indivíduo vai, então, identificar-se e introjetar o objeto amado/perdido pela incorporação, com predomínio da fantasia de devorar, pela boca, o objeto. Esse ato é, a um só tempo, conservação e aniquilamento do objeto perdido. Tal incorporação, com liberação do sadismo sobre o objeto, expressas no “assassinato” do objeto ao devorá-lo, aumenta os sentimentos de culpa do ego⁵, que podemos encontrar nas autorrecriminações e acusações desses pacientes.

Ao suceder a transformação do amor pelo objeto perdido na identificação narcísica, o ódio que em sua origem estava endereçado a esse objeto aparece, então, dirigido ao objeto substitutivo, o ego, e é, ainda, acrescido de mais ódio que todo abandono, seja por qual

⁵ Freud (1917/1996) atribui a Abraham o mérito por perceber a relação entre a incorporação oral e canibalista, a culpa que tal incorporação gera no ego e a recusa em se alimentar observada em formas graves de melancolia, ou a voracidade presente nos episódios de mania.

motivo for, desperta no abandonado. Desse modo, o ego sofre com o sadismo que foi voltado para si por conta da identificação com o objeto.

Em 1921, após expressiva reestruturação da teoria psíquica de Freud, o autor escreve *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*, no qual retoma as questões referentes ao mecanismo de identificação e aos conflitos entre as instâncias do ego, presentes na perturbação melancólica.

No que concerne à identificação, Freud (1921/1996) afirma que “a identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa.” (p. 115). Portanto, como forma original de ligação com o objeto, serve de ponto de partida para desenvolver as catexias de objeto no psiquismo, que serão utilizadas posteriormente na escolha de objeto para investi-lo. A diferença entre essas duas modalidades de ligação, a saber a identificação e a escolha de objeto, consiste no fato de que na identificação ligamo-nos com o que gostaríamos de ser, enquanto que na escolha de objeto, com o que gostaríamos de ter. Explica Freud, na mesma obra: “a distinção depende de o laço se ligar ao sujeito ou ao objeto do ego. O primeiro tipo de laço [a identificação], portanto, já é possível antes que qualquer escolha sexual de objeto tenha sido feita.” (p. 116).

Assim, a identificação relaciona-se com um objeto considerado como exemplo a seguir para sermos aquilo que gostaríamos, provocando uma modificação no ego ao moldá-lo conforme as características do objeto que foi escolhido como modelo, com base em algum traço isolado desse modelo ou qualidade em comum (Freud, 1921/1996). Tal modificação faz parte do processo normal de constituição e desenvolvimento psíquico, e Freud vai derivar daí as diferenciações em instâncias psíquicas que formula na construção da sua segunda tópica.

Pode acontecer, contudo, que a identificação tome o lugar da escolha de objeto, e que a escolha de objeto regreda para a identificação. Isso ocorre devido ao fato já descrito da identificação ser a forma de ligação emocional mais primitiva, e sob influência da repressão nas neuroses ou dos mecanismos inconscientes e patológicos de modo geral, a escolha de objeto, que é posterior, pode retroceder para uma etapa anterior, a identificação, na qual o ego assume as características do objeto, por meio da introjeção deste (Freud, 1921/1996). Percebemos, então, que ao processo normal e esperado de constituição do psiquismo mistura-se o mecanismo patológico, que resultará em um quadro de melancolia.

Além dessa modificação do ego, observamos na melancolia a significativa ambivalência em relação ao objeto perdido, que Freud acrescenta, nesse texto, ser inerente ao processo de identificação normal e estar presente nele desde o início. Portanto, supomos ser possível que a presença de uma ambivalência em relação ao objeto seja essencial à ocorrência

de qualquer identificação, especialmente na melancolia, em que a ambivalência é particularmente forte. A identificação age, segundo Freud (1921/1996),

como um derivado da primeira fase da organização da libido, da fase *oral*, em que o objeto que prezamos e pelo qual ansiamos é assimilado pela ingestão, sendo dessa maneira aniquilado como tal. O canibal, como sabemos, permaneceu nessa etapa; ele tem afeição devoradora por seus inimigos e só devora as pessoas de quem gosta. (p. 115).

O outro movimento que é posto em ação durante esse processo de identificação e introjeção do objeto é a divisão do ego em duas partes. Freud (1917/1996) percebe que o indivíduo não se identifica como um todo com o objeto perdido, moldando seu ego tal e qual o objeto e assemelhando-se inteiramente às características deste. Apenas uma parte do ego se transformou no objeto por meio da identificação, sendo, portanto, destinadas a esta parte todas as acusações, raivas e ressentimentos com o objeto perdido que, por abandonar ou ter sido abandonado por motivos de desapontamento, não se encontra mais disponível na realidade para receber esta revolta. Conclui Freud (1917/1996): “Dessa forma, uma perda objetal transformou-se numa perda do ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação”. (p. 255).

O que explica para Freud (1917/1996) o “estado esmagado de melancolia” (p. 254) é essa divisão no interior do ego, - entre o ego alterado pela identificação com o objeto perdido, que se torna, portanto, o objeto substituto, e o fragmento do ego, que fica à parte desse processo de identificação, mantendo suas características -, por meio da qual se pode julgar e odiar o objeto substituto, como anteriormente o ego inteiro julgou e odiou o objeto amado/perdido devido à ambivalência. Ainda, o relacionamento entre essas partes nos fornece indicativos dos sentimentos que despertam no melancólico tal conflito, como discutiremos no tópico seguinte.

2.4 O Superego e o Suicídio

*“Do rio que tudo arrasta se diz que é violento
Mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem.”
(Bertolt Brecht – Poemas).*

Vimos que o ego, no processo de introjeção e decorrente identificação com o objeto perdido, foi separado em duas partes, uma delas foi modificada pela identificação e passou a

conter o objeto perdido que foi introjetado, e a outra tornou-se um agente especial: “a atividade crítica do ego” (Freud, 1917/1996, p. 255), que passou a entrar em conflito e a julgar a parte modificada como se esta fosse de fato o objeto perdido. Em *Luto e Melancolia*, Freud denominava essa instância de agente crítico, porém ainda lhe faltava nessa época o delineamento de sua segunda tópica psíquica e do conceito de pulsão de morte, que permitiu a ele se aprofundar mais em alguns pontos de sua teoria, como, por exemplo, no entendimento dessa instância crítica do ego.

Foi a partir de 1921, em *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*, e, principalmente, em 1923, com o texto *O Ego e o Id*, que Freud teve condições de retomar o conceito de agente crítico, examinando-o e fornecendo elementos que auxiliaram na compreensão do funcionamento psíquico dos melancólicos e da possibilidade que esses pacientes têm em suicidar-se.

É, então, em 1921 que Freud começa a definir melhor essa instância, que passa a ser denominada por ele de “ideal do ego”. Esta se desenvolve, segundo Freud (1921/1996), dentro do ego, diferencia-se e separa-se dele, sendo capaz de entrar em conflito com a parte que deixou. Está presente em todo psiquismo, como uma instância de crítica e exigências dentro do ego, de maneira branda em situações normais, porém comporta-se de maneira feroz e cruel com o ego na melancolia e em outras patologias, por exemplo, a neurose obsessiva.

Diz Freud (1921/1996):

a essa instância chamamos de ‘ideal do ego’ e, a título de funções, atribuímos-lhe a auto-observação, a consciência moral, a censura dos sonhos e a principal influência na repressão. Dissemos que ele é o herdeiro do narcisismo original em que o ego infantil desfrutava de auto-suficiência; gradualmente reúne, das influências do meio ambiente, as exigências que este impõe ao ego, das quais este não pode estar sempre à altura; de maneira que um homem, quando não pode estar satisfeito com seu próprio ego, tem, no entanto, possibilidade de encontrar satisfação no ideal do ego que se diferenciou do ego. (p. 119).

O ideal do ego conserva, então, em um modelo idealizado o narcisismo infantil abandonado e a onipotência dele resultante. No entanto, Freud (1921/1996) ressalta que a distância entre o ideal do ego e o ego real varia muito de indivíduo para indivíduo. O autor afirma, ainda, na mesma obra, que essa distância do ideal do ego do próprio ego não pode ser

mantida por muito tempo, necessitando ser desfeita de tempos em tempos. “Em todas as renúncias e limitações impostas ao ego, uma infração periódica da proibição é a regra.” (p. 141). O ideal do ego personifica as limitações a que o ego deve consentir, portanto, a revogação do ideal significa um verdadeiro carnaval para o ego, que novamente pode sentir-se livre e satisfeito consigo mesmo, tal e qual na situação de narcisismo original.

Já em 1923, Freud escreve *O Ego e o Id*, no qual inaugura uma nova representação do psiquismo, dividindo-o em id, ego e superego. O ego, segundo o autor, é formado, no desenvolvimento psicosexual, a partir de identificações realizadas do mesmo modo descrito na identificação que ocorre na melancolia⁶. Tais identificações substituem catexias objetais abandonadas pelo id, o polo pulsional do psiquismo, sendo que a primeira dessas identificações dá origem a uma instância especial no ego e que dele se diferencia, colocando-se à parte deste: o superego.

Essa instância torna-se especial em relação ao ego, muitas vezes submetendo-o às suas vontades, pois foi a primeira identificação realizada no psiquismo, em uma época, portanto, ainda precoce em que o ego era muito fraco e indefeso, além do fato de que, segundo Freud (1923/1996), o superego é herdeiro do Complexo de Édipo, e tem sua origem nesse momento ao introduzir no psiquismo os objetos mais significativos e que, ali, encenam o conflito edípico, ou seja, as figuras parentais. Ainda, podemos dizer que sua origem, a partir das primeiras catexias objetais do id, coloca o superego em maior proximidade com o id do que com o ego, derivando daí sua força e seu caráter descritivamente inconsciente. Porém, do nosso ponto de vista, fica a seguinte questão: Freud situa, pois, a origem do superego nas primeiras identificações, no tempo precoce da fase oral, ou no complexo de Édipo, tempo não tão precoce assim? Cardoso (2002) também reitera essa contradição observada na teorização de Freud, e decorre daí a confusão nas duas explicações inconciliáveis presente na obra do autor a respeito do superego: um superego pulsional pré-edípico, e um superego edípico, ligado à castração.

⁶ Freud (1923/1996) assinala que na época do estudo de *Luto e Melancolia* não atribuíra a esse processo de identificação e introjeção dos objetos toda a sua significação, nem pensava ainda no quão típico e comum ele é no psiquismo humano, em relação à própria formação do psiquismo e do ego. Frente a isso, faz-se necessário apontar uma confusão que percorre todo o pensamento de Freud a respeito da melancolia em relação ao que é constitucional do psiquismo normal e o que é patológico e está presente na melancolia. Por exemplo: a formação de uma instância psíquica por meio da identificação com o objeto, introjeção deste e diferenciação dessa instância a partir disso, confunde-se com o mecanismo patológico de identificação e introjeção do objeto perdido na melancolia, cujos sintomas são decorrentes do que Freud descreve como a sombra do objeto que caiu sobre o ego e o tornou enfermo. Terrazas (2003) chama a atenção para esse fato, e voltaremos a discuti-lo em capítulo referente à TSG. Por enquanto, resta-nos o questionamento: por que em um caso leva à formação do psiquismo e em outro, a uma enfermidade?

Esse caráter dominador do superego em relação ao ego, muitas vezes rígido e tirânico, em uma época que o ego é ainda frágil permanece, no entanto, ao longo da vida do indivíduo, mesmo quando o ego, maduro, encontra-se mais fortalecido. De acordo com Freud (1923/1996):

embora ele seja acessível a todas as influências posteriores, preserva, não obstante, através de toda a vida, o caráter que lhe foi dado por sua derivação do complexo paterno – a saber, a capacidade de manter-se à parte do ego e dominá-lo. Ele constitui uma lembrança da antiga fraqueza e dependência do ego, e o ego maduro permanece sujeito à sua dominação. Tal como a criança esteve um dia sob a compulsão de obedecer aos pais, assim o ego se submete ao imperativo categórico do seu superego. (p. 61).

Freud (1923/1996) afirma que o superego possui um aspecto duplo que vai além de ser somente o resíduo das escolhas objetivas do id, mas consiste também em uma formação reativa contra elas. Tal instância prega: “‘Você *deveria ser* assim (como o seu pai)’. [E simultaneamente] Ela também compreende a proibição: ‘Você *não pode ser* assim (como o seu pai), isto é, você não pode fazer tudo que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele’.” (p. 47).

Essa contradição, de acordo com Laplanche (1980/1993), obedece à lógica e à moral do inconsciente: “ao mesmo tempo [ter que - ideal] ser e não [ter o direito de - interdição] ser como o pai, renunciar à mãe mas simultaneamente ver-se proibido de outras mulheres.” (p. 335). Na melancolia, portanto, o autor chama a atenção para essa espécie de absoluto da culpa, em que o superego anuncia: “de qualquer jeito você é culpado” (p. 335). Deixando o indivíduo sem saída, o superego se coloca com todo seu aspecto pulsional, compulsional, de funcionamento de processo primário. Com isso, destaca uma “dupla polaridade do superego: a linguagem da lei, por um lado, o aspecto pulsional, sexual, sádico, por outro.” (p. 287).

A instância crítica e tirânica que atua contra o ego na melancolia passa a ser, então, o superego⁷. No texto *O Ego e o Id*, no qual a noção de superego encontra-se já desenvolvida,

⁷ Faz-se necessário, neste ponto, um esclarecimento. Freud utiliza alguns termos para se referir à instância crítica que castiga e pune o ego. Como vimos, esse agente crítico de *Luto e Melancolia* passa a ser chamado, também, de ideal de ego em *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*, e, após outros desenvolvimentos freudianos, de superego. Para Laplanche e Pontalis (1967/2001) – no verbete *Ideal do ego ou ideal do eu* – Freud apresenta variações da concepção deste termo ao longo de sua obra, uma vez que ele está ligado à elaboração progressiva da noção de superego. Em alguns textos, Freud utiliza ideal do ego como sinônimo de superego, em outros, a

Freud analisa o sentimento de culpa encontrado na melancolia, relacionando-o ao superego. Para ele, não há dificuldade em se compreender o sentimento de culpa normal. Tal sentimento, consciente nesse caso, consiste na condenação do ego pela sua instância crítica, uma vez que existe uma tensão entre o ego e o ideal do ego. Na verdade, o sentimento de culpa é a percepção do ego em relação à condenação ou crítica recebida dessa outra instância. Mas por que na melancolia esse sentimento de culpa faz-se tão intenso e o superego tão cruel?

Em *Luto e Melancolia*, Freud observa que as autorrecriações e autoacusações dos melancólicos representam a satisfação das tendências sádicas e de ódio relacionadas ao objeto, que retornaram ao próprio eu do indivíduo por meio do mecanismo da identificação. Este não deixa de ser um subterfúgio utilizado pelo inconsciente para se vingar do objeto original sem admitir e expressar abertamente sua hostilidade para com ele, uma vez que, se tais objeções fossem feitas ao objeto no mundo externo, poderiam despertar a ira e o abandono por parte deste para com o indivíduo.

Freud (1917/1996) argumenta que

a catexia erótica do melancólico no tocante a seu objeto sofreu assim uma dupla vicissitude: parte dela retrocedeu à identificação, mas a outra parte, sob a influência do conflito devido à ‘ambivalência’, foi levada de volta à etapa do sadismo que se acha mais próxima do conflito. É exclusivamente esse sadismo que soluciona o enigma da tendência ao suicídio, que torna a melancolia tão interessante – e tão perigosa. (p. 257).

É necessário, para entender o suicídio, retomar a ambivalência que Freud explicita na relação do melancólico com seu objeto/ego, pelos mais variados motivos, e que implica em uma satisfação sádica por parte do indivíduo em fazer seu próprio ego/objeto substituto sofrer com esse sadismo direcionado a si.

Aqui, a partir do entendimento do sadismo na melancolia, Freud (1917/1996) esclarece que o ego é capaz de se matar devido ao retorno da catexia objetual a si mesmo e à possibilidade de tomar-se como um objeto, dirigindo contra si a hostilidade destinada a esse objeto, como nas reações normais do ego para com seus objetos do mundo externo. Mata, portanto, o objeto e não a si próprio. Diz Freud (1917/1996): “Assim, na regressão desde a

função do ideal é atribuída a uma subestrutura do superego. Lagache (citado por Laplanche & Pontalis, 1967/2001) resolve esse impasse ao adotar um sistema superego – ideal do ego, no qual o superego corresponde à autoridade no psiquismo, e o ideal do ego ao modo como o indivíduo deve comportar-se para atingir a expectativa da autoridade, sendo, portanto, uma subdivisão do superego.

escolha objetual narcisista, é verdade que nos livramos do objeto; ele, não obstante, se revelou mais poderoso do que o próprio ego.” (p. 257).

A aparente contradição de o próprio ego ter satisfação em matar a si mesmo é resolvida quando lembramos da divisão do ego em duas partes, em que o agente crítico direciona ao ego/objeto substituto todo o sadismo e a ambivalência disponível, com sua faceta de ódios e ressentimentos, como gostaria de fazer com o objeto original, chegando até mesmo a matá-lo no suicídio. Em 1923, após a introdução do conceito de superego, Freud vai empreender uma troca dos termos *agente crítico* e *ambivalência* por *superego* e *sadismo/pulsão de morte*, oferecendo outra descrição para o conflito que resulta em suicídio.

Na melancolia, diz-nos Freud (1923/1996), o sentimento de culpa inconsciente presente nesta patologia, que difere do sentimento normal e consciente de culpa, é tomado emprestado do objeto com o qual o ego se identificou, o objeto perdido. “Um sentimento de culpa que foi dessa maneira adotado freqüentemente constitui o único traço remanescente da relação amorosa abandonada e de modo algum é fácil reconhecer como tal.” (Freud, 1923/1996, p. 63). Além disso, tal sentimento na melancolia atinge proporções violentas, em que a instância do ideal do ego ou superego⁸ é severa e cruel com o ego.

Freud atribui essa impiedosa e violenta crítica ao sadismo veiculado pelo superego, bem como o decorrente sentimento de culpa, conforme havia feito em *Luto e Melancolia*, mas acresce agora o conceito de pulsão de morte à explicação. De acordo com o autor (1923/1996),

O componente destrutivo entrincheirou-se no superego e voltou-se contra o ego. O que está influenciando agora o superego é, por assim dizer, uma cultura pura do instinto de morte, e, de fato, ela com bastante frequência obtém êxito em impulsionar o ego à morte, se aquele não afasta o seu tirano a tempo, através da mudança para a mania. (pp. 65-66).

Infere-se, com base neste trecho, que Freud chega a pensar a mania como uma defesa contra o suicídio ou contra a ira do superego, no entanto, o próprio autor não chega a dar continuidade ou explicitar nada a esse respeito – iremos discutir a mania sob o ponto de vista freudiano no próximo subitem desse capítulo –, apenas que o superego seria, portanto, o local da pulsão de morte que pode levar o ego ao suicídio.

⁸ Freud considera, nessa obra, como sinônimos os termos superego e ideal do ego.

Em relação à pulsão de morte, Freud (1923/1996) esclarece que essa perigosa pulsão sofre, no indivíduo, algumas vicissitudes: os instintos de morte “em parte são tornados inócuos por sua fusão com componentes eróticos; em parte são desviados para o mundo externo sob a forma de agressividade; enquanto que em grande parte continuam, sem dúvida, seu trabalho interno sem estorvo.” (p. 66). Além disso, o autor percebeu em suas observações, que quanto mais um indivíduo controla sua agressividade dirigida ao exterior, mais agressivo, severo e supermoral tornam-se seu superego e ideal de ego, por meio de um deslocamento da pulsão ou retorno contra o próprio ego.

No entanto, ainda permanece sem explicação o fato do superego se tornar o local por excelência da pulsão de morte. Para fornecer tal explicação, Freud (1923/1996) retoma o fato de este surgir de uma identificação com o pai, que é tomado como modelo, e o mecanismo da identificação sempre envolve os mecanismos de dessexualização ou sublimação. Quando esse processo de dessexualização e conseqüente sublimação ocorre, há, concomitantemente, uma defusão pulsional, patológica, e a libido não é mais capaz de atenuar a agressividade que se encontrava unida a ela. Essa agressividade é liberada e inunda o superego, sob a forma de destruição e agressão, conferindo a ele um caráter severo, cruel e ditatorial. Freud (1923/1996) supõe, ainda, que o ego, por ter adquirido controle sobre a libido durante a identificação, é punido pelo superego, tornando-se alvo da agressividade que restou após a defusão da libido.

Segundo Freud (1923/1996), “sofrendo sob os ataques do superego e talvez até mesmo a eles sucumbindo, o ego se defronta com uma sorte semelhante à dos protistas que são destruídos pelos produtos da decomposição que eles próprios criaram.” (p. 69). Desta situação resultam os sentimentos de culpa do melancólico, bem como os delírios de inferioridade, as autorrecriminações e também o pensamento e o ato suicida, pois agora é o superego que abertamente hostiliza o ego, fato que o ego mantinha inconsciente em relação ao objeto.

O ego se submete, então, ao superego, repleto de pulsão destrutiva, se sentindo odiado e perseguido pelo superego, que representa aí as figuras parentais. Seu desejo era o de ser amado, uma vez que, para o ego, viver significa receber o amor esperado do superego. Quando o ego se encontra em perigo real, incapaz de superar por si mesmo, recorre ao superego, que ocupa o lugar de proteger e salvar, assim como uma vez ocupou o pai na infância ou Deus, para que não o deixe morrer. Porém, sente-se odiado pelas atitudes desta instância, encontrando-se, então, abandonado, “desertado por todas as forças protetoras e se deixa morrer” (Freud, 1923/1996, p. 70), em um suicídio, podemos pensar, tanto ativo quanto

passivo, no qual o ego/indivíduo pode deixar-se passivamente morrer, desistindo da vida e até mesmo de se alimentar nos estados de prostração total presentes na inibição melancólica.

Sabemos, portanto, que o suicídio é um dos desfechos possíveis de uma crise melancólica, mas pode ser também, segundo Freud (1917/1996), que o trabalho interno da melancolia abandone de vez o objeto introjetado, ou que a fúria contra este se dissipe, e a crise vá embora do mesmo jeito que se iniciou. Outra possibilidade seria, ainda, a negação, novamente, da realidade interna desagradável da melancolia, resultando em um quadro de mania, totalmente oposto ao da melancolia, e uma reação defensiva a esse, como outra saída para essa ameaça “de morte”⁹. Discutiremos este quadro de mania a seguir.

2.5 A Mania

“O viajante surpreendido pela noite pode cantar alto no escuro para negar seus próprios temores; mas, apesar de tudo isto, não enxergará mais que um palmo adiante do nariz.”
(Sigmund Freud – *Inibições, Sintomas e Ansiedade*).

O estado de mania consiste, em termos de sintomas, em um estado oposto ao da melancolia. No entanto, em relação ao seu conteúdo, Freud (1917/1996) afirma que ambos os estados, de mania e melancolia, coincidem e enfrentam o mesmo conflito, uma vez que são parte do mesmo complexo patológico de melancolia, embora o enfrentem de maneiras totalmente diferentes. Na melancolia, vimos, o ego sucumbe aos conflitos com o objeto, enquanto na mania o ego é capaz de dominá-lo ou ignorá-lo.

Para Freud (1917/1996), “a característica mais notável da melancolia, e aquela que mais precisa de explicação, é sua tendência a se transformar em mania” (p. 258). Trata-se, porém, de uma tendência, uma possibilidade, e não uma regra. Nem toda melancolia alterna-se com estados maníacos, bem como nem toda crise de mania é precedida ou sucedida por uma crise melancólica, mas é fato que o caso típico dessa patologia, adotado por Freud para estudá-la, consiste em alternância cíclica de períodos melancólicos e maníacos. Além disso, por ser em alguns aspectos oposta à melancolia, a mania pode prestar-se a fornecer esclarecimentos e confirmar hipóteses justamente a respeito do complexo melancólico, como nos aponta Laplanche (1980/1993).

⁹ Relembrando a citação de Freud (1923/1996) que embasa esta afirmação: “o que está influenciando agora o superego é, por assim dizer, uma cultura pura do instinto de morte, e, de fato, ela com bastante frequência obtém êxito em impulsionar o ego à morte, se aquele não afasta o seu tirano a tempo, através da mudança para a mania.” (p. 66).

Para entender a mania, Freud (1917/1996) mais uma vez parte da análise de estados normais que possam fornecer modelo para iniciar a análise do estado patológico, como fez com o luto e a melancolia. Assim, o autor toma os estados de alegria, exultação e triunfo como correlatos da mania em relação às condições econômicas que possibilitam tais estados.

Diz Freud (1917/1996):

aqui, aconteceu que, como resultado de alguma influência, um grande dispêndio de energia psíquica, de há muito mantido ou que ocorre habitualmente, finalmente se torna desnecessário, de modo que se encontra disponível para numerosas aplicações e possibilidades de descarga – quando, por exemplo, algum pobre miserável ganhando uma grande soma de dinheiro, fica subitamente aliviado da preocupação crônica com seu pão de cada dia, ou quando uma longa e árdua luta se vê afinal coroada com êxito (p. 259).

E, ainda:

todas essas situações se caracterizam pela animação, pelos sinais de descarga de uma emoção jubilosa e por maior disposição para todas as espécies de ação – da mesma maneira que na mania, e em completo contraste com a depressão e a inibição da melancolia. Podemos aventurar-nos a afirmar que a mania nada mais é do que um triunfo desse tipo; só que aqui, mais uma vez, aquilo que o ego dominou e aquilo sobre o qual está triunfando permanecem ocultos dele. (p. 259).

Com isso, podemos afirmar que na situação de mania houve a conclusão do longo trabalho de “luto” da melancolia, no qual o conflito dentro do ego a respeito da perda do objeto funciona como uma dolorosa ferida, que exige anticatexia extraordinariamente elevada destinada ao rompimento das ligações libidinais e ambivalentes com o objeto. Tendo sido esse trabalho concluído, o dispêndio de energia necessário e vinculado a ele torna-se desnecessário, convertendo-se em energia livre que inunda o ego e produz estados semelhantes ao de triunfo e também agitação, como observamos na mania (Freud, 1917/1996). Não obstante, constatamos, como explicita Freud (1917/1996), que “o indivíduo maníaco demonstra claramente sua liberação do objeto que causou seu sofrimento, procurando, como um homem vorazmente faminto, novas catexias objetais.” (p. 260).

Contudo, Freud (1917/1996) questiona-se de que maneira o luto, assim como a mania, supera a perda do objeto, porque não notamos ao fim do luto uma condição econômica que propicia uma fase de triunfo tal e qual a mania. Em suas conjecturas o autor supõe que o ego, ao realizar vagarosamente o trabalho de luto, desligando a libido do objeto que o teste da realidade já provou não existir mais, é confrontado com o problema ou com a possibilidade da sua própria morte e, por conta da satisfação narcísica obtida no fato de estar vivo a despeito do objeto, rompe sua ligação com o objeto perdido para não compartilhar de seu destino. Esse rompimento seria tão lento e gradual para Freud que, ao terminá-lo, o dispêndio de energia necessário para levar tal rompimento a cabo já teria se tornado desnecessário, sem sobra de energia livre para inundar o ego e provocar um estado psíquico correlato à mania.

E o trabalho psíquico semelhante ao luto que, vimos, está presente na melancolia e pode desembocar em uma crise de mania, ocorre de que maneira? Para responder a esse questionamento, Freud (1917/1996) volta-se à melancolia para fazer uma análise topográfica desse conflito, bem como entre que sistemas psíquicos acontece tanto o trabalho da melancolia como o da mania.

Segundo Freud (1917/1996), todo esse processo observado na mania e na melancolia, do ponto de vista topográfico, se passa no sistema Inconsciente, na região de traços de memória de coisas, segundo a divisão psíquica da sua primeira tópica. Na melancolia,

‘a apresentação (da coisa) inconsciente do objeto foi abandonada pela libido’. Na realidade, contudo, essa apresentação é composta de inumeráveis impressões isoladas (ou traços inconscientes delas) e *essa* retirada da libido não é um processo que possa ser realizado num momento, mas deve, por certo, como no luto, ser um processo extremamente prolongado e gradual. (p. 261).

Além disso, nessa patologia a relação com o objeto é complicada pelo conflito devido à ambivalência, que pode, de acordo com Freud (1917/1996), ser de duas maneiras: constitucional, isto é, fazer parte de toda relação amorosa desenvolvida por esse ego em específico; ou que teve origem em experiências traumáticas que envolveram a ameaça de perda desse objeto. Freud é taxativo ao afirmar que a ambivalência constitucional pertence ao reprimido, sendo que a ambivalência proveniente de experiências traumáticas possivelmente ativou outro material reprimido. De qualquer modo, as ambivalências permanecem, portanto, afastadas da consciência. A ligação com o objeto é desfeita no início do trabalho da melancolia, e a libido resultante desse desligamento volta para o ego. Com essa regressão, o

trabalho melancólico pode tornar-se consciente e ser apresentado à consciência apenas de maneira distorcida como um conflito entre uma parte do ego e o agente crítico, e não de maneira real como um conflito entre o eu e o objeto.

Freud (1917/1996) atribui, então, à parte inconsciente desse trabalho interno realizado na melancolia a responsabilidade pelo fim da crise. Como no luto, é provável que cada combate travado em torno da ambivalência em relação ao objeto diminua a fixação da libido objetal, até “matar” o objeto, e o processo no Inconsciente tenha fim, já que o ódio pelo objeto pode ter acabado ou que ele tenha sido abandonado como destituído de valor. Freud afirma não saber explicar qual dessas possibilidades é mais comum de ocorrer, nem que influência seu desfecho exerce a respeito do futuro curso da doença, mas alerta que “o ego pode derivar daí a satisfação de saber quem é o melhor dos dois, que é superior ao objeto” (p. 262), dando início a uma crise de mania.

No entanto, não é o conflito devido à ambivalência presente na melancolia que possibilita a condição econômica descrita por Freud (1917/1996) para o surgimento da mania. O que faz com que a mania, após uma fase melancólica, seja possível para Freud seria, portanto, não as duas primeiras condições colocadas pelo autor para que se instale no indivíduo a melancolia – perda de objeto ou ambivalência –, uma vez que tais condições estão presentes em outras ocasiões, como no luto ou na neurose obsessiva, e não conduzem a um estado maníaco, mas sim a última das condições, a regressão da libido ao ego, ou seja, a regressão da libido ao narcisismo, que permite que a energia antes vinculada ao trabalho da melancolia, fique livre ao seu término e retorne ao ego, inundando-o.

Com a introdução do conceito de ideal do ego, em *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego* de 1921, Freud percebe que a sensação de triunfo, presente na mania, decorre da satisfação de algo no ego coincidir com o ideal do ego. Do mesmo modo, pode-se dizer que os sentimentos de culpa e de inferioridade observados na melancolia decorrem da tensão conflituosa entre o ego e o ideal do ego (Freud, 1921/1996), sendo essa uma das explicações que Freud formula para explicar a diferença sintomatológica dessas duas fases, que, no entanto, gravitam em torno do mesmo conteúdo conflitivo: a relação do eu com o objeto perdido. Os fundamentos dessas oscilações de ânimo, no entanto, ainda são desconhecidos para Freud, pois este revela que falta a compreensão do deslocamento de uma melancolia para a mania.

Ao conjecturar hipóteses a esse respeito, na tentativa de entender tal deslocamento, Freud (1921/1996) afirma ser possível, portanto, que em um indivíduo maníaco “seu ideal do ego poderia ter-se temporariamente convertido no ego, após havê-lo anteriormente [no estado

melancólico] governado com especial rigidez.” (p. 142). Lembramos que, para o autor, a separação entre ego e ideal do ego não pode ser mantida por muito tempo, sendo necessário, de tempos em tempos, que essa diferença seja desfeita, e todas as restrições e limitações impostas ao ego pelo seu ideal sejam também abandonadas, como uma folga para que o ego suporte submeter-se ao ideal por mais tempo depois disso. Esta folga assemelha-se a um “carnaval” para o ego, em que as proibições e exigências são postas de lado, e tudo é possível, fazendo com que o ego experimente um alegre alívio e sintam-se plenamente satisfeito consigo mesmo. Essa abolição temporária da tensão e da diferenciação entre ego e ideal de ego caracterizaria, segundo Freud, um estado maníaco.

Assim, afirma Freud (1921/1996):

com base em nossa análise do ego, não se pode duvidar que, nos casos de mania, o ego e o ideal do ego se fundiram, de maneira que a pessoa, em estado de ânimo de triunfo e auto-satisfação, imperturbada por nenhuma autocrítica, pode desfrutar a abolição de suas inibições, sentimentos de consideração pelos outros e autocensuras. (p. 142).

Aqui, as tensões ego versus ideal do ego/superego seriam desfeitas, dissolvendo o superego e ideal do ego novamente no ego, situação que faria o ego coincidir com seus modelos e obter satisfação narcísica, como na infância, recuperando toda a onipotência perdida, permitindo, em decorrência, a vazão dos impulsos do id insaciável no mundo externo, fato tão característico da mania.

No tocante à melancolia, o sofrimento que a acompanha seria expressão, então, do conflito entre as duas instâncias do ego, em que o ideal condena incansavelmente o ego, por intermédio da autodepreciação e dos delírios de inferioridade. A condenação, no entanto, não podemos perder de vista, é feita ao ego modificado pela identificação com o objeto perdido, sendo que são esses ataques e censuras dirigidos ao objeto que aparecem para a observação externa nas autocensuras melancólicas (Freud, 1921/1996).

Freud (1921/1996) atribui, portanto, a mudança da melancolia para a mania à rebelião periódica do ego contra o ideal do ego, seja pela rigidez com que o ideal governa o ego e que resulta, conseqüentemente, em uma suspensão temporária de suas exigências, seja pelo fato de que o ego pode rebelar-se contra os maus-tratos que sofre por parte de seu ideal do ego, mau tratamento que o ego encontra quando houve uma identificação com um objeto rejeitado, e ele, o ego, tornou-se o objeto substitutivo.

Nota-se, nesse texto de 1921, que Freud descreve mais detalhadamente os mecanismos de identificação e introjeção que ocorrem na mania e na melancolia, e, a partir disso, o ego diferencia-se em dois: a parte que contém o objeto e o ideal do ego. Na melancolia, a diferenciação entre eles atinge seu auge, enquanto na mania há uma abolição temporária das tensões entre os dois, comemorada festivamente pelo ego, o que parece explicar para Freud a alternância entre esses estados.

Contudo, as explicações fornecidas por Freud em *Luto e Melancolia* e *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*, a respeito da alternância entre os estados maníacos e melancólicos, ainda nos soam vagas e indefinidas. Ficam questões em aberto: mas por que, em um determinado momento, há um inundamento de energia livre no ego, que antes estava ligada a alguma tarefa específica na melancolia, ou por que, de repente, são desfeitas as tensões entre ego e superego/ideal do ego? Apenas por que tal abolição de tensões é necessária de tempos em tempos? E com isso, retornam outras questões que ficaram para trás, aguardando uma maior definição: por que o indivíduo torna-se melancólico frente a uma perda, e não enlutado ou depressivo apenas? O que é normal da constituição psíquica do ser humano e o que é particular e patológico no caso da melancolia, em relação à formação da tópica psíquica, relação de objeto, identificações, etc.?

3 UMA LEITURA DA MELANCOLIA A PARTIR DA TSG

Na tentativa de propor uma discussão dessa patologia, recorreremos à Teoria da Sedução Generalizada de Jean Laplanche. Esta teoria tem se mostrado útil em indicar novos caminhos para a compreensão dos processos psíquicos, baseando-se na relação com o outro e na sexualidade como fenômenos essenciais na constituição do ser humano. Contudo, faz-se necessário primeiramente uma apresentação de tal teoria em suas linhas gerais, para, em um momento posterior, podermos nos dedicar mais aprofundadamente a utilizar seus conceitos ao entendimento específico da melancolia. Passemos, pois, à Teoria da Sedução Generalizada.

3.1 Breve Apresentação da Teoria da Sedução Generalizada

*“O inconsciente é a outra coisa (das Andere) em mim, resíduo reprimido de outra pessoa (der Andere). Ele me afeta, assim como em outro tempo me afetou a outra pessoa.”
(Jean Laplanche – Curto Tratado do Inconsciente).*

Jean Laplanche, psicanalista francês e reconhecido estudioso da obra de Freud, ao estudá-la a fundo, percebeu contradições e desvios para os quais buscou outros níveis de entendimento, aprofundando-se mais nesses pontos, e, com isso, conseguiu avançar em novas teorizações pertencentes ao campo da psicanálise, por meio da sua Teoria da Sedução Generalizada (TSG).

De acordo com Laplanche (2003), “a Teoria da Sedução Generalizada busca explicar a gênese do aparelho psíquico sexual do ser humano a partir da relação inter-humana e não a partir de origens biológicas.” (p. 404). É uma teoria, pois, que trata da constituição psíquica, da constituição do inconsciente, privilegiando um descentramento do sujeito, isto é, baseia-se na alteridade, na relação com o outro para explicar essa constituição, em que o sexual tem lugar de destaque.

Segundo o autor, a TSG tem sua origem na teoria da sedução, a qual Freud abandona ao longo do desenvolvimento de seu pensamento. No entanto, a teoria de sedução freudiana era muito mais restrita, e circunscrita a uma situação patológica, mais propriamente falando, a uma situação perversa. Laplanche parte dela, retomando-a, porém de uma maneira que denominou de generalizada. A sedução é dita generalizada em Laplanche uma vez que não se

refere apenas a uma situação patológica, um episódio de abuso sexual (mesmo que, por vezes, isso possa ocorrer, como sabemos), mas sim a uma situação universal e comum a todos os seres humanos, e da qual nenhum de nós pode escapar.

A essa situação, Laplanche (2003) dá o nome de situação antropológica fundamental. Consiste na relação do adulto com a criança, em que esta, em sua absoluta dependência e imaturidade em relação ao adulto, nasce em um mundo cultural já cheio de significados, inclusive sexuais, do qual precisa fazer parte, sem contar, ainda, com recursos para entender tais significados. É esse adulto que vai inseri-la na cultura e, de certo modo, humanizá-la por meio de seus cuidados. Laplanche percebe que essa situação é a mais comum entre todos os seres humanos, mais até que o complexo de Édipo, o qual Freud acreditava ser o fator fundante do humano. Tal situação seria universal, já que, se pensarmos bem, é a única situação pela qual toda criança passa em qualquer lugar do mundo, em qualquer tipo de cultura: precisa ser cuidada por um adulto, não importando aqui se pai ou mãe ou um não familiar, ela precisa de uma relação adulto-criança para sobreviver. Portanto, Laplanche (1992c) estabelece essa situação como originária, fundante do psiquismo e da sexualidade infantil/humana.

A situação antropológica fundamental tem esse estatuto de fundante por propiciar que ocorra ali uma sedução da criança por parte do adulto, que a iniciará em um mundo inter-humano e engendrará um movimento cujo desfecho vai ser a constituição do psiquismo dessa criança e sua inserção na cultura. A sedução, lembremos, é generalizada e ocorre da seguinte maneira: a criança ao nascer encontra-se em absoluta dependência de cuidados adultos por conta de seus frágeis instintos somáticos que não a capacitam a manter-se viva por si só; e é nesse plano de funcionamento vital, denominado por Laplanche (1997) de nível autoconservativo, que o adulto vai interferir, assumindo os cuidados de alimentação, higiene e sobrevivência da criança. No cuidado, o contato com a criança reativa no adulto conflitos e fantasias sexuais inconscientes, por meio dos quais ele vai se relacionar com essa criança. De acordo com Laplanche, “a relação de autoconservação atrai a sedução, e de muitas maneiras. Primeiro, primordialmente, a autoconservação é aberta para o outro, ela implica o outro.” (p. 59).

O adulto seduz desse modo, interpelando a criança com a sua sexualidade por meio de mensagens, conceito central na compreensão da TSG. Segundo Laplanche (1992c), trata-se de “mensagens no sentido mais amplo do termo (lingüísticas ou simplesmente languageiras: pré ou paralingüísticas), que interrogam a criança antes que ela as compreenda e às quais deve dar sentido e resposta, o que é uma só e mesma coisa.” (p. 133).

Para Laplanche (1992c), existe uma assimetria entre adulto e criança, em que o psiquismo do adulto é muito mais “rico” do que o da criança, de forma que o adulto propõe significantes verbais e não verbais a esta por meio de mensagens que dirige a ela, significantes impregnados de significação inconsciente que a criança não é capaz de decifrar nesse momento. Tais mensagens constituem-se de gestos, expressões, olhares, toques e falas que o adulto, ao interagir e cuidar da criança, lhe destina. De acordo com Laplanche (2003), essa assimetria na relação adulto-criança é essencialmente sexual, pois o diálogo entre eles, por mais recíproco que seja, é parasitado por esse “a mais” do psiquismo adulto, ou seja, pela intervenção do seu inconsciente, inconsciente sexual infantil e também perverso-polimórfico, uma vez que a situação adulto-criança reativa no adulto tais conteúdos. Laplanche (2001a) ainda ressalta que a mensagem é mais enigmática quando resulta de tais reativações.

Tem-se, então, que o adulto é afetado por seu inconsciente, vejamos bem, pelos conteúdos sexuais inconscientes, e a criança, por conta da sua imensa dependência e ausência ainda de conteúdos sexuais, é afetada por este adulto, que lhe destina mensagens comprometidas pelo inconsciente – é importante ressaltar, com conteúdos inconscientes até mesmo para o próprio adulto – que ela, criança, não pode decifrar inteiramente. A mensagem é “perturbada”, portanto, em um sentido unilateral, em um vetor do adulto para a criança. Com isso, tem-se aí, uma relação essencial de atividade-passividade, em que a criança, passiva, ao receber mensagens de um adulto ativo – por mais que estas sejam comprometidas para ele também, desconhecidas, já que partem do seu inconsciente clivado de si mesmo – vai ter que se colocar em uma atividade de tentar decifrar as mensagens que recebe.

Mello (2010) nos chama a atenção para o fato de que essa relação assimétrica vai provocar um movimento entre os polos de atividade-passividade mais complexo do que o descrito acima, uma vez que tanto o adulto quanto a criança vivenciam a passividade por serem ambos afetados nessa situação.

Laplanche (2003) propõe que “estas mensagens são, então, *enigmáticas*, ao mesmo tempo para o emissor adulto e para o receptor *infans*” (p. 406). Tais mensagens são enigmáticas, pois veiculam significantes enigmáticos que a criança ainda não consegue compreender, nem atribuir-lhe significados coerentes, o que causa na criança uma excitação extrema na tentativa de dominar esses significantes que são impostos de fora pelo adulto – pela sexualidade do outro depositada nela, sem que ela conte com os mínimos recursos para lidar com isso. Aí se situam tanto o enigmático da mensagem quanto o traumático. Laplanche (1992c) nos lembra de que é pelo viés da incapacidade do adulto de explicar seus conteúdos sexuais para si mesmo que se produz o efeito traumático.

Ainda, a mensagem é sedutora por fazer a criança questionar-se a respeito do adulto que cuida dela e de si mesma, como exemplifica Laplanche (1992c) acerca do significante enigmático que pode estar presente na situação de amamentação da criança: “o que ele quer de mim, além de me aleitar e, no fim das contas, por que ele quer me aleitar?” (p.135). Ou seja, tal situação desperta na criança a possibilidade de outra dimensão de significados na relação com o adulto, para além dos cuidados corporais; significados afetivos e sexuais que a fazem se perguntar o que ela é para o adulto, que lugar ocupa na vida desse adulto, o que ele quer com ela, etc..

A sedução veicula mensagens que só vão ser dominadas e compreendidas pela criança por meio de um trabalho de tradução ou simbolização. Entra aí a tentativa da criança de deixar uma posição passiva para assumir sua atividade em decifrar essa mensagem que vem do outro. A tradução não acontece de uma vez só. Laplanche (2003) descreve esse esquema em dois tempos:

no primeiro tempo a mensagem é simplesmente inscrita, ou implantada, sem ser compreendida. Como se fosse mantida sob a camada fina da consciência ou ‘sob a pele’. Num segundo tempo a mensagem é revivificada do interior. Ela age como um corpo estranho interno que é preciso a todo preço integrar, controlar. (p. 407).

Esse segundo momento é o do *a posteriori*, ou do *après-coup* para usar a expressão original de Laplanche (2001d), em que a mensagem primeiramente inscrita na criança permanece como em latência à espera de tradução, para posteriormente se iniciarem as primeiras tentativas de tradução por parte da criança, que acontecem em um sentido temporal alternadamente retrogressivo e progressivo em relação às primeiras inscrições.

A mensagem é traduzida em um processo que Laplanche (2001a) denomina de metabolização dos significantes enigmáticos obtidos da mensagem, por meio da substituição de significante destes. É um processo, portanto, de simbolização, em que a criança tenta transformar a mensagem que chega do adulto em uma proposição coerente e assimilável. Contudo, a tradução da mensagem nunca é plenamente realizada, enquanto enigmática e apenas parcialmente traduzível até pra quem a emite, sendo, aliás, necessário seu fracasso parcial para a constituição do psiquismo.

Segundo Laplanche (2003), os códigos que a criança dispõe são insuficientes para empreender uma tradução dessa mensagem enigmática, e ela deve, então, recorrer a novos códigos improvisados ou obtidos nos esquemas fornecidos pelo meio cultural (pelo outro,

portanto) para tentar realizar a tradução. Esse é, para Laplanche (1992c), um trabalho difícil, até mesmo impossível, que necessariamente deixa, por vezes, restos intraduzíveis para trás.

Sendo a tradução sempre imperfeita, porém apenas parcialmente fracassada, deixa esses restos que irão constituir e fundar o inconsciente, no sentido freudiano do termo, na TSG. Assim, para Laplanche (2003), é evidente que o inconsciente é marcado pelo sexual, já que tem sua origem nos restos intraduzíveis da mensagem enigmática adulta, comprometida pelo sexual inconsciente desse adulto emissor. Contudo, o inconsciente da criança não é de forma nenhuma a cópia do inconsciente do adulto, devido, segundo Laplanche (2003), ao “duplo ‘metabolismo’ que o sexual sofreu neste percurso: deformação na mensagem comprometida no adulto e depois, na criança receptora, trabalho da tradução que remaneja completamente a mensagem implantada”. (p.407).

Os resíduos das mensagens não traduzidas que vão formar o inconsciente são chamados de significantes-dessignificados ou de representações-coisas. Segundo Laplanche (2001a), “a representação (ou, em uma linguagem mais moderna e precisa: o significante) ao tornar-se inconsciente, perde sua condição de representação (de significante) e se transforma em uma coisa que não representa (não significa) mais que a si mesma.” (p. 68, tradução livre)¹⁰. Isso ocorre, pois o fracasso parcial da tradução corresponde ao processo de recalque, no qual há uma ruptura das conexões entre os elementos da mensagem, reduzindo-os a fragmentos e desfazendo o vínculo significante-significado desses elementos, cujos resultados são os significantes-dessignificados que habitam o inconsciente (Laplanche, 2001c).

Trata-se, então, de um modelo tradutivo do recalque na TSG, e também genético, uma vez que está na base da constituição do psiquismo. Laplanche (2001c) resume o processo do recalque da seguinte maneira: há uma implantação do significante enigmático (também chamado de índice de percepção), uma reativação desse significante *a posteriori* ou *après-coup*, que leva a tentativas de domínio deste, com o conseqüente fracasso parcial da tradução e o depósito desses significantes-dessignificados, que vão constituir os objetos-fonte do id (ou do sistema inconsciente).

Diz Laplanche (2003): “se a noção de *isso* [id] conserva um sentido, é o de caracterizar o inconsciente recalado que, por sua alteridade, se *torna* verdadeiramente ‘alguma coisa em nós’, ‘um corpo estranho interno’, um ‘isso’” (p. 406). O id seria, então,

¹⁰ Em espanhol: “la representación (o, en lenguaje más moderno y preciso: el significante), al tornarse inconsciente, pierde su condición de representación (de significante) y se transforma en una cosa que no representa (no significa) más que a sí misma.”

para o autor, uma “quintessência de alteridade” (Laplanche, 2001c, p. 116), por comportar os restos da mensagem do outro.

Os restos da tradução são, portanto, conteúdos recalçados inconscientes, que Laplanche (1992c) denomina objetos-fonte. Tem-se aí o recalçamento originário da TSG, que irá, ao mesmo tempo, fundar a tópica psíquica e a sexualidade humana infantil, a partir dos objetos-fonte, restos intraduzíveis do enigma sexual, que sempre irão exercer uma pressão para ser traduzidos ao longo da vida do indivíduo.

Tais objetos são fonte, então, da pulsão; fonte, para Laplanche (1992c), simultaneamente da pulsão em seus aspectos tanto mortíferos quanto sintetizantes, segundo o aspecto fragmentado-parcial ou total de que se reveste. Assim:

para dizê-lo num palavra, o inconsciente recalçado está na origem das *pulsões*, pulsões sexuais de vida e de morte, pulsões que podemos considerar (invertendo a famosa formulação de Freud) como uma ‘exigência de trabalho’ imposta ao corpo por sua ligação com os significantes inconscientes recalçados. (Laplanche, 2003, p.408).

Laplanche situa, com isso, a origem das pulsões no inconsciente sexual, e não no instinto ou no biológico, como encontramos em Freud. Além disso, separa o nível autoconservativo, de funcionamento biológico e vital, do nível sexual, e afirma que as pulsões pertencem ao campo do sexual. Dentre elas estão as pulsões de vida – que ele denomina de ligação – e as pulsões de morte – pulsões desligadas, em seu aspecto fragmentário. Assim, difere de Freud também nessa classificação das pulsões, uma vez que para Freud há uma dicotomia entre pulsão de vida (ou sexual) e pulsão de morte, que na teoria freudiana está fora do campo da sexualidade. Tal diferenciação sob o ponto de vista de Laplanche será retomada especificamente em relação à melancolia, nos próximos subitens desse trabalho.

Se, por um lado, o fracasso parcial da tradução e o recalçamento originário levam à constituição do inconsciente no ser humano, principalmente do id com seus objetos-fonte da pulsão, Laplanche (2001a) nos lembra, por outro lado, de que tal fracasso é apenas parcial, no campo da constituição do psiquismo normal e neurótico, uma vez que “a mensagem é parcialmente traduzida e parcialmente recalçada.” (p. 73). A parte que é traduzida vai formar os sistemas pré-consciente/consciente, fundamentalmente, a instância egoica. Assim explica Laplanche (2003):

A tradução ou tentativa de tradução tem por função fundar, no aparelho psíquico, um nível *pré-consciente*. O pré-consciente – essencialmente o eu – corresponde à maneira

pela qual o sujeito se constitui, se representa sua história [sic]. A tradução das mensagens do outro adulto é essencialmente uma historização mais ou menos coerente. (p. 407).

O sujeito descrito pela TSG é um sujeito que está sempre “a traduzir” e, a partir disso, constituindo-se enquanto um eu com suas histórias, memórias e identificações. Para Laplanche (1992c), “o ser humano é e não pára de ser um ser autotradutivo e autoteorizante. O recalçamento originário é apenas o momento primeiro e fundante de um processo que dura a vida toda.” (p.139). As mensagens são traduzidas-destruídas-retraduzidas, buscando sempre traduções cada vez menos rígidas e menos patologizantes, sendo esse o aspecto e o enfoque do trabalho psicanalítico clínico pelas vias da TSG.

De modo geral, esse é o processo por meio do qual o psiquismo normal e neurótico se constitui sob a ótica da TSG. O fracasso parcial da tradução é indispensável para que se dê esse processo que descrevemos. Contudo, pode ser que ocorra um fracasso radical da tradução, em que nenhuma tradução da mensagem é possível. Esse é o processo que para Laplanche (2003) está na base da formação das psicopatologias categorizadas fora do campo neurótico, como é o caso da melancolia. Faz-se necessário, portanto, pensarmos a partir daqui as especificidades referentes a essa patologia.

3.2 Ponto de Partida: o Descentramento do Sujeito e a Desconstrução da Teoria Freudiana?

Tendo em vista o exposto a respeito dos pressupostos teóricos da Teoria da Sedução Generalizada, empreendemos agora a tarefa de aplicá-los a uma leitura da melancolia. Lembramos, no entanto, que um referencial teórico organizado a respeito desta patologia, bem como bibliografia no campo da TSG que se dedique a melancolia, é escasso, quase inexistente, não fosse por um estudo de *Luto e Melancolia* que encontramos realizado por Terrazas (2003). Este autor, teórico da Sedução Generalizada, ao comentar o texto de Freud, faz considerações - ou, melhor dizendo, desconstruções - que nos levam a questionar até mesmo o ponto visto como elementar na melancolia, a perda do objeto. A visão de Terrazas é por vezes polêmica, radical e incômoda, podendo, inclusive, ser questionada frente à observação clínica desses pacientes. Serve, contudo, como ponto de partida para iniciarmos a

construção de um pensamento sobre a melancolia baseado na TSG. Se ao final deste percurso, tais considerações de Terrazas forem refutadas, mesmo assim terão cumprido sua função de iniciar e guiar uma discussão.

O autor aborda em seu estudo vários aspectos a respeito dos textos freudianos referentes à melancolia, e também a conceitos que se interpõe no entendimento desta patologia, como, por exemplo, o conceito de narcisismo. Não seguiremos Terrazas em todos os seus comentários, mas discutiremos os pontos que mais nos interessam, organizando-os de acordo com os principais tópicos que vimos em Freud, e também de acordo com os tópicos que Terrazas retoma de Freud, a saber, a relação entre luto e melancolia, a perda envolvida nesta patologia, bem como o mecanismo de identificação com o objeto, a constituição tópica do psiquismo melancólico e o superego neste cenário, o suicídio por vezes presente na melancolia, assim como a possibilidade deste quadro transformar-se em mania.

Para Terrazas (2003), o pensamento de Freud em torno da melancolia, - e, principalmente, seu texto *Luto e Melancolia* -, baseia-se em uma “falácia” fundamental, em um engano que praticamente invalida toda sua teorização a respeito dessa patologia. Vimos em Freud (1917/1996) a importância da perda para a melancolia e a comparação desta última com o luto. O luto, sabemos, é posto em ação por uma perda de objeto, reconhecida como tal. Segundo Terrazas, a correlação enganosa estabelecida por Freud entre o afeto do luto e a melancolia nos impede de perceber que na melancolia, diferentemente do luto, não há perda alguma, muito menos o seu reconhecimento. Devemos pensar, portanto, que não há relação entre luto e melancolia?

O autor retoma, então, o pensamento de Freud em relação à melancolia para justificar sua afirmação de que não há perda de objeto nesta patologia. Para Freud (1917/1996), vimos, a perda no luto é consciente: o enlutado sabe o que perdeu; já o melancólico, no entanto, sabe quem perdeu, mas não exatamente o que perdeu nesse alguém, o que situa a perda fora da consciência, portanto, no inconsciente. Terrazas (2003) retoma o fato, se bem nos lembrarmos, de que na lógica do inconsciente não há o reconhecimento da perda, assim como não há o da castração, constituindo-se em um lugar onde toda perda é inexistente ou negada, em essência, consistindo em um paradoxo a possibilidade da perda e do seu reconhecimento na melancolia.

Além disso, para Terrazas (2003), essa perda não pode ser admitida como tal, uma vez que sua possibilidade não está interiorizada intrapsiquicamente. Baseia-se, nesta afirmação, na confusão observada na explicação freudiana da melancolia entre o ego e o objeto, em que os dois se fundem, misturam-se, um ocupando o outro. Ainda, isso se deve, segundo ele, ao fato

de que o mecanismo que permite ao indivíduo reconhecer e lidar com perdas no seu psiquismo é o mecanismo do recalque, que ocorre concomitantemente à imposição de uma perda: a separação-proibição do objeto incestuoso. Na proposição de Terrazas, se não há interiorização da perda na melancolia é porque o recalque – entendido segundo as vias da TSG, de recalçamento originário do psiquismo e, portanto, do sujeito – não opera nesta patologia, sem que o autor dê outras explicações de como chegou a esse entendimento de falha ou falta do recalque na melancolia¹¹.

Não havendo recalçamento, entramos no ponto que parece ser de fundamental importância para Terrazas (2003) a respeito da melancolia. O ego do melancólico, enquanto instância intrapsíquica, não foi bem estabelecido, uma vez que, como vimos sob a ótica laplancheana, é no processo de recalçamento que tal instância se forma. Então, ao não contar com a instância egoica, e, portanto, com uma diferenciação interno versus externo, ego versus objeto, o sujeito dedica-se de modo compulsivo a se rebaixar e exibir sua deformidade, que é também deformidade do objeto, de quem não se separou. Por isso, o autor refere-se às autoacusações do melancólico como um exercício perverso de masoquismo erógeno, em que a falha no recalçamento originário fica visível: se fosse neurótico, recalçado, mostraria pudor em se rebaixar dessa maneira.

Ainda, de acordo com Terrazas (2003), para a perda poder ser psiquicamente reconhecida, é preciso que a ideia de possibilidade da perda tenha sido reconhecida e transmitida pelo outro ao sujeito, uma vez que o sujeito precisa ser primeiramente reconhecido como alguém separado desse outro pelo próprio outro. E, para o autor, se o melancólico não se separa do objeto, então não o distingue, e muito menos faz escolha de objeto, escolha objetual narcísica que Freud (1917/1996) afirma que o melancólico faria.

A não separação do objeto, pela falha no recalçamento originário, não permitiria, pois, a constituição de uma tópica intrapsíquica, em que o sujeito, com suas instâncias, é separado do objeto ou do outro significativo. Terrazas (2003) fala aqui, então, de uma tópica meramente ou essencialmente intersubjetiva na melancolia, e não intrapsíquica. Perguntamos, com isso, o que pode ter dado errado na relação com o objeto que não permitiu a constituição de uma tópica intrapsíquica, portanto, de um ego bem estabelecido?

¹¹ Terrazas (2003) oscila em sua visão acerca do recalque na melancolia: há momentos em que o autor relativiza sua visão, afirmando que o recalque falhou, pois não foi bem estabelecido pelo recalque secundário e consequentemente veio abaixo, mas há momentos também em que afirma de maneira categórica que não opera o recalque na melancolia, que ele realmente falta e nunca existiu. Do nosso ponto de vista, esse último modo de pensar a melancolia é excessivamente radical e difícil de aceitar, uma vez que sabemos que esta é uma patologia grave, com vários prejuízos psíquicos ao paciente, no entanto, não é uma patologia tão desestruturante assim, em todos os seus momentos, quanto deve ser uma patologia em que não há recalque, nem a mínima separação ego-objeto. Voltaremos a essa discussão mais adiante.

Em *Luto e Melancolia*, Freud situa o conflito na relação sujeito-objeto em uma afronta por parte do objeto ao sujeito, que, decepcionando-se com este objeto, daria, por ventura, fim a essa relação. Terrazas (2003) vai localizar, a partir do referencial da TSG, essa afronta na irrupção que o objeto (o outro adulto) faz no espaço psíquico da criança, causando uma efração ou ruptura no psiquismo desta, ao invadi-la com sua sexualidade transbordante e ao não reconhecê-la como objeto distinto e separado de si. Vejamos bem, isso é necessário de acordo com a TSG, uma vez que é essa invasão da sexualidade do outro que engendra o movimento de constituição psíquica, porém Terrazas parece sugerir algo mais violento, em que o outro não permite e nem fornece à criança condições minimamente favoráveis à sua constituição.

A não distinção na melancolia entre ego e objeto parte, portanto, de algo estrutural para o autor, em que esse vínculo com o “objeto perdido” é tão importante justamente porque é fundamental para a constituição e o funcionamento do aparelho psíquico. Assim, segundo Terrazas (2003), o objeto (o outro) provavelmente não contribuiu nem facilitou a constituição de um ego separado do seu.

Essa situação conturbada entre ego e objeto, na melancolia, faz Terrazas (2003) refletir, não sem razão, a respeito dos motivos de Freud em denominar o “objeto” perdido do melancólico de “objeto de amor”, quando na verdade o vínculo que predomina na melancolia é de ódio e hostilidade, de revolta contra o objeto, que além de abandonar o indivíduo – e Terrazas ressalta que um objeto que abandona é sempre sentido pelo indivíduo como um objeto mau, que ataca, como vimos anteriormente – invade seu psiquismo, com seus conteúdos sexuais e com a negação da separação e diferenciação entre eles.

A não separação entre ego e objeto conduz Terrazas (2003) a questionar outros conceitos de Freud, fundamentais ao entendimento da melancolia, como, por exemplo, o conceito de identificação do ego com o objeto perdido. Em Freud (1917/1996), vimos, o modo pelo qual o indivíduo se identifica com esse objeto e o introjeta no seu ego é o da incorporação oral-canibalista, pertencente à primitiva fase oral do desenvolvimento. Para Terrazas encontra-se aí, no entanto, uma confusão ou correspondência equivocada entre mecanismo distintos, a respeito do que é constitutivo e do funcionamento normal do aparelho psíquico, a identificação, do que é patológico e se refere especificamente à melancolia, a incorporação oral-canibalista. Do que podemos depreender que, para Terrazas, essa incorporação oral não faz parte do processo normal de identificação nem do processo normal de constituição psíquica, tal como afirma Freud, mas sim está reservada especificamente a casos falhos e patológicos de constituição psíquica, como na melancolia.

De acordo com Terrazas (2003), então, Freud confunde o estruturante com o patológico, e assim não pode diferenciar entre identificação e incorporação oral-canibalista. Na tentativa de estabelecer essa diferenciação, Terrazas afirma que a identificação é um processo estruturante, por meio do qual se estabelece um ego enquanto conjunto totalizado e diferenciado do outro. Já a incorporação oral-canibalesca relaciona-se com um não poder separar-se do objeto, do outro, cuja perda não pode ser tolerada, uma vez que esse adulto invadiu o espaço psíquico da criança, sujeitando-lhe a um excesso que ela, ao não dar conta de lidar com isso, não pode se separar desse adulto e apenas se identificar com ele, tem que ficar ainda presa a ele, pensamos, por meio da oralidade.

A identificação, pois, como processo constituinte do eu, vai sempre remeter, para o autor, a uma perda, um desfazer, desamarrar-se dos vínculos com o outro, que também invade esse sujeito, porém de maneira, diríamos, mais branda ou superficial e que possibilita e favorece o nascimento de um ego, de um psiquismo. Isto permite, segundo Terrazas (2003), situar o processo identificatório em e a partir do outro, já que apenas se o outro possibilitar a sua perda, a sua separação dele mesmo, há possibilidade de um processo identificatório, do contrário, está em jogo apenas um sujeitamento à identidade imposta a partir/pelo outro. Podemos pensar, então, ao desdobrar as colocações de Terrazas, que esse sujeitamento à identidade imposta pelo outro seria o caso do melancólico, que se “identifica” (na falta de uma palavra mais adequada), ligando-se ao outro por meio da incorporação oral-canibalista.

É possível, portanto, para Terrazas (2003), posicionar a identificação de maneira distinta de Freud, para quem a identificação vai ser sempre algo que se dá da criança para o adulto, pelo modelo da incorporação oral. Terrazas toma aqui, então, a identificação em um movimento de sentido oposto, como um processo estruturante por meio do qual o sujeito se inscreve a partir do que lhe é proposto vindo de fora – a partir do exterior – ou vindo do outro. Chama a atenção, ainda, segundo Terrazas, que Freud nunca tenha chegado a essa concepção de identificação, nem mesmo articulando-a ao conceito de narcisismo, uma vez que estes dois conceitos estão muito próximos em *Luto e Melancolia*, e o narcisismo nos textos metapsicológicos é algo vindo do adulto, ou é depositado pelo adulto na criança.

Segundo Terrazas (2003), Freud não faz essa articulação porque não considera em todo seu artigo a alteridade, o que vem do outro. A Teoria da Sedução Generalizada, de Laplanche, na qual também se insere Terrazas, já o dissemos, vai priorizar essa visão e complementar o que falta na teoria freudiana com a ideia de situação originária, marcada pela presença da mensagem enigmática do outro, isto é, marcado pelo inconsciente sexualizado e traumatizante do outro em relação ao qual o sujeito se constitui.

Além disso, Terrazas (2003) ressalta que a identificação, enquanto processo, só pode se instaurar sobre a base do recalçamento originário, que, ao instituir a constituição de um aparelho psíquico e a separação do objeto, leva a cabo, também, uma renúncia do autoerotismo. A identificação não pode, conceitualmente, pois, instaurar-se sobre a base de manter a qualquer preço o objeto, como Freud a situa na melancolia, uma vez que não há relação objetal propriamente dita na melancolia, e esse objeto não funciona como objeto de amor, mas sim como objeto da pulsão, de necessidade de satisfação autoerótica, em cujo caso não há perda alguma. Terrazas aponta essa indiferenciação de objeto de amor e objeto da pulsão como mais uma confusão presente em *Luto e Melancolia*.

Outra confusão desse texto diz respeito aos conceitos de autoerotismo e narcisismo no entendimento da melancolia, que para Freud trata-se de uma regressão ao narcisismo primário, quando, na verdade, para Terrazas (2003) trata-se do funcionamento autoerótico ou “exercício pulsional direto e parcial” (para. 10, tradução livre)¹². Já que na melancolia o recalque originário não ocorreu de fato, ou veio abaixo por não estar bem estabelecido e consolidado pela chancela do recalçamento secundário, predomina ainda o tempo autoerótico, em que as pulsões não estão unificadas nem ligadas, em consequência da ausência de renúncia que o recalque impõe, portanto, a pulsão parcial está predominando inteiramente. Ainda, o indivíduo em funcionamento autoerótico não pode suportar a perda ou separação do objeto, o qual é “incorporado-devorado” para dentro desse indivíduo como algo próprio. Terrazas, ao que parece, vai situar, então, o melancólico preso ao autoerotismo, e não ao narcisismo como diz Freud.

Terrazas (2003) nos lembra de que em *Sobre o Narcisismo: uma Introdução*, Freud concebe, juntamente, a constituição do narcisismo e a do ego, dizendo que este último só pode ser formado como conjunto unificado e totalizado pelos investimentos narcísicos que faz em seu próprio ego, eleito como objeto de amor. Isso pressupõe a separação do objeto, e, de acordo com Terrazas, pressupõe que o sujeito possa ser reconhecido como separado do outro, por esse mesmo outro, como alguém a ser amado, respeitado, alguém a se dar valor. Assim, o narcisismo serviria para ajudar a ligar e unificar as pulsões desligadas, parciais e caóticas características do autoerotismo.

O sadismo presente na melancolia, a satisfação sádica a que Freud se refere, indica para Terrazas (2003) esse funcionamento autoerótico, em que as pulsões parciais não estão unificadas, ou seja, tais pulsões estão em um funcionamento desligado e não foram unificadas

¹² Em espanhol: “ejercicio pulsional directo y parcial”.

nem contidas pelo narcisismo. Para que ocorra esta unificação é necessário, segundo Terrazas, que o outro faça isso pelo sujeito, por meio de investimentos narcísicos e amorosos dirigidos a ele.

A famosa frase de Freud (1917/1996), “assim a sombra do objeto caiu sobre o ego” (p. 254) é interpretada de maneira interessante por Terrazas (2003), e se refere, em seu ponto de vista, a essa ausência de um objeto ligador e continente do sujeito, que falta em seu lado bom, de contenção narcísica e amorosa. Por sua ausência, ao faltar, torna-se, como já afirmou Terrazas, um objeto mau que ataca e só opera com seu lado sombrio, pois não oferece proteção ao sujeito – isto é, ligação e continência – contra os perigos pulsionais. Tais perigos consistem na intromissão da sexualidade do outro, que vai gerar excitação e significantes enigmáticos que o sujeito não consegue dominar. Por sua vez, esses significantes, ao não serem totalmente traduzidos, vão resultar em objetos-fonte da pulsão que operam de modo ainda desligado e parcial no psiquismo do indivíduo. Com isso, Terrazas chama a atenção para o fato de que o objeto comporta em si duas faces: uma pulsionante, que invade o indivíduo com o sexual erótico em estado bruto, e uma face continente-ligadora justamente desse sexual que ele deposita no indivíduo, e lhe oferece a possibilidade de dominá-lo e transformá-lo.

Terrazas (2003) faz, ainda, uma paráfrase de Freud, afirmando que a perda de objeto que liga e unifica amorosamente, constituindo o ego, transforma-se realmente em uma perda desse ego, enquanto perda da possibilidade de ser formado e totalizado por esse amor narcisista que deveria vir do objeto.

Se falha a unificação narcísica e a conseqüente formação da instância egoica na tópica psíquica, temos que para Terrazas (2003) não se trata de uma tópica intrapsíquica na melancolia, que admite uma separação sujeito-objeto, mas sim intersubjetiva, em que o melancólico por não ter podido se separar do outro, do seu objeto, apoia-se nele, utilizando-se de suas instâncias psíquicas, na medida do possível. Assim, é preciso que o outro assuma as funções egoicas e superegoicas, por exemplo.

Para exemplificar o funcionamento autoerótico do melancólico e a não constituição do seu ego, Terrazas (2003) aponta que até mesmo o “superego” melancólico – que é tomado do outro, da tópica intersubjetiva – funciona de modo totalmente cindido do ego, desligado, estranho e estrangeiro ao sujeito. Se houvesse uma tópica intrapsíquica bem estabelecida, como no funcionamento normal e neurótico, o superego não seria tão cindido do ego, nem assumiria tão violentamente as formas vistas na melancolia de vínculo cruel e sádico com o ego.

Para Freud (1917/1996, 1923/1996), um superego desse tipo está ligado ao problema do suicídio na melancolia, de maneira, segundo Terrazas (2003), que ressalta apenas o aspecto destrutivo do objeto, e faz confusão entre pulsão de morte veiculada pelo superego e morte biológica. Para o autor, o suicídio está relacionado a uma autopreservação da imagem identitária e narcísica do ego ideal, que entra em conflito com outro aspecto do ego, de autoconservação do corpo, mas dele sai vencedor. Assim, pensamos que o ego se mata para manter uma imagem idealizada de si que, provavelmente, estava sendo contrariada ou não alcançada por algum motivo na realidade.

Ainda, de acordo com Terrazas (2003), o ego do melancólico, por não contar com uma estruturação intrapsíquica bem estabelecida, apresenta ora maus-tratos e recriminações contra si mesmo, como na fase de melancolia, ora engrandecimentos maníacos que buscam um triunfo do ego para suprir ou negar precisamente seu frágil estabelecimento ou sua ausência enquanto instância total. Essa é a explicação de Terrazas para a mania. Segundo ele, pode-se pensar também que Freud, ao se referir à regressão da libido ao ego ou ao narcisismo como condição que possibilita uma crise de mania, está dizendo que a libido se desliga ao se desvincular do objeto e passa a funcionar como libido desligada dentro do ego, o que gera tanto um ataque ou aniquilamento do eu, quanto um triunfo maníaco por parte deste ego, cheio de libido desligada de objeto. Tal consideração faz sentido, do nosso ponto de vista, se pensarmos que a mania também comporta, além da melancolia, esse aspecto desligado e mortífero da libido, que veremos mais detalhadamente nos próximos subitens a respeito de uma leitura da mania e da melancolia com base na TSG.

Diante do exposto acerca das ideias de Terrazas surge-nos de imediato uma questão: é cabível falar de perda de objeto na melancolia? De narcisismo? De identificação ao objeto perdido ou de ambivalência frente a este? Qual a especificidade da melancolia, então, se os conceitos centrais em Freud, a respeito dessa patologia, de perda de objeto, narcisismo e ambivalência não forem mais pertinentes ao seu entendimento?

Com isso, percebemos que questionamentos a respeito da melancolia ainda permanecem, uma vez que a teoria freudiana, ao oferecer seus entendimentos a essa patologia, apresenta contradições e, por vezes, confusões apontadas neste trabalho. No entanto, nem as considerações de Terrazas (2003) parecem permitir-nos avançar nessa teorização, visto que nos despertam algumas ressalvas.

É custoso, do nosso ponto de vista, adotar a ideia deste autor de que na melancolia não está em questão verdadeiramente uma perda de objeto. O pensamento de Freud de que há uma correspondência entre o luto e a melancolia, justamente por ambos partirem de uma

situação de perda de objeto, encontra grande ressonância na clínica, e foi extremamente rico para o desenvolvimento teórico da psicanálise. Além disso, que a melancolia esteja relacionada a uma perda, não é algo tão difícil de notar, uma vez que o trabalho clínico com esses pacientes e em instituições psiquiátricas fornece, na nossa experiência, a constatação de que em vários casos é possível observar que tanto uma crise melancólica quanto uma crise maníaca são desencadeadas logo após uma perda, que nem precisa ser tão expressiva assim, um término de algo ou uma separação complicada para o paciente. Laplanche (1980/1993) também ressalta essa observação, que pode ser constatada no âmbito da prática ao comentar *Luto e Melancolia*.

É custoso, ainda, adotar as considerações que Terrazas faz desdobrar dessa falácia que acredita ser a perda de objeto na melancolia. Para ele, não há a incidência do recalçamento originário, com toda a significação que comporta para a TSG, de fundante do ego, que estabelece a separação entre sujeito e objeto, põe fim ao autoerotismo, permitindo que a partir de sua incidência o ego possa estabelecer identificações cada vez mais estruturantes.

Podemos imaginar que em um indivíduo em que não ocorre o recalçamento originário, estabeleça-se uma patologia muito grave e desestruturante, que perturbe fortemente o vínculo desse indivíduo com os outros e que possa chegar até mesmo a inviabilizar sua inserção na cultura. E esse não é o caso do melancólico, como sabemos. Apesar de ser uma patologia grave, e que traz grandes prejuízos ao paciente, de maneira geral em sua vida, o melancólico não vive, a todo instante, em uma crise permanentemente melancólica ou maníaca, nem alterna diretamente de uma a outra sem interrupção. Existem, nessa patologia, intervalos livres de crises e da sintomatologia mais aguda, nos quais o paciente consegue viver de maneira mais tranquila e exercer suas atividades, tanto laborais quanto sociais e pessoais, de maneira relativamente comum. Como afirmar, então, que nesses momentos livres, o sujeito não conta com um psiquismo e um ego estabelecidos, em decorrência do recalçamento originário que não incidiu sobre ele? Vemos até mesmo Terrazas oscilar a respeito dessa questão, permitindo-se pensar em alguns momentos que pode ter havido um recalçamento originário, mas que ele se desfez por falta de apoio do recalçamento secundário, o que nos parece ser mais compreensível e é o caminho que seguiremos para pensar a melancolia nos próximos subitens.

É verdade também que algumas ideias de Terrazas se mostram interessantes, e pensamos que podem ser fecundas em nos inspirar a pensar a melancolia, como, por exemplo, ao nos apontar que na melancolia está envolvida uma falha do outro em não oferecer recursos

amorosos e narcisizantes para que o melancólico se estruture psiquicamente e estabeleça identificações, limitando-o a se relacionar com o outro por meio da incorporação oral-canibalista patológica, presente na melancolia. Isso nos leva a pensar que se essa falha decorre do outro, pode ser que esteja ligada também a alguma particularidade da mensagem enigmática que este outro veicula, e não permite ao melancólico traduzi-la para, a partir disso, se constituir. É o que veremos na discussão do próximo subitem a respeito de como fica a situação das mensagens e do recalque na melancolia.

3.3 Mensagem Enigmática, Tradução e Recalque na Melancolia

"Quando sou visto, tenho, de repente, consciência de mim enquanto escapo a mim mesmo, não enquanto sou o fundamento de meu próprio nada, mas enquanto tenho o meu fundamento fora de mim. Só sou para mim como pura devolução ao outro."
(Jean-Paul Sartre – *O Ser e o Nada*).

Na Teoria da Sedução Generalizada, como vimos, as mensagens veiculadas pelo outro são feitas por meio dos cuidados que o adulto dedica à criança – cuidados esses de alimentação, higiene e proteção – e dos apelos e censuras que faz a ela – pelos toques, hesitações frente a algumas situações, etc. Tais mensagens vão constituindo o psiquismo e a sexualidade infantil. Elas chegam ao indivíduo basicamente por dois modos, que Laplanche (1992a) discute no texto *Implantação, Intromissão*. Para introduzir esses dois conceitos, o autor aborda primeiramente os mecanismos de constituição psíquica clássicos em psicanálise, como a projeção e a introjeção, para, enfim, situá-los em relação à TSG.

Segundo Laplanche (1992a), entre os mecanismos de projeção e introjeção, o de introjeção tem primazia na constituição psíquica do sujeito. Sabemos que o recalque originário é o mecanismo de constituição do psiquismo na TSG. Tal mecanismo implica, para Laplanche, a introjeção da alteridade em si, no qual é colocado dentro do sujeito o que vem do outro, isto é, vem de fora. A partir disso, instaura-se, nos desdobramentos desse mecanismo, um inconsciente, antes que seja possível construir, por projeção, um mundo objetal. Esse raciocínio do autor difere, por exemplo, do pensamento kleiniano de modo geral, no qual as primeiras introjeções que irão constituir o mundo interno da criança já são deformadas de antemão pelas projeções do sadismo desta nos objetos externos que serão introjetados, assumindo a projeção uma posição prioritária em relação à introjeção. Já Laplanche insistiu, na elaboração da situação de sedução generalizada, a respeito da prioridade do recalque

originário na constituição do sujeito, e não da introjeção do que vem do outro, portanto. Vê-se que as flechas são diferentes em Laplanche e M. Klein. Nesta última, o movimento começa na criança, e naquele, começa no adulto.

Ainda, Laplanche (1992a) assinala que os mecanismos clássicos de defesa nas teorias psicanalíticas, incluindo aí os de introjeção e projeção, têm por similaridade entre eles o indivíduo como sujeito da ação, como podemos observar no exemplo que o autor nos fornece: “eu projeto, eu nego, eu recalco, eu forcluo, etc.” (p. 357, tradução livre)¹³. A TSG, no entanto, traz uma visão distinta, em que esses processos vêm originalmente de fora do sujeito, pela ação do outro. Contudo, o indivíduo não os recebe de forma totalmente passiva, mas manifesta sua atividade na assimilação do que vem do outro, de acordo com o modelo tradutivo evidenciado pela TSG. Assim, fica clara mais uma vez a prevalência da introjeção na constituição do sujeito, sendo os outros mecanismos de defesa descritos, secundários à primeira introjeção situada no recalçamento originário.

Laplanche (1992a) privilegia então os processos alocêntricos, e não os autocentrados, como na teoria de Freud, por exemplo. Desse modo, a introjeção da alteridade veiculada pelo adulto, na ocasião da sedução originária, por meio de mensagens enigmáticas, se dá, em um processo comum da constituição do psiquismo normal e neurótico, pela implantação da mensagem no indivíduo. Diz Laplanche, a respeito da implantação:

Designo por esse fato que os significantes fornecidos pelo adulto são fixados, como na superfície, na derme psicofisiológica de um sujeito que ainda não tem uma instância inconsciente diferenciada. É acerca desses significantes recebidos passivamente que se operam as primeiras tentativas ativas de tradução, cujos restos são o recalque originário (objets-fontes). (p. 358, tradução livre)¹⁴.

Percebemos, assim, que a implantação está relacionada ao mecanismo de introjeção, cujo sujeito da ação, contudo, é o outro. A implantação, como a introjeção, é recebida de maneira passiva em um primeiro momento, mas logo assume, em relação aos significantes enigmáticos, uma atividade de transformá-los, na tentativa de decifrá-los. Isso nos remete aos dois tempos do recalçamento originário, enfatizados por Laplanche.

¹³ Em francês: “je projette, je dénie, je refoule, je forclos, etc.”

¹⁴ Em francês: “je désigne par là ce fait que les signifiants apportés par l’adulte se trouvent fixés, comme en surface, dans le derme psychophysiologique d’un sujet chez lequel une instance inconsciente n’est pas encore différenciée. C’est sur ces signifiants reçus passivement que s’opèrent les premières tentatives actives de traduction, dont les restes sont le refoulé originaire (objets-sources).”

O outro processo por meio do qual o adulto pode introjetar esses significantes na criança é a intromissão, de acordo com Laplanche (1992a). Este processo é descrito pelo autor como violento, quando comparado à implantação, pois não é dada ao indivíduo possibilidade de traduzir a mensagem que lhe foi intrometida. Assim, o sujeito sofre seus efeitos passivamente, sem poder recuperar de maneira ativa os significantes enigmáticos. A mensagem que não pode ser traduzida contém, para Laplanche, “um elemento rebelde a toda metabolização” (p. 358, tradução livre)¹⁵, o que impossibilita, portanto, não só a tradução, como também, em consequência, o recalque e a diferenciação das instâncias psíquicas.

Para explicitar ainda mais a diferença entre esse dois modos de introjeção da mensagem enigmática na criança, Laplanche (1992a) propõe estabelecer uma correspondência desses dois modos com aspectos corporais, como é feito com os processos autocentrados e clássicos descritos pela psicanálise, em que a introjeção corresponde a um modelo de incorporação de caráter oral, enquanto a projeção, de expulsão anal.

Na TSG, a implantação está, então, relacionada à superfície do corpo, à periferia perceptiva, a qual no primeiro momento do recalque, em que ainda não há ego, coincide com o ego-corpo (Laplanche, 1992a, 1992c). Tem-se aí uma referência ao indivíduo tomado em conjunto, no qual a implantação não causa uma irrupção muito grande do invólucro desse indivíduo, por ficar presa em um primeiro movimento na sua periferia, especificamente nas zonas erógenas, segundo Laplanche (1992c), para no segundo tempo do recalque tornar-se interno ao sujeito, mas, ainda assim, externo ao ego que acabou de ser constituído. Com isso, supomos que a implantação não é tão agressiva e invasiva, pois permite ao sujeito lidar com ela, sem que a mensagem o invada abruptamente.

Já a intromissão, com sua face violenta, invade o sujeito relacionando-se à analidade e à oralidade, segundo Laplanche (1992a), não tomando o sujeito em conjunto, portanto, mas pelos seus orifícios e processos corporais. Podemos supor que a intromissão seja mais violenta e invasiva pelo fato de que causa, no indivíduo, intensa irrupção e o toma em partes, desconjuntado, além de não permitir, como já nos disse Laplanche, que ele atue de maneira ativa e transformadora em relação ao que é intrometido nele, restando-lhe sujeitar-se passivamente a essa intromissão.

Estamos diante do que Terrazas (2003) nos indicou a respeito do melancólico: ele não pode se identificar ao outro enquanto totalizado, mas permanece atrelado ao seu objeto por meio da incorporação oral-canibalista. Deixando de lado por enquanto a explicação que o

¹⁵ Em francês: “un élément rebelle à toute métabole.”

autor dá ao fato de o melancólico não poder se identificar, recorremos à hipótese de Paula (2011), que afirma ser a identificação um dos efeitos do processo tradutivo das mensagens enigmáticas do outro. Ainda, o processo de identificação é ativo, na medida em que, entre outras coisas, o sujeito escolhe partes do objeto para se identificar. Bem, se na melancolia encontramos uma ligação oral-canibalista com o objeto, e não uma identificação com ele, supomos aqui que o melancólico não conseguiu traduzir a mensagem enigmática proveniente do objeto, que deve ter sido, então, intrometida nele para não permitir sua simbolização e atividade em assimilar o que vem do outro.

Na melancolia, estamos considerando, portanto, que o processo pelo qual se dá a introjeção da mensagem no indivíduo é o processo de intromissão. Tal mecanismo, que por seus aspectos mais violentos e imetabolizáveis, leva a um fracasso radical na tradução por parte da criança, o que gera problemas na diferenciação da tópica psíquica e a marcante oralidade presente nessa patologia, também ressaltada na teorização de Freud.

O fracasso da tradução gera, conseqüentemente, um fracasso do recalçamento originário, uma vez que sem uma tradução pelo menos parcial do enigma do outro, não é instaurada a diferenciação consciente/pré-consciente e inconsciente, não se instaurando uma tópica intrapsíquica, por não haver conteúdos recalçados, mas sim encravados no psiquismo. Tais conteúdos encravados consistem, para Laplanche (2003), na mensagem enigmática original introduzida no aparelho psíquico sem modificação nenhuma, em que nada foi traduzido. Isso nos conduz, novamente, às considerações de Terrazas (2003): então não há recalçamento originário na melancolia?

Vimos que o melancólico apresenta intervalos livres de sintomas mais proeminentes entre as crises de mania e melancolia. Estamos nos remetendo aos casos típicos e cíclicos de melancolia, nos quais há uma alternância entre esses estados, mas englobamos aí, também, as formas da doença que apresentam somente crises de melancolia, ou somente de mania, que, mesmo assim, apresentam intervalos livres ou períodos de remissão no qual não há agudização da doença. Abraham foi um dos psicanalistas que se dedicaram, na esteira de Freud, a entender a melancolia. Este autor trouxe algumas contribuições importantes acerca desta patologia, como a compreensão e a análise dos estágios pré-genitais da libido e dos intervalos livres na melancolia.

Para Abraham (1924/1970), a melancolia é uma patologia de fixação libidinal e modo de relação objetal peculiar da fase oral-canibalista. No entanto, Abraham percebia, enquanto psicanalista, que a análise dos seus pacientes tinha melhores resultados quando empreendidas nos períodos em que eles apresentavam-se livres de sintomas melancólicos ou maníacos. Ao

examinar esse período de descanso da doença, o autor notou que o caráter do melancólico nessa fase é muito semelhante às peculiaridades do caráter do neurótico obsessivo, afirmando, a partir disso, que o melancólico avança a uma organização sádico-anal retentiva nesses intervalos livres. Nos momentos agudos de sintomas maníacos e melancólicos, o paciente regressaria novamente a fases mais primitivas de organização, passando pela fase sádico-anal expulsiva até chegar à oral-canibalista.

O que nos interessa no pensamento de Abraham, nesse momento, é essa mobilidade que ele destaca na organização da melancolia, que nos intervalos livres desloca-se de um modo de relação psicótico (característicos da fase oral), para um modo neurótico, na medida do possível, mais próximo da neurose obsessiva (é a partir da fase sádico-anal retentiva, do obsessivo, que entramos, segundo Abraham [1924/1970], no campo das organizações neuróticas, em que há relação objeto de fato).

Transpondo essa mobilidade para as considerações a respeito da melancolia sob a ótica laplancheana, tomamos como hipótese que na melancolia estamos lidando com uma patologia que alterna momentos de maior e menor estruturação, para podermos entender o problema da existência ou não do recalque na melancolia.

Em relação ao recalque originário, Laplanche (1992c) nos diz que, “o a posteriori, que opera entre os dois tempos do recalque originário, intervém também *em relação ao próprio recalque originário tomado em seu conjunto*. O que significa, concretamente, que o recalque originário, necessita de uma chancela para ser mantido, *necessita do recalque secundário.*” (p. 145).

Supomos, com isso, que se na melancolia há obviamente a formação do recalque originário, haja vista a estruturação que o melancólico apresenta em seus intervalos livres, é provável que esse recalque não tenha sido ratificado pelo recalque secundário, o que o fez ruir possivelmente nos momentos de crise do melancólico. Ainda assim, surgem vários questionamentos: nunca houve recalque secundário, ou ele existiu, mas também era frágil e veio abaixo, levando o recalque originário junto? O que levou a essa desestabilização do indivíduo, perturbando sua estrutura que estava conseguindo manter-se, mesmo que debilmente?

A desestabilização do recalque leva, conseqüentemente, a nos questionarmos a respeito dos seus desdobramentos. Como fica a tópica psíquica do melancólico nisso? E sua capacidade de traduzir as mensagens que vem do outro? Cardoso (2002) ressalta que o fracasso em traduzir (em referência ao fracasso radical da tradução) é sempre indissociável do

fracasso do narcisismo, remetendo-nos às questões apontadas por Terrazas (2003) a respeito da melancolia: trata-se de narcisismo ou, antes, autoerotismo?

3.4 Por um Tempo Auto ou Narcisismo?

Para pensarmos esta questão, faz-se necessário, antes, retornarmos à teorização da TSG, buscando o entendimento de Laplanche a respeito do autoerotismo e do narcisismo.

Há, de acordo com Laplanche (1997, 2001c), dois níveis de funcionamento que o autor distingue no psiquismo do indivíduo: um autoconservativo, que é o plano do funcionamento vital, e o outro sexual, que é o campo de ação da psicanálise, por ser o plano no qual se desenvolvem os conflitos psíquicos. O plano da sexualidade é, por sua vez, dividido em dois: o da sexualidade erótica – ou desligada –, e o da sexualidade narcísica – ou, também, sexualidade ligada e ligante. Temos, então, que o período relacionado à sexualidade erótica é o do autoerotismo, enquanto que a sexualidade narcísica toma forma a partir do trabalho do narcisismo.

Para Laplanche (1985), o autoerotismo, ou o tempo “auto” da sexualidade, é considerado como um período de desorganização, no qual não existe unificação das pulsões, que dispersas, desligadas, satisfazem-se parcial e localizadamente, em estreita relação com as zonas erógenas do indivíduo. Porém, não é de modo algum, um período sexual sem objeto, ou com objeto sexual fantasístico, como quis Freud, mas, na TSG, sempre incide desde o começo a participação e intervenção do outro, ou seja, do objeto.

Tal período articula-se com o nível autoconservativo, por meio da sedução do adulto e do apoio sobre as funções vitais, da seguinte maneira: o adulto, ao dispensar os cuidados necessários à criança, veicula sua sexualidade inconsciente, que também é erótica e desligada, por entre as fantasias que comprometem a mensagem que ele envia a essa criança (Laplanche, 1997). Configura-se aí a situação antropológica fundamental, de sedução originária, que vai colocar em movimento na criança os mecanismos de tradução e recalque, como já sabemos.

Ainda, Laplanche (1997) nos lembra de que o período do autoerotismo é prioritário na gênese da pulsão, contudo em sua forma desligada. Segundo o autor (1985), é o narcisismo que vem unificar esse funcionamento das pulsões autoeróticas e lhe dar “forma”, uma forma ligada e total agora.

A sexualidade narcísica é ligada e ligante devido ao fato, de acordo com Laplanche (1997), de que o narcisismo consiste no investimento de uma formação psíquica: estabelecendo-se o narcisismo vemos formar-se também o ego, que, como reservatório da libido, é um reservatório que é preenchido por esta ou pela sexualidade do outro (não estando a libido ali desde o começo, endogenamente formada, como em Freud).

Além disso, para Laplanche (2001c), o narcisismo concebido como investimento libidinal que constitui o ego, o faz “à imagem [e semelhança] de outro corpo enquanto totalidade (o corpo do outro, mas também o meu corpo enquanto outro). [Assim,] o narcisismo não é outra coisa que a identificação narcísica.” (p. 117, tradução livre)¹⁶.

Portanto, é a identificação narcísica que dá origem ao ego. Retomamos, com isso, o estudo de Paula (2011) a respeito das identificações, no qual considera a identificação como efeito do processo tradutivo, do que vem do outro, situando-a, por conseguinte, em um movimento do indivíduo de ser identificado pelo outro, pelo que pode ser traduzido da mensagem do outro, uma vez que, segundo Hage (2005), tal mensagem pode conter enunciados identificatórios.

A constituição do ego, como instância total e ligante, coincide, então, com o recalçamento originário, em que a tradução do enigma do outro vai fazer uma cisão no funcionamento psíquico entre os restos intraduzíveis recalçados e a parte da mensagem que é traduzida. Tal cisão vai formar, entre outros aspectos, o pré-consciente/consciente, isto é, o ego, que ao conter os aspectos de ternura, carinho e cuidados do outro, veiculados pela mensagem, além da sexualidade traumática e disruptiva que não pode ser traduzida, fornece elementos de ligação e integração do indivíduo. É esse eu do narcisismo, esse ego ligante, formado pelo sucesso de parte da tradução da mensagem, que vai unificar as pulsões autoeróticas, dominá-las e contê-las.

Com isso, podemos perceber a oposição presente na TSG:

em outros termos, pode-se dizer que os dois grandes modos de funcionamento da sexualidade, segundo esses dois verdadeiros princípios do funcionamento psíquico [são] – não o princípio de prazer e o princípio de realidade, mas o princípio de ligação e o princípio de desligação (Laplanche, 1997, p. 91).

Se formos relacionar esses dois princípios que Laplanche afirma reger a sexualidade às pulsões sexuais que funcionam a partir deles, temos que a pulsão sexual de vida está do lado

¹⁶ Em espanhol: “A imagen del otro cuerpo en tanto totalidad (el cuerpo del otro, pero también mi cuerpo em tanto outro). El narcisismo no es otra cosa que la identificación narcísica.”

do princípio da ligação, enquanto que a pulsão sexual de morte está do lado do princípio de desligação ou desligamento.

Assim, diz Laplanche (1992c), que:

a chamada pulsão ‘de vida’ corresponde a um *objeto total* e totalizante, está ligada (no sentido freudiano do termo, isto é, mantida de modo mais ou menos coerente e não fragmentado) por essa relação com um objeto em via ou em ato de totalização.... Pelo contrário, a pulsão de morte corresponde ao *objeto parcial*, que mal é um objeto, já que é, inclusive em Klein, instável, informe, fragmentado (pp. 155/156).

Vale frisar que na TSG ambas as pulsões, de vida e de morte, pertencem ao plano da sexualidade, além de terem sua origem a partir dos mesmos objetos-fontes instaurados no psiquismo com a ação do recalçamento originário. “O mesmo objeto-fonte é simultaneamente índice e objeto, objeto parcial e objeto total.” (Laplanche, 1992c, p. 157).

Em relação ao modo de ligação da pulsão, Laplanche (2001c) afirma que as maneiras de conter e ligar os elementos mais agressivos e fragmentados da pulsão vem de fora, isto é, são fornecidas à criança pelo outro ou pela cultura. O modo pelo qual se dá essa ligação seria o próprio processo de simbolização, que ao trabalhar formando sequências e redes de significações mais coerentes, a partir dos significantes enigmáticos ou índices de percepção, tentam por em ordem e traduzir a maior parte possível da alteridade veiculada na mensagem, que causa a desligação pulsional.

Entre os elementos de ligação, encontram-se os mitos coletivos e individuais e os grandes complexos descritos por Freud, como o Édipo e a castração. Tais complexos, denominados por Laplanche (2003) de “mito-simbólico”, fazem parte do universo cultural geral e estão a serviço, antes, da ligação, pois ajudam o ser humano a traduzir e manejar a desligação que o pulsional em estado bruto impõe. Assim, se para Freud esses complexos tratam de intensos conflitos psíquicos que terão que ser recalçados pelo psiquismo do indivíduo, para a TSG, eles estão do lado do que vai auxiliar que uma tradução seja realizada, ou seja, propiciam o recalçamento, de uma maneira que o resultado seja um apaziguamento do excesso e das angústias impostas pelo outro, isto é, seja um indivíduo com um funcionamento sexual mais ligado e integrado.

Além disso, Laplanche (2001c) nos lembra de que o outro adulto também oferece à criança um auxílio no manejo do que ele próprio causa. Ao invadi-la com sua sexualidade inconsciente, veicula elementos de instabilidade, agressão e desligamento, necessários para

instaurar o pulsional na criança, por meio dos objetos-fontes que restam da falha parcial na tradução, justamente ocasionada por tais elementos. Por outro lado, oferece a essa mesma criança elementos de ligação que facilitam sua autoteorização, além de dedicar-lhe amor, cuidados e um acolhimento que confirmam o narcisismo da criança, tão importante para a constituição do ego, como vimos.

Já a parte da mensagem que não é traduzida, seja por falha parcial ou radical na tradução, permanece enquanto elementos de instabilidade, agressão e desligamento no psiquismo, uma vez que se constituem da natureza essencialmente traumática e disruptiva da sexualidade desligada do outro, implantada em si. Portanto, a pulsão que tais elementos engendram funciona a partir do princípio da desligação, sendo denominada também pulsão sexual de morte.

Para Laplanche (1997), “a ‘pulsão de morte’ *reafirma o ataque interno* por esse corpo estranho interno introduzido no indivíduo psíquico [a mensagem imetabolizável]; esse ‘auto-ataque’ é o sentido profundo da ‘auto-agressão’, apresentada como pulsão de morte.” (p. 90). Ainda, o autor enfatiza que a pulsão de morte é um “cultivo puro de alteridade” presente no inconsciente, além de relacionar esses elementos que restam da sexualidade do outro com o sadomasoquismo. Para isso, Laplanche (2001b) apoia-se em uma contribuição da teoria kleiniana a respeito dos objetos parciais, segundo a qual o fragmentado, como os elementos imetabolizáveis da mensagem, causam ataque, destruição e perseguição no aparelho psíquico.

Assim, diz Laplanche (2001b):

Em primeiro lugar, para o lactente se tratava de dominar, mediante a tradução, as mensagens sedutoras enigmáticas do adulto, sem autorizar um desligamento excessivo dos estímulos. Depois, o combate pela ligação deve prosseguir contra a alteridade interna, quer dizer, contra o inconsciente e seus derivados. (p. 172, tradução livre)¹⁷.

Na melancolia, não é difícil observar a presença de autoataques ou autoagressões do sujeito consigo mesmo. Eles são perceptíveis nas autoacusações e nos delírios dos melancólicos, bem como nos aspectos sádicos e masoquistas envolvidos nessa patologia. Podemos notar também, de maneira mais evidente nas crises melancólicas e principalmente maníacas, um funcionamento desligado desses pacientes, no qual a sexualidade manifesta-se em seu lado mais erótico e bruto. Sabemos que quando o princípio de desligação está

¹⁷ Em espanhol: “En primer lugar, para el lactante se trataba de dominar mediante la traducción los mensajes seductores enigmáticos del adulto, sin autorizar una excesiva desligazón de los estímulos. Después, el combate por la ligazón debe proseguirse contra la alteridad interna, es decir, contra el inconsciente y sus derivados.”

dominando o indivíduo, as forças de ligação não estão conseguindo fazer a contrapartida no psiquismo, devido a falhas no recalçamento e na instauração da sexualidade narcísica, pois, se contasse com um ego unificado, seria capaz de fazer frente aos elementos de desligação.

Tais considerações nos reconduzem às questões de Terrazas relativas ao autoerotismo e o narcisismo na melancolia. A princípio, nos parece que se trataria sim do autoerotismo em vigência na melancolia, uma vez que, como apontamos, fica evidente um funcionamento desligado da sexualidade erótica nesses casos, em que há um ataque interno da alteridade não metabolizada do outro, não há unificação das pulsões, portanto, não há um ego bem estabelecido pelo recalçamento que possa totalizar esse indivíduo e separá-lo do outro.

No entanto, nos deparamos novamente com a discussão realizada no subitem anterior, de que há, na melancolia, momentos maiores e menores de desestabilização, a respeito dos quais não podemos tomar o melancólico somente em seus momentos de crise, já que fora da crise possui uma estruturação psíquica e um funcionamento que de modo algum podemos caracterizar como autoerótico. Assim, supomos que tais indivíduos não estão presos ao autoerotismo o tempo todo, mas possuem uma sexualidade narcísica que nos momentos de crise retrocede ao autoerotismo, cuja consequência pode ser observada em termos da desestruturação do ego. Com isso, retomamos a hipótese de que o recalçamento originário na melancolia não foi legitimado pelo recalçamento secundário e veio abaixo. Assim, a identificação narcísica que constitui o ego não foi suficientemente validada pelas identificações secundárias, que deveriam fazê-lo com o advento do recalçamento secundário.

Tal mobilidade entre autoerotismo e narcisismo traz, certamente, implicações na constituição do aparelho psíquico do melancólico. Passamos, assim, ao problema da tópica psíquica na melancolia.

3.5 A Constituição Tópica do Psiquismo e o Superego

*"Tu és metade vítima, metade cúmplice, como todos os outros."
(Jean-Paul Sartre – As Mãos Sujas).*

Retomando o processo pelo qual se dá a constituição do psiquismo normal ou neurótico, temos a criança, que, ao ser interpelada pelo enigma sexual que vem do adulto, coloca em movimento as tentativas de tradução e metabolização desse enigma. Segundo Laplanche (2003), essas tentativas têm por função fundar o pré-consciente no aparelho psíquico, correspondente essencialmente ao eu, que representa a maneira pela qual o sujeito se

constitui e representa a sua história, suas autoteorizações. Como a tradução é sempre parcialmente imperfeita, deixa de lado os restos que irão constituir, em contraposição, o inconsciente por meio do recalçamento originário.

Faz-se necessário lembrar, no entanto, que a hipótese tradutiva da TSG baseia-se em um processo de dois tempos, no qual a mensagem é primeiramente implantada e fica à espera de tradução, que pode ou não se realizar em um momento posterior, no segundo tempo do recalçamento. Tais mensagens permanecem no que Laplanche (2003) denomina de inconsciente encravado, como em um estado de espera subconsciente, que assim descreve o autor:

existiria, então, não somente na criança, mas em todo ser humano, uma espécie de *estoque de mensagens não-traduzidas*: algumas praticamente impossíveis de traduzir, outras na espera provisória de tradução. Tradução que só pode ser provocada por uma reatualização, por uma reativação. O inconsciente dito encravado pode, então, ser um lugar de estagnação, mas também um lugar de espera, uma espécie de ‘purgatório’ das mensagens que esperam. (p. 410).

No recalçamento originário, portanto, as mensagens do outro, de acordo com Laplanche (2003), inscrevem-se no inconsciente encravado ou subconsciente, nesse primeiro momento, para, em seguida, serem retomadas e, então, repartidas entre uma parte bem-sucedida da tradução pré-consciente e outra parte que fracassa e dá origem aos restos inconscientes verdadeiramente recalçados, e não mais encravados.

Existe uma parte do inconsciente encravado, contudo, que é imetabolizável, e vai permanecer como uma parte psicótica da mente, em que nenhuma simbolização ou tradução é possível, e na qual não age, portanto, o recalçamento originário. Assim, podemos pensar, com Laplanche (2003), que no inconsciente encravado convivem, lado a lado, mensagens imetabolizáveis e mensagens à espera de metabolização, o que, segundo o autor, equivale ao conceito de clivagem do ego de Freud, no qual coexistem, no mesmo indivíduo, dois mecanismos: o mecanismo neurótico do recalçamento e o mecanismo perverso ou psicótico da recusa.

Com isso, o psiquismo de todo ser humano, na TSG, compreenderia as duas partes, neurótica e psicótica, “ignorantes uma da outra, mas não sem passagens de uma a outra. Entre as duas partes, o limite é flutuante, de um indivíduo a outro, e, segundo os momentos da vida, num mesmo indivíduo.” (p. 410). Este limite pode ser atravessado ou modificado, aumentado

ou diminuído, de acordo com Laplanche, quando se engaja, por exemplo, por algum motivo, em um novo processo de tradução.

Entre as mensagens que constituem o inconsciente encravado, encontramos as mensagens superegoicas, resistentes a qualquer metabolização. Diz Laplanche (2003), dentre as mensagens não traduzidas que constituem este inconsciente [o encravado], destacamos particularmente mensagens superegoicas. Assinalei frequentemente que o ‘imperativo categórico’ é, por natureza, intraduzível em outra coisa que ele mesmo, impossível de metabolizar: ‘você deve porque deve’ (Kant) e é impossível explicar isso por meio de uma justificação qualquer. (p. 409).

O fato das mensagens superegoicas serem mensagens encravadas e imetabolizadas nos faz refletir a respeito das particularidades do superego na TSG, bem como as especificidades das mensagens que ele veicula e a partir das quais se estabelece, além de nos remeter, com isso, ao papel dessa instância psíquica na melancolia, uma vez que, vimos em Freud, tal instância é de grande importância na compreensão dessa patologia.

Nos propomos aqui a pensar, então, a formação do superego tanto nos indivíduos de modo geral, quanto nos melancólicos. Segundo Cardoso (2000), faz-se necessário construir um modelo de gênese do superego diferente de Freud, na tentativa de dar conta de sua singularidade. A autora diz que o “contraste entre a severidade do superego e a das proibições parentais, o caráter de ataque a si mesmo, aspecto ‘demoníaco’ do superego, parecem-nos integrar-se mal numa concepção segundo a qual o superego seria uma instância egóica, constituída por identificação.” (p. 32).

Isso se deve ao fato de que essa instância egoica, como vimos, resulta de um processo parcialmente bem-sucedido de tradução e recalçamento, na qual incide de maneira evidente o princípio da ligação, haja vista suas funções de síntese e unificação das pulsões e do próprio aparelho psíquico. O superego, por sua vez, está do lado do inconsciente encravado, do que não foi nem traduzido, nem recalçado. Laplanche (1992c) considera o superego como um enclave psicótico que faz parte da constituição de qualquer personalidade, e, pela falta de simbolização ou recalçamento das mensagens que o constituem, possui um caráter estrangeiro marcante, sendo uma presença excessiva da alteridade dentro da tópica psíquica.

Segundo Cardoso (2000), situar o superego como um “corpo estranho” (p. 33), rebelde ao esquema de metabolização-recalçamento, separa o superego do sistema do ego, e o distingue também do recalçado, do id. Portanto, pode-se considerar o superego o mais

exógeno, o mais “estrangeiro” na mensagem, que vai ficar encravado na criança, como uma mensagem irreduzível, pois o indivíduo terá que imperativamente adotar de maneira quase imutável a repetição dos índices de percepção, sem que possa fazer com que os elementos da mensagem tornem-se seus, significantes, metabolizando ou recalçando-os.

Faz-se necessário salientar, no entanto, que a visão de Cardoso (2000; 2002) e de Laplanche (2001c) diferem quanto à inserção ou não do superego no inconsciente encravado. Para Cardoso, o superego parece estar inteiramente contido no inconsciente encravado, e é tomado pelas pulsões em seu aspecto bruto, desligado, enquanto espaço psíquico formado por mensagens do outro impossíveis de serem metabolizadas e, até mesmo, que se opõe a entrar em um processo significante. Já para Laplanche, o superego possui uma faceta de enclave psicótico, cujas mensagens não metabolizadas compõem o inconsciente encravado, contudo, o superego comporta outra faceta importante na tópica psíquica que vai além do inconsciente encravado: exerce função de ligação a partir do recalque secundário, em que suas proibições ajudam a ligar e ordenar as pulsões do ser humano. Seguiremos, porém, as ideias de Cardoso quanto ao superego por nos permitirem pensar de outra maneira o entendimento da melancolia, sabendo que tais ideias podem levar a impasses por serem muito radicais, e sem esquecer, todavia, da definição que Laplanche faz do superego e que será retomada ao longo dessa dissertação sempre que necessário.

Assim, Cardoso (2002) descreve a formação do superego da seguinte forma: o outro intromete as mensagens que, introjetadas a partir do exterior, não podem entrar no esquema da metabolização recalcante. Com isso, tais mensagens vão constituir um núcleo de mensagens bloqueadas “no local”. Por serem fragmentos, índices de percepção, tornam-se perseguidores, pois, como vimos em Laplanche (2001b), esses objetos parciais veiculam destruição e ataque pela sua desligação pulsional, além de estarem, sobretudo, ligados à pulsão parcial sadomasoquista.

Qual seria, contudo, a especificidade dessa situação que não permite que tais mensagens sejam traduzidas? Laplanche (2001c) parece situar esse fato na inadequação da mensagem, no seu caráter de imperativo categórico. Assim, diz Laplanche:

O fato de que o superego seja descoberto (em Freud, e em cada indivíduo) em forma de enunciados, de mensagens de interditos ou imperativos, o fato de que em cada indivíduo estas mensagens sejam quase sempre imutáveis, categóricas, quer dizer, insuscetíveis de metabolização, tudo isto nos faz suspeitar de uma origem nas

mensagens parentais que não sofreram o recalçamento originário. (p. 121, tradução livre)¹⁸.

São mensagens, portanto, que já eram enclaves psicóticos do outro, centradas e fechadas nesse próprio outro, de acordo com Cardoso (2002), e que foram intrometidas na criança como se fossem prescrições. Para a autora, são “‘mensagens-veredictos’, veredictos sexuais, veiculando uma espécie de ‘sentença’ à qual o indivíduo pode ser defrontado, que pode ser condenado a repetir, sem no entanto poder torná-la sua, dela se apropriar.” (p. 115). A dificuldade em traduzi-las pode ser situada, portanto, na relação entre a mensagem e seu código interno, impondo uma tradução que é a própria mensagem em si mesma (Laplanche, 2003, p. 409). Além disso, tem que se levar em conta também o poder de ataque da mensagem, – grande nesse caso, uma vez que veicula a mensagem encravada no outro, em seu estado erótico bruto e desligado –, e na precariedade das condições de ligação do ego, cuja capacidade de ligar, como vimos, vem igualmente do outro: pela ligação continente e esquemas de simbolização que fornece, mas também pela função narcisizante do outro (Laplanche, 2001c, p. 120).

Desse modo, Cardoso (2002) formula uma hipótese, baseada em Laplanche, segundo a qual a intraduzibilidade da mensagem está atrelada à quantidade de trauma que ela veicula, em que tal quantidade caracteriza-se pelo desequilíbrio entre o que pode ser simbolizado e o que não pode.

Temos que no psiquismo normal e neurótico, apesar do superego constituir-se por uma alteridade e desligação excessiva, as instâncias egoicas e ideais, com sua capacidade de simbolização e ligação, conseguem fazer frente ao superego, defendendo-se, ao, por exemplo, recobri-lo por um aspecto moralizante e de culpabilidade, no recalçamento secundário, no período edipiano e do complexo de castração. Tal moralidade e culpabilidade consistem em aspectos já ligados, pelas instâncias ideais, da angústia que a violenta desligação do superego gera. Com isso, tal angústia ligada sob essas formas pode ser de certa maneira assimilada pelo ego, fazendo com que haja algum equilíbrio dentro da tópica psíquica (Cardoso, 2002).

Em relação ao recalçamento secundário, Laplanche (1992c, p. 145) afirma ser aí que podemos posicionar o lugar do complexo de Édipo e de castração e da formação do superego. Lembramos que, para este autor, tais complexos situam-se do lado do recalcante, não do

¹⁸ Em espanhol: “el hecho de que el superyó sea descubierto (en Freud, y en cada individuo) con forma de enunciados, de mensajes interdictores o imperativos, el hecho de que en cada individuo estos mensajes sean casi siempre inmutables, categóricos, es decir, insusceptibles de metabolización, todo esto nos deja sospechar un origen en mensajes parentales que no sufrieron la represión originaria.”

recalcado, servindo aos propósitos de auxiliar a síntese e a ligação do sexual, para que, por meio da simbolização, ocorra um domínio da sexualidade excessiva do outro dentro do psiquismo. Além disso, Cardoso (2002), explica, por meio de uma citação de Laplanche, que o secundário tem por característica ser uma integração a posteriori, ou seja, uma maneira de organizar e ordenar os elementos ainda fragmentados no psiquismo após o recalçamento originário, de maneira que eles possam ser significados em uma sentença coerente, e passem a constituir também o ego.

O complexo de castração, por exemplo, é explicado por Laplanche (2001a, p. 85) como um organizador que impõe a lógica binária ao aparelho psíquico, proporcionando, com isso, a ligação da angústia causada pelo ataque da desligação pulsional, com um medo a um perigo específico, bem definido, delimitado e, certamente, mais controlável do que a inespecífica e aterrorizante angústia anterior. Supomos que seja esse o mecanismo por trás dos sintomas fóbicos, uma tentativa do psiquismo de se proteger, por meio da ligação, do ataque que a alteridade interna causa.

Ainda, lembramos que para Laplanche (2001c), o superego, de maneira contraditória, também está do lado dos processos de ligação no momento do recalçamento secundário. Diz o autor, a respeito desse paradoxo do superego: “embora corresponda originalmente ao não ligado, cumpre um papel importante nos processos de ligação: especialmente no recalçamento secundário, em que suas proibições vêm apoiar e como que selar a determinação das estruturas edípica e castrativa.” (p. 121, tradução livre)¹⁹.

Cardoso (2002), no entanto, parece discordar de tal afirmação, ao salientar que essa formulação de Laplanche não é suficientemente precisa em termos metapsicológicos, uma vez que o superego é indissociavelmente vinculado às mensagens imetabolizáveis. Assim, a autora introduz a ideia de que no recalçamento secundário ocorre, na verdade, uma mudança não no superego, mas na atitude passiva do ego em relação aos enclaves do superego.

Essa ideia nos parece mesmo mais fecunda, permitindo pensar e explicar a moralidade e a culpabilidade não do ponto de vista do superego, e sendo veiculada por este, mas como uma tentativa do ego e das instâncias ideais em neutralizar o ataque de desligação que as mensagens imetabolizáveis do superego provocam. Nas palavras de Cardoso (2002):

se o sistema do ego (que inclui as instâncias ideais), ao possibilitar uma representação de moralidade (culpabilizante) mesmo que de caráter categórico, vem a ‘transformar’

¹⁹ Em espanhol: “subsiste la paradoja de que el superyó, aun cuando corresponda originalmente a lo no ligado, cumple un papel importante em los procesos de ligazón: especialmente em la represión secundaria, donde sus prohibiciones vienen a apoyar y como a sellar la puesta en vigor de las estructuras edípica y castrativa.”

– a deformar – o conteúdo dos *enclaves* superegóticos a partir do recalçamento secundário, isso implica que a força que ataca, a violência própria a esses *enclaves*, pôde ser de algum modo neutralizada. (p. 146).

Assim, os enclaves psicóticos podem ser transformados, pelo trabalho de elaboração secundária realizado pelas instâncias egoicas e ideais, em enunciados superegóticos, que aí sim vão selar e confirmar, pelas vias da moralidade – mesmo que seja uma moral implacável –, os enredos do Édipo e da castração (Cardoso, 2002). Com isso, há uma nova possibilidade de reabertura do indivíduo, com a finalidade de promover ligações e traduções cada vez menos patologizantes.

Cardoso (2000) afirma, no entanto, que em determinadas patologias – dentre as quais pensamos estar inclusa a melancolia – observa-se que o ego é limitado em sua capacidade de metabolização e de recalçamento, sendo, portanto, impotente perante o superego, notando-se, também, a fragilidade da instância do ideal do ego. Assim, diz a autora: “diante do superego, o ego teme a invasão do ‘mau’, essa sombra do objeto que, caindo sobre ele, põe em perigo a eficácia de suas fronteiras.” (p. 34).

Parece-nos lícito supor, com isso, que a imagem da configuração da tópica psíquica na crise de melancolia seja essa: um superego expandido, dominando o psiquismo com a desligação pulsional que ele veicula, e um ego encolhido, sofrendo ataques por todos os lados.

Tal imagem nos remete às considerações de Laplanche a respeito dos limites na tópica psíquica, e também à teoria das fronteiras do eu, de Paul Federn. Para Laplanche (2003), vimos que existe uma flutuação nos limites das instâncias psíquicas, podendo tais limites ser alterados de maneira dinâmica ao longo de toda a vida do indivíduo, uma vez que o mecanismo tradutivo-recalcante que constitui o psiquismo não é estático, e está sempre atuando, ampliando em um momento os limites do inconsciente recalçado, diminuindo os do inconsciente encravado, ampliando, às vezes, os limites egoicos, sendo o contrário também verdadeiro. Em *Novos Fundamentos para a Psicanálise*, ao expor as bases da TSG, Laplanche (1992c) já concebia o psiquismo como um modelo dinâmico, no qual “os invólucros são suscetíveis de contração e dilatação.” (p. 144).

Parece, a princípio, que as formulações de Federn seguem a mesma linha de mobilidade do psiquismo concebida por Laplanche. O pensamento de Federn nos é apresentado por Carvalho (2003), que trabalha com a sedução generalizada e traz uma leitura de Federn aliada aos conceitos da TSG. Apesar de o autor abordar os aspectos das fronteiras

do eu na psicose, pensamos que tais considerações a respeito da mobilidade de fronteiras podem nos auxiliar a compreender a situação do psiquismo em uma crise melancólica.

Segundo Federn (1953, citado por Carvalho, 2003), é o investimento narcísico do eu que estabelece suas fronteiras, além de constituí-lo. Tal investimento, no entanto, é dinâmico, tornando os contornos das fronteiras do ego modificáveis de acordo com a flutuação do investimento pulsional a que está submetido. Assim, o ego pode perder seus contornos e esvanecer-se. Quando isso acontece, há uma invasão do psiquismo pela realidade. Carvalho (2003) nos explica, pelo viés da TSG, que tal realidade consiste nos conteúdos inconscientes que ganham realidade dentro do psiquismo, com a perda dos limites do ego, sendo estes conteúdos, em última instância, a alteridade que se impõe.

Com isso, a autora afirma que nesse ganho de realidade descrito por Federn, está presente a realidade da sedução ou da mensagem enigmática do outro. Para Laplanche (2001c), essa seria uma terceira realidade, transversal às realidades material e psicológica, em que os significantes enigmáticos invadem o psiquismo, acuando o ego com toda a excitação pulsional e desligação que veiculam.

A realidade da mensagem estaria ainda, para Carvalho (2003), na base da formação de ideias delirantes. Segundo seus estudos, uma sugestão de caráter sexual, vinda da mensagem enigmática do outro, mobiliza desejos no sujeito que deveriam ter sido mantidos inconscientes, fornecendo material psíquico para a construção dos delírios. A base do delírio estaria, então, na situação de sedução, da veiculação da mensagem sexual do outro, em que uma situação de sedução atual pode atualizar uma situação de sedução mais antiga, infantil, com a qual mantém conexões, isto é, em que há uma mensagem sexual implantada no passado atualizando-se por meio de situações presentes.

Assim, a situação de sedução atualizada leva a um estado de regressão do eu, que “é o estado de um ‘Eu’ em desamparo ante a sedução do mundo adulto, um ‘Eu’ que não é capaz de dominar a excitação proveniente das mensagens sexuais que chegam até ele” (Carvalho, 2003, p. 56), sofrendo então a influência e a perseguição ilustradas pelos delírios encontrados, por exemplo, tanto na mania quanto na melancolia.

De acordo com Cardoso (2002), “a força que a des-ligação vai assumir na vida psíquica dependerá de dois aspectos: por um lado, da força da ‘realidade da mensagem’; por outro, da capacidade que o ego tenha em ligá-la, isto é, da eficácia de suas fronteiras.” (p. 126).

Podemos supor, então, que, na melancolia, o ego encolha suas fronteiras, já fragilizadas pela falta de apoio do recalçamento secundário e das identificações secundárias

que validam a identificação narcísica que dá origem ao ego. Além do mais, o superego com seu excesso de alteridade imetabolizável veicula a desligação pulsional e favorece o ganho de realidade da mensagem no psiquismo, acuando ainda mais o ego indefeso e incapaz de fazer frente com sua capacidade de ligação, isto é, de tradução, que também se encontra debilitada pelo fracasso do narcisismo.

Deste modo, pensamos que o esvanecimento das fronteiras atinge a instância egoica de maneira geral, bem como as instâncias ideais que a compõe, visto que o ideal do ego, pertencente ao registro secundário e com função de neutralizar a ação dos veredictos superegoicos, como vimos, também não consegue enfrentar a desligação do superego.

Diante do perigo de desligação a que se encontra exposto, o ego tem que lançar mão, então, segundo Cardoso (2000), de mecanismos arcaicos de defesa. Assim,

como já mencionamos, nas situações clínicas (neuróticas e psicóticas), centradas numa auto-acusação violenta, esta, paradoxalmente, se configura como tentativa de defesa contra o risco de um afluxo pulsional de energia ‘des-ligada’. O ego, defrontado com a impossibilidade de *responder ao* ‘excesso’ de alteridade interna, faz o retorno dessa alteridade sobre si mesmo e passa a *responder por* ela (Cardoso, 2000, p. 38).

Cardoso (2000) ainda cita outras operações defensivas primárias, além do retorno sobre si mesmo, como, por exemplo, a inversão, a negação e a projeção da alteridade radical interna. As autoacusações violentas observadas na crise de melancolia, portanto, não são próximas do caráter moralizante e de culpabilidade que o ideal do ego reveste, a partir do recalçamento secundário, o superego no intuito de dominar, desse modo, a desligação que ele causa dentro do psiquismo. Tais autoacusações vão além, e assumem um caráter de autoataque a partir desse retorno da alteridade e da desligação sobre si que Cardoso (2000) indicou.

Assim, para Cardoso (2002),

ante os aspectos intraduzíveis, o ego transborda. Isso faz pensar na ação de uma força que ataca, categórica, ‘extrínseca’, à maneira de um imperativo do outro. Neste caso, não é possível nem ligar a força pulsional nem descarregá-la completamente. Essa repetição compulsiva é, entretanto, uma maneira de ‘lidar com’ os aspectos *intraduzíveis* do ataque do outro. Mas esse ‘lidar com’ não é da ordem de uma

simbolização, no sentido de uma tradução. *Aquilo que não pode ser traduzido só faz repetir-se como um imperativo.* (p. 132).

Tal retorno da alteridade interna, e a conseqüente reação arcaica do ego de responder pelo excesso e repeti-lo, parecem explicar, do nosso ponto de vista, a crise melancólica, em seus aspectos de inibição, isolamento, desinteresse pelo mundo externo, autoataque mortífero, autorrecriações, delírios de inferioridade e etc. Falta considerar, ainda, dois aspectos característicos da melancolia, na tentativa de uma maior compreensão dessa patologia, a saber, a sua possibilidade de transformar-se em um quadro de mania e de resultar em um ato suicida.

3.6 Outros Fenômenos da Melancolia: Mania e Suicídio

Vimos em Freud que o melancólico se mata por poder tomar o seu ego como se fosse o objeto perdido e dirigir a ele todo o sadismo e a pulsão de morte que o superego veicula. Trata-se, portanto, de uma explicação que enfatiza os aspectos destrutivos do superego, seu lado “assassino”.

Laplanche (1980/1993), ao retomar o texto de Freud, *Luto e Melancolia*, ressalta que a explicação de Freud a respeito do suicídio não abrange toda a complexidade desse ato, tanto nos melancólicos, como nos suicidas de maneira geral. Assim, diz Laplanche:

penso que cabe particularmente, em toda ação suicida, levar também em conta o aspecto de autoconservação, o aspecto de manutenção imaginária de uma imagem de si, talvez de um ideal de si onipotente. Há um aspecto negativo no suicídio, mas há igualmente um aspecto positivo, levando ao extremo, na imaginação, uma instância do ego que é uma instância narcísica e ideal. (p. 310).

O suicídio, para Laplanche (1980/1993), implica, portanto, uma reafirmação de um aspecto bom e idealizado do indivíduo. Parece ser este o raciocínio que Terrazas (2003) também segue. De acordo com este autor, o suicídio envolve um conflito entre as funções egoicas de autoconservação do corpo e autopreservação da autoimagem identificatória, no qual esta última faria frente à primeira, levando o ego a se matar a despeito de sua autoconservação.

Pensamos que tanto as ideias de Laplanche quanto a de Terrazas aproximam-se mais de uma ação neurótica, uma vez que vimos que as instâncias ideais do ego não possuem tanta força assim na melancolia. Contudo, sabemos também que é comum a quem trabalha com pacientes melancólicos graves, em instituições psiquiátricas, partilhar da ideia – apoiada na observação – de que é mais provável que o melancólico se suicide quando começa a adquirir um pouco mais de força e de atividade. Muito deprimido e em plena crise, o melancólico tem mais dificuldade para concretizar a ação do suicídio; já quando começa a sair da crise, é capaz de planejar e realizar tal ato, na maioria das vezes, sem aviso.

Na tentativa de buscar mais elementos para a compreensão do suicídio na melancolia, buscamos inspiração em um estudo de Tarelho (1999) a respeito de reflexões sobre as psicoses pelas vias da TSG. Nele, o autor retoma a Laplanche com a hipótese de que nos quadros psicóticos, as significações das mensagens enigmáticas, não são apenas parcialmente, mas sim inteiramente inacessíveis ao processo de tradução, portanto, “tendo em vista que o processo de diferenciação das instâncias psíquicas depende desta possibilidade, é natural que na psicose ocorra um comprometimento deste processo” (p. 150).

Além disso, Tarelho (1999) afirma que uma das consequências desse comprometimento é justamente a dificuldade de a criança estabelecer um corte em relação a esses elementos da alteridade que violentamente a invadem, elementos da sexualidade do outro que foram nela intrometidos, tornando-se a criança, para Tarelho, altamente dependente das imagens que lhe correspondem, em uma posição total de vulnerabilidade e passividade permanente diante desse outro.

Sem nos atermos a respeito dos efeitos da intromissão do outro na psicose, pensamos que a tentativa de estabelecer um corte na alteridade pode estar envolvida no ato desesperado do suicídio. O ego invadido pelo desligamento pulsional excessivo das mensagens superegoicas pode por fim a sua vida na tentativa de separar-se desta alteridade, uma vez que tal invasão debilita e torna tênue as fronteiras internas do psiquismo, deixando o indivíduo tomado por toda a angústia que a deslização e o ataque pulsional causam.

Vemos que essa consideração a respeito do suicídio aproxima-se, em certa medida, das ideias freudianas, em que o superego ataca, por assim dizer, o ego. Além disso, é possível pensar também, em outra perspectiva não muito distante de Freud, a partir das ideias de Cardoso (2002), que o suicídio seria consequência trágica das defesas arcaicas que o ego lança mão na tentativa de fazer frente aos ataques pulsionais do superego, em especial do retorno que o ego faz a si próprio da alteridade excessiva que o invade, respondendo a essa alteridade de maneira compulsiva e repetitiva, o que pode levá-lo a morte.

Em meio à complexidade do ato suicida na melancolia, pensamos, por fim, que todas essas considerações nos ajudam a pensar essa questão de maneira mais ampla. Pensamos, ainda, ser possível superar a oposição entre tais considerações, uma vez que parecem descrever de distintos pontos de vista movimentos que acontecem concomitantemente no aparelho psíquico durante uma crise melancólica. Tanto os movimentos de distanciamento pela morte, de reafirmação de um aspecto idealizado de si por meio novamente da morte, quanto de resposta do ego fazendo um retorno a si próprio da alteridade – e que também pode matá-lo – são reações últimas de tentativas malfadadas e desesperadas de tomada de distância ou controle da alteridade invasiva, quando todas as possíveis barreiras internas já falharam, e só resta o suicídio, fazem sentido pela ótica da TSG.

Outro desfecho possível para a melancolia é a transformação em uma crise de mania. Sabemos que a mania é a outra face da melancolia, praticamente seu oposto, e ambas pertencem à mesma patologia da melancolia. Contudo, pensamos que, por mais que a expressão sintomatológica da mania seja o oposto da sintomatologia da melancolia, as duas faces são apenas maneiras diferentes do psiquismo de se arranjar para enfrentar o conflito que o está dominando.

Assim, estamos nos apoiando na hipótese de que o conflito em questão na melancolia consiste em um superego ameaçador pela desligação que suas mensagens imetabolizáveis geram no interior do psiquismo, e um sistema egoico e de instâncias ideais que não é capaz de fazer frente a essa força desligadora do superego: com seus limites e fronteiras debilitados, bem como sua capacidade de tradução e ligação, seja pela falta de investimento narcísico, seja pelo fato dos recalques secundários e originários terem vindo abaixo, levando com eles outras formas possíveis de enfrentamento da desligação pulsional que o superego promove, restando ao ego defender-se de modo arcaico dessa desligação, retornando sobre si a alteridade excessiva que o invade.

A partir disso, podemos pensar também que na mania há um conflito dentro do psiquismo em relação a uma luta entre a desligação e a ligação pulsional, na qual deve ocorrer também uma flutuação nos limites intrapsíquicos, de acordo com a força veiculada e as instâncias envolvidas. No entanto, parece-nos adequado afirmar que novamente na mania vemos o psiquismo às voltas de tentar se proteger da desligação pulsional que ainda prevalece nele. Tal afirmação decorre do fato de que, do nosso ponto de vista, fica patente a desligação pulsional na mania, assim como na melancolia, em que há um excesso pulsional em estado erótico bruto, um retorno ao autoerotismo e à satisfação parcial, bem como uma tópica psíquica que, durante a crise, não está bem estabelecida e delimitada, uma vez que aí também

o recalçamento originário não parece ter recebido a chancela do recalçamento secundário, retrocedendo em fases agudas às formas de funcionamento anteriores ao estabelecimento do ego.

Qual seria a diferença no interior do psiquismo, então, para que a expressão sintomatológica das crises de mania e melancolia seja tão distinta? Se a melancolia estabelece-se em uma relação de ataque e defesa entre as instâncias egoicas - em particular, o ideal do ego - e o superego, na mania, quais instâncias estão mais envolvidas em torno da luta da desligação?

Tais questionamentos apresentam dificuldades para serem respondidos. Temos apenas algumas pistas que podem servir à nossa tentativa de compreensão da crise maníaca. Uma delas é fornecida por Laplanche (1980/1993), ao comentar o entendimento de Daniel Lagache a respeito das instâncias psíquicas, ou do que ele denomina de sistema do ego ideal e sistema do ideal do ego/superego. Segundo Lagache (1961, citado por Laplanche, 1980/1993, p. 333), “na melancolia o que está em jogo é o sistema ideal do ego/superego, ao passo que na mania a identificação com o ideal é uma identificação com o ego ideal onipotente.”

Cardoso (2002) também ressalta o papel do ego ideal na mania. Segundo a autora, seria lícito pensar que há na melancolia e na mania uma possível alternância, em termos de regência interna, entre o superego e o ego ideal. Assim, supomos que na melancolia, o superego domine a cena psíquica, enquanto na mania seja a vez do ego ideal. Porém, como seria a dominação do psiquismo pelo ego ideal?

Supomos que não há identificação com o ego ideal na mania, como afirmou Lagache (1961, citado por Laplanche, 1980/1993), pois a identificação implica modificação no ego, e, ainda, como vimos, a identificação implica tradução e simbolização do que vem do outro, o que estamos supondo que não ocorre na melancolia, ou mais precisamente, que vem abaixo junto com o recalque. Mas haveria, no entanto, um processo de superinvestimento do objeto, ou seja, do objeto interno como alteridade radical instalada no psiquismo. Segundo Cardoso (2002), tal superinvestimento é realizado à custa do ego. Para a autora,

a questão do seu superinvestimento implica não somente uma dominação - o ego sendo submetido ao poder ‘demoníaco’ do objeto -, mas também uma idealização, uma exaltação dele. Essa idealização não consistiria numa tentativa extrema de o ego fazer-se senhor, de metabolizar os aspectos atacantes, em última instância, intraduzíveis, vindos desse outro radical interno? (p. 38).

Esse questionamento nos leva a hipotetizar que seria o ego ideal, como representante das instâncias egoicas e ideais, que idealizaria o objeto de alteridade interna excessiva, na tentativa de impedir a desligação que ele difunde, constituindo, por meio desse superinvestimento, o que Cardoso (2002) denomina de um “estrangeiro-em-si” (p. 39).

Tal movimento do ego ideal nos parece próximo às defesas arcaicas utilizadas pelo ego contra o superego na crise de melancolia. Será possível essa ser também uma das defesas egoicas de retorno sobre si mesmo, porém com uma roupagem diferente, em que o ego ideal tem papel principal, e não mais o ideal do ego, como na crise de melancolia, e tal defesa não desemboca na sujeição do ego ao poder demoníaco do objeto, mas sim, defende-se dele exaltando-o? E o que aconteceria com as fronteiras do psiquismo nesta situação? Uma expansão das instâncias egoicas por constituir agora o estrangeiro-em-si dentro de seus limites, evitando assim a desligação ameaçadora de suas fronteiras que ele veicula?

Falta-nos ainda, contudo, uma maior compreensão a respeito do ego ideal para possibilitar um entendimento da mania, e também das relações entre as instâncias de ideal do ego e ego ideal e as demais instâncias psíquicas, principalmente por meio de um exame baseado no referencial teórico da TSG. Trata-se das limitações desta dissertação. Deixamos, no momento, o exame de tais instâncias como sugestão para futuros e necessários estudos.

Assim, em decorrência do exposto até agora, mais questões se impõem a nós: vimos que o melancólico pode entrar em uma crise de mania e pode também suicidar-se, então, o que leva a ocorrer uma dessas manifestações em certo momento e não a outra? E o que leva a alternância entre a mania e a melancolia? Se as duas estão relacionadas a maneiras diferentes de tentar lidar com a alteridade excessiva, pensamos que é necessário, a título de finalização deste trabalho, discutirmos a questão do melancólico com seu objeto, principalmente, em relação aos diferentes estatutos do outro/objeto no psiquismo (Cardoso, 2002). Ao mesmo tempo, tal discussão configura uma tentativa de síntese dos caminhos percorridos até aqui.

4 A MELANCOLIA E SUA RELAÇÃO COM O OBJETO: EM BUSCA DE UMA SÍNTESE

*“O que o pai calou aparece na boca do filho, e muitas vezes descobri que o filho era o segredo revelado do pai.”
(Friedrich Nietzsche – Humano, Demasiado Humano).*

A noção de objeto, segundo Laplanche e Pontalis (1967/2001), assume na psicanálise, em especial em Freud, três definições essenciais. Na primeira delas, o objeto pode ser entendido enquanto correlativo de objeto da pulsão, que esta busca alcançar para obter satisfação. O objeto da pulsão pode ser, então, uma pessoa, um objeto parcial, um objeto real ou fantasístico. Acrescentamos, ainda, que o próprio ego pode ser tomado como objeto da pulsão, em relação ao narcisismo.

O conceito de objeto é utilizado também em referência a objeto de amor, especificando uma relação com uma pessoa total, ou então de uma relação entre uma instância do ego com um objeto tomado como total. Laplanche (1980/1993) diz que embora se trate geralmente de uma pessoa, podem ser considerados, também, como objeto de amor uma coisa, um ideal (por exemplo, a pátria ou a liberdade), ou apenas um aspecto da pessoa ou da coisa.

Por último, temos a aceção de objeto no campo filosófico, como objeto que se oferece ao sujeito que percebe e conhece. Laplanche e Pontalis (1967/2001) enfatizam, além do mais, o fato de que Freud considera e se refere ao objeto libidinal, nessas três definições, sempre do ponto de vista do sujeito.

Vimos que a TSG, no entanto, traz as noções de descentramento do sujeito e de alteridade como constitutiva do psiquismo, em que o objeto em questão também é um sujeito. Tal posicionamento nos permite retomar de maneira distinta de Freud a relação sujeito-objeto. Faz-se necessário, portanto, pensarmos a relação do melancólico com seu “objeto” pela ótica laplancheana, uma vez que vamos seguir Freud, com o intuito de concluir este trabalho, no que Laplanche (1980/1993) afirma ser o ponto de partida freudiano para pensar a melancolia: “a questão do objeto e de sua escolha, a propósito de sua perda.” (p. 288).

Se tomarmos a criança enquanto sujeito, e sua mãe como seu objeto – seja da pulsão, seja de amor –, percebemos que os conceitos de mensagem enigmática do outro e de recalçamento originário nos levam a situar a mãe-objeto também como sujeito.

Existem, segundo Mello (2009), duas faces do sujeito, antagônicas entre si, porém presentes em todos nós. De um lado, temos o “sujeito sujeitado” (p. 250), e de outro, o

“sujeito agente ou transmutativo” (p. 256). Consideramos a mãe do nosso exemplo como sujeito em relação a essas duas faces. Como sujeito sujeitoado, temos, na TSG, a mãe como ser constituído pela alteridade implantada em si por um terceiro, um outro que a interpela com sua sexualidade inconsciente, e, a partir disso, a torna um sujeito sujeitoado passivo e produzido pelo outro, de acordo com a caracterização dessa face do sujeito feita pelo autor.

No entanto, sabemos que o processo de constituição psíquica não é um movimento apenas de sujeição e passividade ao que vem do outro. É necessário que o sujeito, em um primeiro momento sujeitoado, assuma uma postura ativa e criativa na tradução das mensagens enigmáticas do outro, uma vez que esta implica em metabolização do enigma, ou seja, em transformá-lo ativamente para, enfim, parcialmente assimilá-lo. Temos aí a mãe também como sujeito agente, que, segundo Mello (2009), “pretende criar-se a si próprio, mesmo que para isso introjete e transforme o que vem do outro.” (p. 250). Para o autor, trata-se de um movimento dialético, no qual “não basta transformação ativa, há que haver também o deixar-se fazer pelo outro.” (p. 263).

Podemos acrescentar, ainda, a essas duas faces do sujeito descritas por Mello (2009), que a mãe, em sua posição de agente, age como o terceiro que a constituiu, porém agora em relação ao seu filho. É ela que vai, por meio da alteridade que impõe, marcada pela sua sexualidade inconsciente, constituir a criança como ser psíquico em um mundo inter-humano. Supomos, então, que, nesse momento, a criança ocupa o lugar de objeto dos investimentos sexuais da mãe. Ao mesmo tempo, a criança é sujeito sujeitoado por essa mãe que a invade com sua alteridade, e tem que assumir sua face de sujeito agente em transformar o que vem da mãe para fazê-lo seu e, a partir disso, se constituir.

Assim, tais considerações nos levam a situar a relação sujeito e objeto, em toda sua complexidade, como uma relação entre dois sujeitos.

Contudo, podemos afirmar também que a mãe (ou o outro, de modo geral) tornou-se objeto daquilo que ela própria fundou na criança, como sujeito em ação na constituição psíquica desta criança. Tornou-se objeto de amor e objeto da pulsão que ela instalou na criança. Mais ainda: objeto da pulsão, no sentido freudiano, e objeto-fonte da pulsão, sob a ótica de Laplanche. Como vimos, o objeto-fonte consiste no fracasso de tradução do que vem do outro, no resto que vai formar o inconsciente recalçado, impulsionando o indivíduo a buscar novas traduções, outros objetos de amor, etc. Temos, então, o estatuto do outro no inconsciente recalçado do melancólico, tal como no do psiquismo normal e neurótico: a alteridade está no objeto-fonte da pulsão.

Quanto à busca por novos objetos de amor, Belo e Marzagão (2006), ao tecerem considerações sobre o amor, com base nas teorias de Freud e da sedução generalizada, nos dizem que o encontro com o objeto de amor é, na verdade, um reencontro. Segundo os autores:

quando encontramos um objeto de amor, realmente reencontramos o objeto das origens. O encontro com o objeto *reativa* esse tempo originário. Não é por acaso que as relações amorosas são ambivalentes. Longe de serem apenas apaziguadoras, como querem os ideais românticos e religiosos, elas reativam todas as excitações das origens – inclusive aquelas ligadas à nossa sobrevivência. O encontro com o objeto traz à tona a sexualidade do outro *em nós*. (p. 51).

Por esse motivo, os autores afirmam também que o amor não é a busca pelo objeto original que foi perdido, já que, de acordo com eles, o objeto original não é perdido, não desaparece, mas sim permanece para sempre presente no indivíduo, como objeto-fonte da pulsão. Os parceiros amorosos com os quais o indivíduo se envolve durante a vida são, com isso, o objeto originário que ganhou outros nomes, ou seja, segundo Belo e Marzagão (2006), o objeto originário que encontrou novas traduções. Assim, “as relações amorosas reabrem a situação originária, para o bem e para o mal” (p. 51), trazendo apaziguamento e completude ou, também, excitação excessiva.

Ainda, para Belo e Marzagão (2006), encontrar com o outro atual reativa tudo aquilo que vivemos com aquele outro (geralmente a mãe) dos primórdios. O amor é conflitivo porque suas origens são um tempo de passividade absoluta contra a qual lutamos para jamais reencontrar. O problema é que o encontro com o objeto de amor é um reencontro. *Quando amamos, reencontramos tudo aquilo contra o que o narcisismo faz frente: a origem alteritária do eu e a passividade das origens*. (p. 53).

Ao transpormos as reflexões dos autores, a respeito das relações amorosas do indivíduo com seu objeto, para as relações do melancólico com o objeto, na tentativa de compreender o papel, ressaltado por Freud, da perda do objeto na melancolia, vemos que a relação amorosa reativa a situação de sedução originária, colocando em movimento a tópica psíquica e os mecanismos tradutivos e de recalque, o que pode levar a destruições e

retraduções constantes. Da mesma maneira, pensamos que a perda de um objeto amoroso atual também envolve uma reativação da situação originária, pelas ligações que o objeto atual mantém com o objeto originário.

Feitas essas discussões, retornamos, assim, ao papel da perda de objeto na melancolia, bem como o luto decorrente desta perda. Vimos que Freud, em *Luto e Melancolia*, compara o trabalho de elaboração do luto com o trabalho psíquico interno presente na melancolia. Terrazas (2003), em seus comentários a respeito desse texto freudiano, nos questiona em que medida é possível que esse trabalho de desprendimento das recordações e dos afetos aconteça em relação ao morto. Essa questão nos impõe outra, que Laplanche (1992b) aborda em seu texto *O Tempo e o Outro*: quais são os vínculos que são desfeitos no trabalho do luto?

Para Freud, segundo Laplanche (1992b), são as lembranças, as expectativas que nos relacionam ao outro. No entanto, o autor aponta, a partir do enfoque da TSG, que Freud não levou em conta que o contexto dessas lembranças e expectativas é o lugar dado à mensagem enigmática do outro. Para o enlutado, a mensagem que vem do outro nunca é suficientemente compreendida, visto que sua tradução contém sempre um fracasso em si mesma. Resta ao sobrevivente, então, questões a respeito do morto: o que diria ele? O que desejou dizer-me? Sem contar o pesar, arrependimento ou remorso que o sujeito sente de não ter suficientemente podido dialogar com o morto, entender o que ele desejava dizer.

Com isso, Laplanche (1992b) ressalta a função do enigma dentro do luto: o que deseja o morto? O que deseja em relação a mim? Podemos assinalar, portanto, que o luto faria voltar à tona o enigma antigo, veiculado pela mensagem do outro, que já permeava essa relação antes da perda. Vale frisar que luto e perda são entendidos aqui em sentido mais amplo, não apenas em relação à morte, mas também relativos ao término de um relacionamento, a uma decepção com o outro e etc..

Ramos (2008) nos diz que “o luto, porque presentifica a perda, presentifica o objeto e sua mensagem.” (p. 273). Ainda, segundo o autor, “o luto, ... seja em que forma for, é uma maneira de defrontar o excesso, mais, talvez, do que lutar contra a falta. É mais contra o excesso do objeto – contra sua presença obsidente – do que contra sua falta que o sujeito está às voltas.” (p. 270).

Isso nos leva a pensar que a perda consiste em tal excesso, excesso que o indivíduo já tentou enfrentar na situação originária, e que agora retorna devido à perda e à presentificação que ela gera do outro que invade com sua sexualidade desligada por meio das mensagens enigmáticas. O luto seria, portanto, uma maneira de lidar com a alteridade excessiva que a perda revivifica.

Hage (2005), em estudo referente ao processo de luto e identificação pautado pela TSG, também situa a mensagem enigmática no centro do luto, cujo processo a autora explica da seguinte maneira:

a mensagem deixada de herança pelo morto, presença viva do morto no psiquismo do sobrevivente, gera a dor própria do luto; e o trabalho de luto, por seu lado, realiza-se à medida que o sobrevivente chega a traduzir a mensagem. Trata-se de um processo em que tradução e temporalização são contemporâneos, de tal forma que o trabalho de luto conduz à produção de uma narrativa: através dele, a história vivida com o objeto perdido acha-se reescrita. (p. 285).

Se na melancolia, pelas vicissitudes patológicas sofridas pelo trabalho de luto, diz-se que há aí um luto impossível de ser realizado, como vimos em Freud (1917/1996), constatamos, assim, que tal trabalho de luto não se dá de fato, pois a mensagem não é passível de ser traduzida na ocasião de perda do objeto.

Além disso, Hage (2005) nos mostra que em tempo anterior, na relação com o objeto perdido – não necessariamente morto – tal objeto anunciou também, por meio da mensagem enigmática, enunciados identificatórios à criança. Assim, “a criança é ao mesmo tempo sexualizada e idealizada pelo adulto. Uma identidade e um lugar lhe são designados por este último, e nesta designação estão os interditos” (p. 286), que irão, segundo a autora, balizar o histórico dos investimentos afetivos e eróticos ao longo da vida da criança.

Na perda do objeto, portanto, condição tanto para o luto quanto para a melancolia, a mensagem enigmática se impõe novamente ao indivíduo com força, reinstalando e reativando, segundo Hage (2005), uma relação com a mensagem do outro, análoga àquela da sedução originária. Ainda, a perda reforça também o enunciado identificatório na economia psíquica, e a mensagem continua a se impor ao ego como exigência econômica, sendo que, conforme a autora, apenas a tradução da mensagem é capaz de colocar fim a esta exigência para o sujeito.

A partir dessas considerações, supomos que tais mensagens que veiculam enunciados identificatórios, assim como enunciados de interditos, estão em estreita relação com as instâncias egoicas ideais e as instâncias superegoicas. Vimos, na melancolia, que o conflito psíquico se dá entre as forças de ligação e desligação, cujos principais representantes são, de maneira geral e respectivamente, o ego e ideal do ego e o superego.

Se temos, na melancolia, um superego que veicula desligação por meio da alteridade radical que contém encravada no psiquismo, temos, por outro lado, as instâncias egoicas e

ideais que não conseguem fazer frente à tanta desligação, por não terem sido suficientemente estabelecidas em suas fronteiras por meio da simbolização do que vem do outro no período do recalçamento secundário, que, ao desestabilizar-se, retrocedeu ao autoerotismo, sendo dominado pela sexualidade desligada, sem nem contar com o apoio do recalçamento primário.

Podemos hipotetizar, com isso, que, já na relação originária, tais mensagens identificatórias não puderam ser simbolizadas e assimiladas pelo sujeito, pois eram mensagens imetabolizáveis, imperativos categóricos ou veredictos impostos pelo outro a partir do seu próprio inconsciente encravado, não podendo, assim, ser fornecido para a criança códigos que auxiliassem na tradução da mensagem, tendo que ser adotada em sua forma erótica mais disruptiva. Assim, ficaram fragilizadas também a constituição das instâncias egoicas e ideais, na medida em que não houve tradução e simbolização suficiente para que as identificações narcísicas primárias e secundárias que constituem estas instâncias fossem bem estabelecidas e pudessem enfrentar a alteridade excessiva do outro em si.

De alguma maneira, o melancólico alcançou – e alcança de tempos em tempos, nos intervalos livres da patologia, como vimos – uma estabilidade entre as forças de ligação e desligação no aparelho psíquico, que, porém, é abalada dando origem às crises de mania e melancolia. Pensamos que é neste abalo que podemos situar o papel da perda na melancolia.

Se a relação amorosa com o objeto atual (lembrando que por objeto de amor não entendemos apenas a relação com uma pessoa total, conforme Laplanche e Pontalis, 1967/2001) reativa a situação de sedução com o objeto original, como discutimos, e se a perda desse objeto atual também reativa a situação originária, bem como a mensagem do outro veiculada nesta situação, parece ser lícito supor, então, que essas reativações, com as consequentes destraduações e retraduações possíveis que trazem, causam a instabilidade na tópica psíquica do melancólico e levam aos arranjos que descrevemos entre as instâncias, por ocasião da discussão a respeito da crise de melancolia e de mania no capítulo anterior.

No entanto, ainda permanece o questionamento em relação à perda ora deflagrar uma crise melancólica, ora uma crise maníaca, e possibilitar, ainda, após algum tempo, que o indivíduo volte a alcançar uma estruturação maior e uma estabilidade, mesmo que frágil, nos períodos de intervalos livres de sintomas agudos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Todo trabalho importante – deve ter sentido em ti mesmo – exerce uma influência moral. O esforço para concentrar uma determinada matéria e dar-lhe uma forma harmoniosa, eu o comparo a uma pedra atirada em nossa vida interior: o primeiro círculo é estreito, mas se multiplica, e outros círculos mais amplos se destacam.”
(Friedrich Nietzsche – em carta a Deussen).

Procuramos propor, ao longo deste estudo, uma abordagem do quadro psicopatológico da melancolia a partir do referencial teórico da Teoria da Sedução Generalizada, de Jean Laplanche.

Para tanto, utilizamo-nos, em um primeiro momento, de uma revisão do pensamento freudiano a respeito dessa patologia, com a finalidade de construir as bases e fornecer material para sustentar as discussões em torno da melancolia sob a ótica da teoria e dos conceitos laplancheanos, e também de outros autores que contribuem para a construção e a elaboração cada vez maior do arcabouço teórico da TSG.

Tal teoria, com suas noções de descentramento do sujeito e de prioridade do sexual e do outro na constituição do psiquismo humano, aliadas aos conceitos de mensagem enigmática, recalcamientos originário e secundário, processo tradutivo-recalcante, entre outros, nos permitiu situar a melancolia como uma patologia caracterizada de maneira marcante por uma luta entre a ligação e a desligação pulsional, cuja fragilidade do recalcamto secundário não ratifica o recalcamto originário, e eles vêm abaixo, esvanecendo, com isso, os limites intrapsíquicos das instâncias, sendo o aparelho psíquico dominado pela desligação pulsional que o inconsciente encravado veicula por meio de suas mensagens imetabolizáveis, em especial, as mensagens superegoicas. As crises maníacas e melancólicas que observamos nessa patologia consistem, na nossa hipótese, em tentativas arcaicas de defesa por parte das instâncias egoicas contra a desligação que as invade.

A partir disso, faz-se necessário retomar Freud em relação à classificação diagnóstica da melancolia. Sabemos que o autor a situa, ao final de suas teorizações, em um grupo a parte, e do qual é a única representante: o campo das neuroses narcísicas, distinto e separado dos grupos das neuroses e das psicoses. Apesar de afirmarmos, na introdução deste trabalho, nossa crença na classificação da melancolia no campo das psicoses, a compreensão, ainda que parcial, que chegamos acerca desta patologia nos faz questionar tal crença.

Segundo Cardoso (2002), “o estatuto do outro no psiquismo poderia assim ser introduzido como elemento distintivo da neurose e da psicose, estatuto que por sua vez,

depende diretamente do caráter radical ou parcial do fracasso do recalçamento.” (p. 102). Desta maneira, temos que, na melancolia, a oscilação das fases nos leva a pensar alternadamente em fracassos ora parcial, ora radical do recalçamento, em que o outro assume na maior parte das vezes – mas não em todas –, um caráter de presença excessiva e disruptiva que não permite ser simbolizado e assimilado. Com isto, observamos uma inadequação da melancolia em ser classificada tanto no grupo das neuroses, quanto das psicoses.

Como diz Laplanche (1980/1993), “talvez seja também característico o fato de Freud ter conservado – e ter até reservado especialmente – para a melancolia uma denominação bem específica, o que a situa antes na charneira entre a neurose e a psicose: ‘neurose narcísica’.” (p. 293). Além do mais, vimos com Lambotte (1997), que enquadrar a melancolia nas psicoses não permite considerar suas especificidades, e com Abraham (1924/1970), a mobilidade característica da melancolia entre os campos da neurose e da psicose, apesar de que ainda pensamos que tomá-la como psicose, no atendimento desses pacientes, seria mais adequado, especificamente em relação à postura do analista na psicose, que Tarelho (1999) aborda em artigo dedicado à psicanálise de psicóticos.

Neste artigo, Tarelho (1999), ao discutir a respeito das especificidades analíticas do trabalho com a psicose, pela ótica laplancheana, afirma que o atendimento desses pacientes difere do atendimento com neuróticos, principalmente em relação à transferência, à posição que o analista ocupa para o paciente, e por consequência, à postura que o analista deve seguir em benefício do tratamento. Segundo o autor, a análise reinstaura entre analista e paciente uma situação antropológica fundamental, remetendo novamente o paciente à situação originária. Assim, há uma reatualização do enigma do outro e uma possibilidade de reabertura, cuja posição do analista neste caso é de portador do enigma, e sua função seria facilitar o processo de autossimbolização do paciente para que aconteçam destruições e retraduições mais livres, integradoras e saudáveis desse enigma.

No entanto, o outro do psicótico, de acordo com Tarelho (1999), além de ser enigmático, e também todo poderoso, ameaçador e persecutório, e em relação ao qual a grande dificuldade que se coloca não é a de ser trazido à consciência (o que chamamos de reabertura), mas sim a de se tomar distância, a de estabelecer um corte, seja através da simbolização ou do recalque. Daí a incessante necessidade de boa parte dos psicóticos de manter o objeto bem afastado do ponto de vista afetivo ou sob um controle imobilizador. (p. 152).

Se para o neurótico o analista é o portador do enigma, para o psicótico, ele é portador de um veredicto, e pode passar a ser o agente das imposições de tal veredicto. Nesse caso, conforme Tarelho (1999), a análise torna-se inviável. Isso ocorre devido ao fato de que o analista ao fazer, por exemplo, interpretações autocentradas no paciente e, principalmente, pontuando as projeções dos desejos inconscientes do paciente, tais interpretações são sentidas como agressivas e invasivas pelo paciente. Com isso, repete-se em análise o mesmo movimento vivido por ele na situação originária, “isto é, o movimento de inclusão violenta no interior da criança da sexualidade parental, situando-a numa posição de total vulnerabilidade e de total passividade” (p. 153), o que resulta em uma impossibilidade de simbolizar a alteridade intrometida, uma vez que o analista portou-se novamente como portou-se o outro da situação de sedução originária desse paciente.

Assim, é necessário que o analista tenha uma postura que permita ao psicótico reaver de forma ativa, ainda que parcialmente, a alteridade invasiva e as demandas pulsionais externas a que foi submetido na infância e que nele persistem na forma de enclaves psicóticos. Tal atividade em relação ao que vem do outro só é possível de ser realizada a partir do processo de simbolização e autoteorização.

Pensamos, a princípio, que a análise do melancólico, bem como a postura do analista em relação a ele, se assemelhe a essa situação descrita por Tarelho (1999), uma vez que observamos, também no melancólico, dificuldades em fazer um corte na alteridade excessiva, que lhe foi intrometida de maneira violenta, como veredictos, e em decorrência disso, dificuldades nos mecanismos de tradução e recalque que permitam uma simbolização e autoteorização consistente. No entanto, nos faltam elementos clínicos para tecermos considerações relativas à análise de melancólicos.

A esse respeito, concordamos com Cardoso (2000), para quem a “pesquisa sobre questões metapsicológicas e psicopatológicas impõe esforço constante para que se chegue a formulações precisas. Isso obriga-nos a reexaminar nossas idéias permanentemente.” (p.39).

Neste trabalho restam, ainda, pontos em que se faz necessário um maior aprofundamento para que fiquem esclarecidas, por exemplo, as relações complexas entre as instâncias egoicas e ideais e o superego, assim como as relações entre elas com o recalque secundário, aliás, entre recalque primário e secundário também, identificações primárias e secundárias, etc.. Além do mais, nosso trabalho por ser essencialmente teórico, apresenta limitações que apenas um trabalho prático-clínico poderia elucidar, e até mesmo possibilitar outras leituras da melancolia.

Esperamos, contudo, a título de finalização, que esta dissertação possa nortear outros estudos a respeito dessa patologia, e que leve a questionamentos e tentativas de respostas a eles cada vez mais enriquecedoras, com contribuições ao corpo teórico da TSG e à compreensão da melancolia.

REFERÊNCIAS

- Abraham, K. (1924/1970). Breve Estudo do Desenvolvimento da Libido, Visto à Luz das Perturbações Mentais. Em Abraham, K. *Teoria Psicanalítica da Libido: Sobre o Caráter e Desenvolvimento da Libido* (C. M. Oiticica, Trad.; pp. 81-160). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1924).
- Belo, F. R. R. & Marzagão, L. R. (2006). Sobre o Amor. *Percurso*, 37, pp. 45-56. Recuperado em 07 de março, 2012, de <http://www.fabiobelo.com.br/wp-content/uploads/amor.pdf>
- Cardoso, M. R. (2000). O Superego: em Busca de uma Nova Abordagem. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, III (2), 26-41. Recuperado em 12 de julho, 2010, de <http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/jun0/2.pdf>
- Cardoso, M. R. (2002). *Superego*. São Paulo: Escuta.
- Carvalho, M. T. (2003). As fronteiras do Eu na psicose – O trabalho de Paul Federn. *Psicologia em Revista*, 9 (13), 43-58. Recuperado em 10 de julho, 2010, de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/163/176>
- Freud, S. (1895/1996). Extratos dos Documentos Dirigidos a Fliess – Rascunho G: Melancolia. Em Freud, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (J. Salomão, Trad.; v.1, pp. 246-253). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1895).
- Freud, S. (1897/1996). Extratos dos Documentos Dirigidos a Fliess – Rascunho N: Notas III. Em Freud, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (J. Salomão, Trad.; v.1, pp. 304-308). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1897).
- Freud, S. (1910/1996). Breves Escritos – Contribuições para uma Discussão Acerca do Suicídio. Em Freud, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição*

Standard Brasileira (J. Salomão, Trad.; v.11, pp. 243-245). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1910).

Freud, S. (1917/1996). Luto e Melancolia. Em Freud, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (J. Salomão, Trad.; v.14, pp. 245-263). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1917).

Freud, S. (1921/1996). Psicologia de Grupo e a Análise do Ego. Em Freud, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (J. Salomão, Trad.; v.18, pp. 79-155). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1921).

Freud, S. (1923/1996). O Ego e o Id. Em Freud, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (J. Salomão, Trad.; v.19, pp. 15-81). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1923).

Freud, S. (1926/1996). Inibições, Sintomas e Ansiedade. Em Freud, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (J. Salomão, Trad.; v.20, pp. 81-171). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1926).

Hage, A. (2005). Luto e Identificação: a propósito de A Casa de Boneca, de Henrik Ibsen (G. A. R. Mello Neto, Trad.). *Psicologia em Estudo*, 10 (2), pp. 283-287. Recuperado em 21 de setembro, 2009, de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n2/v10n2a15.pdf>

Kehl, M. R. (2009). *O Tempo e o Cão: a Atualidade das Depressões*. São Paulo: Boitempo.

Kristeva, J. (1989). *Sol Negro: Depressão e Melancolia* (2 ed.). (C. Gomes, Trad.). Rio de Janeiro: Rocco.

Lambotte, M-C. (1997). *O Discurso Melancólico: da Fenomenologia à Metapsicologia*. (S. R. Felgueiras, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Laplanche, J. (1980/1993). *Problemáticas I: A Angústia* (2 ed.). (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1980).

- Laplanche, J. (1985). *Vida e Morte em Psicanálise*. (C. Mourão, C. Santiago, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Laplanche, J. (1992a). Implantation, Intromission. Em *La Révolution Copernicienne Inachevée: Travaux 1967-1992* (pp. 355-358). Paris: Aubier.
- Laplanche, J. (1992b). Le Temps et L'Autre. Em *La Révolution Copernicienne Inachevée: Travaux 1967-1992* (pp. 359-384). Paris: Aubier.
- Laplanche, J. (1992c). *Novos Fundamentos para a Psicanálise*. (C. Berliner. Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1997). *Freud e a Sexualidade: o Desvio Biologizante*. (L. Magalhães. Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Laplanche, J. (2001a). Breve Tratado del Inconsciente. Em *Entre seducción e Inspiración: el Hombre* (pp. 61-99). (1 ed.). (J. Agoff, Trad.). Buenos Aires: Amorrortu.
- Laplanche, J. (2001b). La así Llamada Pulsión de Muerte: una Pulsión Sexual. Em *Entre seducción e Inspiración: el Hombre* (pp. 157-180). (1 ed.). (J. Agoff, Trad.). Buenos Aires: Amorrortu.
- Laplanche, J. (2001c). Las Fuerzas en Juego en el Conflicto Psíquico. Em *Entre seducción e Inspiración: el Hombre* (pp. 109-124). (1 ed.). (J. Agoff, Trad.). Buenos Aires: Amorrortu.
- Laplanche, J. (2001d). Notas sobre el Après-coup. Em *Entre seducción e Inspiración: el Hombre* (pp. 53-60). (1 ed.). (J. Agoff, Trad.). Buenos Aires: Amorrortu.
- Laplanche, J. (2003). Três Acepções da Palavra “Inconsciente” no Quadro da Teoria da Sedução Generalizada. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. X (3), pp. 403-418.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1967/2001). *Vocabulário da Psicanálise* (4 ed.). (P. Tamen, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1967).

- Martinez, V. C. V. (2004). “As Malvadas Mães” e o Ciclo de Nirvana: a Melancolia de Segantini. *Pulsional*, ano *VXII*, n.178, pp. 62-74.
- Mello, G. A. R., Neto (2009). Duas Faces do Sujeito. Em Tomanik, E. A., Caniato, A. M. P. & Facci, M. G. D. (Orgs). *A Constituição do Sujeito e Historicidade*. (pp. 249-266). Campinas: Alínea.
- Mello, G. A. R., Neto (2010). *Histeria, Luto e Sedução Generalizada*. Recuperado em 13 de outubro, 2010, de http://www.fundamentalpsychopathology.org/material/congresso2010/mesas_redondas/MR24-Gustavo-Adolfo-Ramos-Mello-Neto.pdf
- Paula, M. P. de. (2011). *A Identificação como Efeito do Processo Tradutivo da Sedução Originária*. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- Ramos, G. A. (2008). *Histeria e Psicanálise depois de Freud*. Campinas: Ed. UNICAMP.
- Simanke, R. T. (2009). *A Formação da Teoria Freudiana das Psicoses*. São Paulo: Edições Loyola.
- Tarelho, L. C. (1999). Reflexões sobre a clínica psicanalítica das psicoses. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, II (3), 146-158. Recuperado em 26 de junho, 2010, de <http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/set9/9.pdf>
- Terrazas, J. G. (2003). Duelo y Melancolía: Comentario del Texto. *Alter Revista de Psicoanálisis*. Recuperado em 23 de julho, 2011, de http://www.revistaalter.com/Seminarios/Gutierrez_Terrazas/DueloyMelancolia/ComentarioDelTexto.htm